

NOEMIA HEPP PANKE

O PAPEL DA REDE DE COMUNICAÇÃO NA
MANUTENÇÃO DO BILINGÜISMO
PORTUGUÊS - ALEMÃO EM DEZ DE MAIO,
TOLEDO - PARANÁ

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

CURITIBA

1993

NOEMIA HEPP PANKE

O PAPEL DA REDE DE COMUNICAÇÃO NA MANUTENÇÃO DO BILINGUISMO
PORTUGUÊS-ALEMÃO EM DEZ DE MAIO - TOLEDO - PARANÁ

Dissertação apresentada ao Curso
de Pós-Graduação em Linguística
de Língua Portuguesa da
Universidade Federal do Paraná,
como requisito parcial à
obtenção do grau de mestre.

Orientador: Cecília Inês Erthal

CURITIBA

1993

Ao esposo Arlindo e aos filhos
Raquel, Luciana e Rafael pela
presença confortante e
estimuladora.

AGRADECIMENTOS

- À professora Cecília Inês Erthal pela orientação e incentivo a este trabalho;
- aos habitantes de Dez de Maio pela recepção e colaboração;
- ao casal Léo Inácio e Ivete Terezinha Anschau pela disponibilidade e auxílio;
- às colegas de estudo e trabalho pela amizade e cooperação;
- ao PICD/CAPES pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURA.....	vi
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	x
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - ESCLARECIMENTO DE CONCEITOS.....	15
CAPÍTULO II - HISTÓRICO DO OESTE DO PARANÁ	
2.1 COLONIZAÇÃO E REDES SOCIAIS.....	21
2.2 CARACTERÍSTICAS ÉTNICAS E RELIGIOSAS DA COMUNIDADE DE	
DEZ DE MAIO.....	30
2.3 LAZER.....	33
2.4 SAÚDE.....	37
2.5 ECONOMIA.....	38
2.6 EDUCAÇÃO.....	41
2.6.1 Tendências Pedagógicas da Escola Miguel Dewes de Dez	
de Maio.....	48
2.6.2 O Papel Social da Escola em Dez de Maio.....	72
CAPÍTULO III - A REDE SOCIAL DE DEZ DE MAIO	
3.1 REDE INSULADA.....	79
3.2 REDE DE REFERÊNCIA.....	88
3.3 DENSIDADE DA REDE	99

3.4 REDE MULTIPLEX.....	107
-------------------------	-----

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS

4.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS -CORRELAÇÃO IDADE E GRAU DE INTERFERÊNCIA.....	110
4.2 CORRELAÇÃO SEXO E GRAU DE INTERFERÊNCIA	146
4.3 CORRELAÇÃO ESCOLARIDADE E GRAU DE INTERFERÊNCIA	151
4.3.1 O papel da Escola na diminuição da interferência	163
4.4 ESTRUTURA SOCIAL E REDE DE COMUNICAÇÃO.....	165

CONCLUSÃO.....	178
----------------	-----

ANEXOS	184
--------------	-----

BIBLIOGRAFIA.....	199
-------------------	-----

LISTA DE ABREVIATURAS

- C.D. - célula dupla;
F. - feminina;
M. - masculina;
S. - sexo;
I. - idade;
Esc. - escolaridade;
4^a - até 4^a série;
2^o - de 5^a série a 2^o grau;
Es. - escola;
Mu. - multisseriada;
R. - religiosa;
Est. - estadual;
At. - atual;
Ex. - externa;
R.C. - rede de comunicação;
A. - aberta;
F. - fechada;
G.I. - grau de interferência;
IMA - interferência maior;
IME - interferência menor;
In.- posição inicial;
Me.- Posição medial;

/X/ ~ /r/ - substituição da fricativa velar /X/ pelo flap
alveopalatal /r/;

/ž/ ~ /š/ - troca da alveopalatal sonora /ž/ pela surda /š/.

RO - rede de origem;

RI - rede de integração;

RR - rede de referência;

V.P. - variante padrão;

V.R. - variante realizada;

R.E. - representação escrita.

RESUMO

O presente trabalho analisa a importância da rede de comunicação na manutenção da interferência da língua alemã na fala do Português, na comunidade de Dez de Maio, distrito de Toledo-PR.

Decidiu-se realizar este estudo porque, lecionando para adolescentes da rede, observou-se a visível interferência entre as duas línguas, apresentada na fala, apesar da exposição dos falantes aos meios de comunicação e ao ensino institucionalizado.

A metodologia adotada foi de observação direta e a análise de dados qualitativa, e, para refutar os resultados das análises labovianas, pelas quais a idade, o sexo e a escolaridade eram relevantes para explicar a interferência, realizou-se a análise correlacional tradicional entre sexo, idade, escolaridade e grau de interferência.

Como nenhuma das correlações realizadas explicasse a interferência, estudou-se a rede de comunicação na qual os portadores da interferência interagiam para testar a hipótese de que as características desta rede social levavam à manutenção da interferência em diferentes graus.

A pesquisa demonstrou que os integrantes da rede estavam ligados por interesses étnicos, religiosos e econômicos, reforçados por fortes laços de parentesco e amizade. Esta situação leva os integrantes a se comunicarem contínua e sistematicamente, atuando nos diferentes segmentos sociais e acumulando diversas funções, como ser vizinho, parente, colega de trabalho e lazer.

Estas características, de acentuada densidade devido às constantes interações e de multiplexidade, pela diversidade de papéis sociais desempenhados, são comuns a redes fechadas.

O insulamento da rede em estudo é resultado da vontade do grupo em se unir para preservar seus valores étnico-culturais, inclusive a língua materna como forma de comunicação grupal. A auto-suficiência, gerada pela privilegiada situação econômica, contribuiu para o seu insulamento, transformando-a numa rede fechada em relação aos valores de redes externas.

O estudo também demonstrou que os diferentes graus de interferência apresentados pelos falantes se devem ao envolvimento dos mesmos com uma rede externa ou seu confinamento na rede insulada local.

Assim, os que contataram com uma outra rede, através da escola ou da família, apresentaram um grau de interferência menor do que aqueles que permaneceram na rede de origem. Mas, embora os que convivessem com rede externa apresentassem um grau menor de interferência, sua origem alemã, como identidade grupal, transparecia na sua fala.

Os valores da rede de origem, que é Dez de Maio, manifestam-se na preservação da cultura alemã e do uso da língua alemã como comunicação grupal.

Devido ao fechamento da rede, seus integrantes, independente de idade, sexo e escolaridade, têm a rede de origem como rede de integração e referência. Sua interação se verifica em diversos segmentos como na Escola, à procura de conhecimento; no Clube, nos momentos de lazer; nas Associações, reivindicando seus direitos; ou na Igreja, antes e depois da missa.

Motivados por esta interação, consequência da dinâmica de sua rede de comunicação, os habitantes não necessitam ou desejam se identificar econômica ou lingüisticamente com outras redes externas, o que contribui para a manutenção da interferência alemã na fala do português.

A pesquisa também demonstrou que a principal característica lingüística dos habitantes de Dez de Maio é o emprego de /r/ medial, em substituição ao /x/, variante padrão da Língua Portuguesa. O emprego de /r/, em vez de /x/, em posição inicial, aparece como característica menos marcante e, o uso de /s/ em substituição a /z/ se apresenta num estágio de maior difusão do que as outras variantes analisadas.

ABSTRACT

The present work, in the area of Interactional Sociolinguistics, focus on the role of communication network in the maintenance of interference of German in the performance of Portuguese in the population of Dez de Maio, Toledo-PR.

The research problem was first detected among a considerable number of teenagers from Dez de Maio who were doing their second degree studies at schools in Toledo and who showed a strong interference in their speech even though they had been exposed to the media and to formal teaching of Portuguese language for many years.

The main hypothesis constructed was that this interference was due to the strength of the communication network to which the speakers belonged and/or strove to belong to.

In order to test this hypothesis, data were collected including two variables which showed the strongest interference in the population: /r/ ~ /x/ (in initial and medial environments) and /z/ ~ /s/ (in initial environments).

As far as methodology is concerned, a Direct Observation Method of research and a Qualitative Analysis of data were adopted and data were presented in various correlations.

Although the research concentrates on the influence of communication networks, traditional Labovian correlations between degrees of interference and age, sex and level of education of informants were made in order to show that they did not suffice in the process of understanding language interference.

The central correlations established between the occurrence of the non-standard variants and Bortoni's types of networks (open-closed; origin/integration/reference) showed that all degrees of interference were strongly linked to closed networks and/or a German reference network.

Some classic works in Interactional Sociolinguistics were revisited and reinterpreted in the light of the results of the present work.

Even the results of the Labovian correlations were reinterpreted in the sense that it became clear that age, sex and education groups have their own sets of typical features because people tend to interact among their equals in sex, age and level of education.

The research also point out that the main identifying linguistic feature of the inhabitants of Dez de Maio is the medial /r/ replacing the standard Portuguese /x/; followed by the initial /r/. The use of /s/ replacing /z/ is showing a higher degree of diffusion than the other variables studied.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo assunto bilingüismo alemão-português em Dez de Maio surgiu quando atuava como professora de Língua Portuguesa no primeiro e segundo graus em Toledo. O contato com adolescentes por nove anos (1981-1989), mostrou que muitos deles mantinham interferência da língua alemã na fala do português. Averiguando a procedência destes jovens constatou-se que a maioria provinha do interior do município, notadamente do distrito de Dez de Maio.

A simpatia dos alunos, a recepção afetiva dos pais nos finais de semana e a frequência às festas locais, foram fatores que permitiram manter contato de modo informal com a comunidade. Além disto, o fato de ser participante ou docente de Cursos de Atualização promovidos pela rede Pública de Ensino, permitiu transformar colegas de profissão da localidade, em amigos. Possuía também características favoráveis à aceitação do grupo pois era professora dos filhos, colega de trabalho, descendente de alemães e falava o dialeto local alemão. Era, enfim, considerada "uma deles".

Assim, o acesso inicial à comunidade se deu naturalmente, sem nenhuma intenção de pesquisa porque a falta de conhecimento teórico, aliado ao fator disponibilidade, descartava esta possibilidade. Neste contato

descompromissado, no entanto, alguns aspectos já eram claramente perceptíveis como a preferência pela língua alemã na comunidade local, a união pela defesa de seus interesses e o cultivo de tradições alemãs relacionadas à religião e lazer.

Já na ocasião, algumas questões despertaram a minha atenção, como, por exemplo, por que motivo jovens em contato com o ensino sistematizado do português ainda apresentavam interferência da língua alemã na fala do português?

Era já do meu conhecimento que a escola local desempenhava um papel relevante na formação dos jovens, desde o surgimento da comunidade. Tinha também conhecimento do empenho comunitário em propiciar melhor qualidade de ensino aos seus membros, os quais concluíam, no mínimo, o 1º grau. Como alunos do 2º grau, não se contestava sua capacidade de aprendizagem, mas, apesar do esforço mútuo (professor x aluno), pouco resultado se obtinha concernente ao decréscimo da interferência do alemão na fala do português. Concluí que deveria existir algum fator muito forte responsável por este fenômeno. Outra questão era: como a comunidade local conseguia manter predominantemente a língua alemã como forma de comunicação estando sujeita à "invasão" do português através dos meios de comunicação, igreja, escola e grupos externos?

Após leitura e estudo de textos, no curso de Mestrado, sobre redes de comunicação, cujos conceitos serão esclarecidos no capítulo I, estas questões suscitaram a hipótese de que a rede de comunicação insulada da comunidade poderia ser responsável pela manutenção da interferência entre as duas línguas embora os habitantes fossem submetidos ao ensino

institucionalizado e expostos a redes externas. Provavelmente, a idade, sexo ou escolaridade não seriam responsáveis diretos pela interferência, mas esta se manifestaria em maior ou menor grau dependendo da interação dos moradores com a rede insulada local ou com uma rede externa. Os negócios ou os estudos proporcionariam a uma parcela da população a convivência com redes externas, enquanto que outro grupo permaneceria na rede insulada. E, esta diferença de rede se refletiria no grau de interferência do falante.

Seria, assim, primeiramente necessário verificar se a rede de comunicação da localidade preencheria as características de rede insulada e depois observar qual seria a influência desta rede na preservação da interferência mútua entre as duas línguas.

As características deste tipo de rede se evidenciam por diversos fatores. Primeiramente, seus integrantes provêm da mesma região (RS), pertencem ao mesmo grupo étnico (alemão) e professam a mesma religião (católica). Depois, seus membros são ligados por laços de parentesco e amizade e desempenham diferentes funções sociais o que contribui para a multiplexidade da rede; e por fim, seus integrantes interagem freqüente e continuamente o que auxilia no aumento da densidade da rede.

Considerando, portanto, que a rede de Dez de Maio preenche as características de rede insulada, multiplex e densa, estabeleceu-se como um dos objetivos do trabalho realizar uma correlação entre escola, rede de comunicação e grau de interferência para verificar se a rede de comunicação

é responsável pela manutenção da interferência entre as duas línguas.

Para tanto, adotou-se o método de observação direta analisando-se, posteriormente, exemplos qualitativos obtidos pela seleção de informantes das duas primeiras escolas, a multisseriada e a religiosa, entre os que freqüentaram o maior número de anos dos quatro oferecidos. Da escola quando estadual, considerou-se o fator rede aberta ou fechada como parâmetro na escolha dos informantes e da escola atual, se selecionaram alunos da 8ª série. Dois elementos de cada sexo, pioneiros alemães e católicos ou seus descendentes foram alvos da pesquisa. Cada uma destas células duplas foi composta de um elemento atuante em rede aberta e de um pertencente à rede insulada local.

Optou-se por estes critérios porque por meio deles pode-se atingir, em primeiro lugar, três fatores que se pretende examinar e mostrar que não são relevantes para justificar a manutenção da interferência: a idade, o sexo e a escolaridade, considerados pela literatura, como fatores importantes para explicar diferentes comportamentos lingüísticos.

Como a escola local apresentou, desde que foi criada, diferentes linhas pedagógicas, achou-se interessante incluir entre os informantes, alunos que foram alvos da ação desta diversidade de linhas e constatar que a Escola, como Instituição, pouco interferiu na eliminação da interferência. Como estas diferentes linhas obedeceram a uma ordem

cronológica, a idade dos informantes se correlaciona com a escola frequentada.

Ainda, o parâmetro de rede fechada ou aberta para compor cada célula dupla foi adotado para identificar a importância da rede social na manutenção da interferência entre as duas línguas. Do mesmo modo, seria necessário que os informantes tivessem as características étnicas e religiosas da rede para poder avaliar o quanto o fechamento da rede era relevante na manutenção da interferência.

O corpus analisado foi resultado da gravação de conversas informais com bilíngües que apresentam a língua alemã como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua aprendida.

O quadro a seguir apresenta o perfil dos informantes que constituem a amostra:

CD	S.	I.	ESC.		ES.					R.C.		G.I.	
F.	F.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME
1	I.B.	46		x	x				x	x			x
	N.E.	50	x		x						x	x	
2	T.B.	38		x		x			x	x			x
	A.R.	37	x			x					x	x	
3	I.B.	23	x				x				x	x	
	A.S.	24		x			x			x			x
	C.S.	13		x				x			x	x	
4	J.P.	14		x				x		x			x

CD	S.	I.	ESC.		ES.					R.C.		G.I.	
M.	M.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME
1	E.S.	50	x		x						x	x	
	N.K.	50	x		x						x	x	
2	A.B.	40	x			x					x	x	
	E.P.	38	x			x				x			x
3	J.L.	18		x			x		x	x		x	
	I.K.	24		x			x				x	x	
	F.H.	14		x				x			x	x	
4	E.S.	14		x				x		x			x

C.D.- célula dupla, F.- feminina, M.- masculina, S.- sexo, I.- idade, Esc.- escolaridade, 4^a- até 4^a série, 2^a- de 5^a série a 2^o grau, Es.- escola, Mu.- multisseriada, R.- religiosa, Est.- estadual, At.- atual, Ex.- externa, R.C.- rede de comunicação, A.- aberta, F.- fechada, G. I.- grau de interferência, IMA- interferência maior, IME- interferência menor.

Os assuntos desenvolvidos durante as conversas foram relacionados com a vida escolar e o cotidiano de cada informante. Neste último aspecto optou-se por assuntos que evidenciassem o tipo de rede em que cada um estava inserido, questionando sobre amigos, local de lazer, companheiros de trabalho sem desprender esforço para elicitare certas pronúncias, permitindo ao informante o emprego de palavras de sua escolha.

Inicialmente, analisou-se a fala dos bilíngües como um todo, sem priorizar pontos específicos de interferência. A seleção de aspectos fonéticos foi realizada após análise da primeira coleta de dados. Realizou-se uma segunda entrevista para confirmar a hipótese, perfazendo, nas duas entrevistas, uma hora de gravação com cada informante.

Estas informações foram usadas como complemento da observação do comportamento lingüístico e social dos habitantes em diferentes situações, desde o relacionamneto familiar até a interação com um grupo maior, na hora de lazer.

Optou-se por esta metodologia porque GAL¹ já sentira dificuldades em apreender, pela gravação, a fala diária e informal dos húngaros em Oberwart pois numa entrevista formal há o emprego de uma fala mais cuidada por parte do entrevistado. Infiltrando-se no meio familiar e religioso, prestando auxílio nas tarefas domésticas e assistindo aos atos religiosos, GAL conseguiu a confiança do grupo e,

¹ GAL, Susan. Language shift: social determinants of linguistic change in bilingual Austria. New York: Academic Press, 1979.

conseqüentemente, o acesso ao dialeto predominante no dia a dia dos habitantes.

Anteriormente a GAL, LABOV² já havia constatado a dificuldade em apreender, pela gravação, o dialeto dos jovens ao realizar o trabalho entre adolescentes negros do Harlem. Ele chegou a introduzir pesquisadores "internos", pertencentes ao grupo para poder se aproximar mais concretamente do dialeto grupal, visto que a formalidade da entrevista inibia os informantes. Sugeriu ainda induzir o informante a lembrar momentos de risco de vida, pois a recordação da ameaça o levariam à descontração e deixaria de vigiar sua fala.

MILROY³ também notou que o respeito por certas regras estabelecidas pelo grupo de trabalhadores de Belfast, como a aproximação física ou o respeito pelo silêncio do dono da casa ao receber uma visita, foram auxiliares importantes para o acesso à comunidade e, em conseqüência, ao dialeto do grupo, o que não havia atingido com entrevista formal.

BORTONI⁴, no seu trabalho realizado em Brazlândia, também realçou a necessidade da aceitação do entrevistador pelos moradores e as estratégias necessárias para criar um clima de descontração e informalidade o que um relacionamento entrevistador e informante não consegue estabelecer numa entrevista gravada, que, pelo seu caráter formal, não mostra o repertório lingüístico real do informante.

² LABOV, William. Sociolinguistics patterns. Oxford : Backwell, 1972.

³ MILROY, Leslie. Language and social networks. Oxford : Basil Blackwell, 1980.

⁴ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. The urbanization of rural dialect speakers. New York : Cambridge, 1985.

No trabalho realizado em Dez de Maio, a observação direta foi facilitada por já ser conhecida por um número significativo de membros da comunidade. O contato com os desconhecidos foi realizado tranquilamente através da técnica "amigo do amigo", usada com sucesso por MILROY (1980) e BORTONI (1985). A partir da constatação de que era amigo de algum habitante, o caminho para ser recebida estava conquistado. Além disto, fui hóspede de um casal de amigos que eram pessoas respeitadas pelo grupo local pela sua dedicação às causas da comunidade, ela, como diretora da escola, e ele, como líder comunitário e vereador. O casal auxiliou na seleção dos informantes pelo conhecimento da história das famílias e pelo fácil acesso ao grupo. Tive assim livre trânsito entre as famílias, igreja e locais de lazer. E, mais, era considerada como parte do grupo por ter algumas características básicas mencionadas anteriormente.

Quanto ao papel como pesquisadora, o prévio conhecimento da comunidade adquirido entre 1981 e 1989, através de alunos e familiares e reforçado pela bibliografia lida, permitiram estabelecer um vínculo de informalidade entre moradores e pesquisador, aspecto muito importante para a realização de observação direta.

Na primeira etapa, realizada em outubro de 1991, contactei com professores, funcionários da escola, estudantes e pioneiros e seus descendente. A permanência inicial de 08 dias foi intercalada de visitas, conversas informais e gravações realizadas nas casas, na escola e no clube.

Na segunda etapa, realizada no início de julho de 1992, procedeu-se a uma nova observação e gravação nos mesmos locais, para confirmar as hipóteses reveladas pelo primeiro contato. E, em novembro do mesmo ano, uma última visita foi realizada para esclarecer dúvidas e complementar algumas informações históricas.

Embora não se pretendesse analisar estilos de fala, verificou-se um desempenho lingüístico diversificado entre os falantes, ao se comparar a fala espontânea, informal, usada no trabalho ou lazer e a fala cuidada e formal no momento da gravação.

Portanto, ciente da diferença do desempenho de acordo com o grau de formalidade, procurou-se observar detidamente o comportamento lingüístico diário, informal, usando a gravação somente para comprovar e reforçar as observações realizadas.

Neste trabalho, para comprovar as hipóteses estabelecidas de que a idade, o sexo e a escola, como instituição, não são significativos em relação à interferência alemã na fala do português dos informantes de Dez de Maio e, para demonstrar que a rede de comunicação na qual o falante interage é relevante no seu comportamento lingüístico, desenvolveu-se um trabalho correlacional, priorizando a correlação escola-grau de interferência e rede social-grau de interferência. A correlação destes fatores é vista como uma garantia de que os mesmos são pouco relevantes na manutenção da interferência entre as duas línguas, mas que o fator determinante é a rede de comunicação na qual os informantes interagem.

É bom lembrar que o método correlacional foi adotado por vários estudiosos da linha laboviana com o objetivo de comprovar suas hipóteses, correlacionando, preferencialmente, os fatores sexo, idade e escolaridade com o comportamento lingüístico dos falantes em análise.

Como exemplo, as conclusões do projeto CENSO (Rio de Janeiro) mostram que mulheres de faixa etária mais alta, de classe média e de alta escolarização têm desempenho mais próximo do padrão nacional.

Entre os pesquisadores que adotaram a metodologia correlacional podem-se citar os já relacionados neste trabalho, como LABOV, (1972) GAL, (1979) MILROY, (1980) e BORTONI (1985) que utilizaram os fatores sexo e idade e escolaridade para demonstrar as características lingüísticas detectadas nessa correlação.

Convém recordar as conclusões de LABOV (1972) relativas à idade, ao verificar a existência de um dialeto próprio entre os adolescentes negros de Harlem, observando também o uso mais acentuado do dialeto entre os rapazes do que entre as moças .

GAL (1979) também observou maior preferência pelo húngaro em relação ao alemão entre os mais velhos em Oberwart, notando que tanto os homens quanto as mulheres de mais idade, sendo agricultores, optavam pela língua húngara. Na ocasião, concluiu que a correlação sexo e idade não era suficiente para comprovar sua hipótese, portanto, introduziu outro fator correlacional que foi a profissão (agricultor).

MILROY (1980) mostrou em sua pesquisa, realizada em três bairros de trabalhadores de Belfast, que os homens tinham a tendência de reter mais intensamente o dialeto do bairro do que as mulheres. Observou ainda a existência de grupos masculinos divididos pela idade que possuíam características linguísticas diferentes. Além disto, a localização geográfica dos bairros parecia um fator determinante do uso dos dialetos, sendo utilizado por MILROY para explicar a diferença na fala dos informantes.

BORTONI (1985), por sua vez, analisando a fala dos migrantes rurais em Brasília, concluiu que os mais velhos mantinham o dialeto de sua origem, o caipira, em maior grau e por mais tempo do que os mais jovens. Da mesma forma, as mulheres preservavam como forma de comunicação o dialeto caipira demorando mais do que os homens para adquirir outra variedade dialetal. Para verificar a causa deste fato, se valeu de outro fator que foi o de integração urbana, concluindo que este era relevante na aquisição de nova variedade ou na difusão dialetal entre os migrantes.

Apesar destas correlações, as três pesquisadoras encontraram situações, que serão analisadas posteriormente, em que os fatores escolhidos não foram suficientes para explicar determinados comportamentos linguísticos, constituindo exceções às regras estabelecidas.

Na comunidade em estudo, notou-se a existência de pouca variação no repertório linguístico dos informantes pois o assunto desenvolvido se relacionou, basicamente, com os interesses do falante na área do lazer e trabalho, e, como

estes interesses eram comuns, o fato repercutiu no vocabulário empregado.

Embora a metodologia adotada no presente trabalho seja a qualitativa, para garantir que o emprego das variantes não foi accidental decidiu-se relacionar as dez primeiras palavras da gravação nas quais os informantes utilizassem a fricativa velar /x/ e o flat alveopalatal /r/, em posição inicial e medial, e a troca realizada por eles entre a alveopalatal fricativa sonora /ʒ/ pela surda /ʃ/, em posição inicial.

Optou-se pela análise destas três variantes, pois através da observação direta, reforçada pela gravação de uma hora com cada um dos informantes, constatou-se a existência destas características de modo marcante e comum a todos, independente de idade, sexo ou escolaridade, embora o fenômeno ocorresse em graus diferentes.

A partir daí, realizou-se o levantamento do número de ocorrências da interferência, considerando-se o parâmetro de 06 a 10 como grau de interferência maior (IMA), e de 00 a 04 como grau de interferência menor (IME).

Para desenvolver estes aspectos dividiu-se o trabalho em 04 capítulos. No primeiro, definiram-se os conceitos norteadores deste trabalho. No segundo, ressaltando o papel das redes sociais, mostrou-se o contexto social, econômico e político no qual se desenvolveu a comunidade em estudo. Ainda no mesmo capítulo apresentaram-se as características étnicas e religiosas, as opções de lazer, a preocupação com a saúde, a evolução da economia e a importância da educação, que são relevantes para o grupo, desenvolvendo-se um paralelo entre

estas questões tendo por parâmetro o início da colonização e os dias atuais.

Como se pretendeu, neste trabalho, averiguar o papel da Escola na manutenção da interferência entre as duas línguas, analisaram-se também as tendências pedagógicas e filosóficas da instituição desde o seu surgimento.

No terceiro capítulo, tentou-se comprovar que a rede social da comunidade preenche as condições necessárias para ser uma rede insulada, multiplex, e de considerável densidade. Mostrou-se que, provavelmente, estas características são mantidas porque a rede de origem é também a rede de referência e integração dos habitantes.

Finalmente, no quarto capítulo, realizou-se a análise dos dados coletados estabelecendo-se uma correlação entre idade, sexo, escolaridade, rede social e grau de interferência. Concluindo o capítulo, discorreu-se sobre a relevância das redes sociais na manutenção da interferência da língua alemã na fala do português.

CAPÍTULO I -- ESCLARECIMENTO DE CONCEITOS

O conceito **rede de comunicação, reflexo da rede social**, é definido pela literatura como a interação de um grupo de pessoas com interesses similares e que se sentem ligadas por diferentes fatores como **etnia, valores sociais e culturais, religião ou situação econômica.**

Nas palavras de BORTONI⁵:

Em sentido amplo, a análise de redes sociais é o estudo das relações que existem em um determinado sistema. Quando se trata de sistemas sociais, a análise de redes é uma estratégia estrutural, aplicada ao estudo das relações entre os indivíduos do grupo.

A união, motivada por alguns dos aspectos citados leva, geralmente, ao fortalecimento grupal resultando numa estrutura social e cultural e algumas vezes, econômica própria. Com esta atitude, o grupo se isola de outros e mantém valores e características específicas que podem gerar um tipo de rede denominada **insulada**, em oposição à **integrada**, que se relaciona e interage com grupos de características ou valores diferentes dos seus.

⁵ BORTONI, Stella Maris. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In TARALLO, Fernando (org.). São Paulo: Pontes, 1989: 168.

Quando uma **rede de comunicação** se apresenta **insulada** alguns aspectos se tornam evidentes. Como por exemplo, o grupo concentra e absorve as funções sociais iminentes ao mesmo, o que corresponde dizer que uma mesma pessoa pode se relacionar de diversas maneiras como ser parente, amigo, colega de trabalho ou de lazer. Esta é uma característica de **rede multiplex** enquanto que a **uniplexidade** condiz, geralmente, com **rede integrada** pois cada membro tem seu papel específico no conjunto das relações.

Como numa **rede insulada e multiplex** as mesmas pessoas desempenham vários papéis sociais no mesmo grupo, sua interação, provavelmente, será contínua, freqüente e genérica, o que evidenciará outro aspecto de **rede insulada** que é apresentar um grau considerável de **densidade**. Esta característica de **rede mais densa** se deve portanto, ao entrelaçamento, à generalidade e à freqüência das comunicações entre os componentes da **rede insulada**, em oposição a uma **rede menos densa**, resultando de interações menos freqüentes e genéricas comuns às **redes integradas**.

BORTONI (1989), também enfoca estes aspectos, ao afirmar que:

A pressão de uma comunidade pode ser avaliada usando-se três parâmetros: a densidade, a multiplexidade e a complexidade de papéis sociais. O conceito de densidade é equivalente à noção matemática de completeza, i. e. o número máximo de ligações que poderiam existir. Em comunidades pequenas e tradicionais onde todo mundo conhece todo mundo, a densidade é alta, nas grandes cidades, por outro lado, a densidade é baixa. Aliada à alta densidade, ocorre a multiplexidade, ou seja, as pessoas se relacionam em diversas condições, como parentes, vizinhos, parceiros no trabalho, no lazer, etc. em comunidades de baixa densidade, os laços tendem a ser "uniplex", e não "multiplex". Exemplos de relações "uniplex" são as que se estabelecem

entre patrão e empregado ou médico e paciente, nas sociedades urbanas e tecnologicamente desenvolvidas.⁶

Considera-se para este trabalho, uma rede **insulada, multiplex e mais densa** como uma **rede fechada** em relação às redes externas porque elas, muitas vezes, apresentam características sociais, culturais e lingüísticas diferentes da fechada, como serem **integradas, uniplex e menos densas**, portanto, **abertas** ao relacionamento com outras redes.

Além destas características que fazem parte de uma rede social **aberta ou fechada**, é interessante observar a **rede de origem** de seus componentes. Ela tem suas peculiaridades sócio-econômicas-culturais e também lingüísticas que podem ser detectadas no comportamento e no uso da linguagem dos seus integrantes. Ainda, as pessoas no desempenho de suas funções sociais, interagem num determinado grupo que constituirá sua rede de **integração**.

O fato da **rede de origem (RO)** não ser a de **integração (RI)** não implica necessariamente em deslocamento geográfico pois uma pessoa pode **viver** num determinado espaço físico, porém não **conviver** com o grupo que a rodeia. Quando isto acontece é sinal de que o indivíduo tem uma outra **rede de referência (RR)** que representam suas aspirações sócio-econômica-culturais ou lingüísticas, não satisfeitas pela rede de origem ou integração.

⁶ Op. cit.: 169.

Ainda BORTONI, referindo-se à predisposição dos indivíduos a se identificarem com um determinado grupo social, coloca:

O conceito de grupo de referência é especialmente útil no entendimento deste processo. Dois lingüistas contemporâneos, William Labov e Robert Le Page, embora sigam tradições diferentes (o primeiro como sociolingüista e o segundo como criolista) dão especial ênfase ao conceito de grupo de referência.

Segundo Le Page (1980), um falante cria suas regras lingüísticas de modo a se aproximar dos membros do grupo com o qual ele deseja identificar-se, no momento do enunciado de cada ato de fala. Por isso cada ato de fala é visto como um ato de identidade.

Labov, (1966) explorou a hipótese do conflito entre o que denominou orientação para o prestígio e orientação para a identidade. O autor mostra como o prevalecimento de uma ou outra orientação depende muito dos padrões de mobilidade social.⁷

Porém, estes três aspectos (RO, RI, RR) podem se referir a uma só rede, como no caso de uma pessoa que se origina, interage e tem como referência a mesma rede. Se esta centralização é coletiva, a tendência da rede é de insulamento pois o grupo não se motiva em contatar com outras redes porque a sua o satisfaz em todos os aspectos.

A análise de redes sociais sob diversos prismas foi, primeiramente, objeto da Sociologia e da Antropologia Social, conforme parecer de BORTONI (1989), mas o assunto tem sido motivo de interesse na área da linguagem, como em alguns trabalhos Sociolingüísticos que serão abordados no decorrer deste estudo, o que demonstra a relevância das redes de

⁷ Op. cit.: 170-171.

comunicação para explicar o comportamento lingüístico de falantes de diferentes grupos sociais.

Cita-se a pesquisa de GAL (1979) na qual, embora não adote a terminologia **rede de comunicação** ou **rede social**, o conceito está subjacente, ao relacionar o comportamento lingüístico dos informantes húngaros de Oberwart, Áustria, ao grupo social a que pertencem. GAL também, implicitamente, analisa a **rede de origem, integração e referência** dos moradores pela escolha da língua húngara, com menor prestígio, ou da língua alemã, com maior prestígio social. Aqueles que fazem da rede de origem húngara, sua rede de **integração e referência** optam por esta língua, mas os húngaros que interagem na rede alemã e que a têm também como rede de **referência** preferem o alemão, renegando, com esta atitude, a língua de sua rede de **origem**.

No entanto, esta metodologia foi adotada somente para justificar as atitudes lingüísticas de informantes, considerados exceções, porque as correlações tradicionais de **idade, sexo e escolaridade** não conseguiram dar conta dos resultados.

Mais tarde, MILROY (1980) discutiu a **multiplexidade e densidade** das **redes de comunicação**. Observou que os integrantes de redes **multiplex e densas** de três bairros de trabalhadores de Belfast apresentavam características próprias relativas ao uso da língua, não próximas à fala padrão.

BORTONI (1985) centrou sua atenção na discussão dos conceitos de **rede insulada e integrada**, mostrando o

comportamento lingüístico conseqüente de uma maior integração ou insulamento de rede dos informantes.

A comunidade de Brazlândia (Brasília) foi a escolhida para analisar a difusão dialetal entre migrantes rurais que se estabeleceram no local, tendo por hipótese de que o grau de integração à vida urbana se refletiria na adoção de outro dialeto, não necessariamente o padrão. No entanto, a relação entre rede social e escolha lingüística foi realizada para explicar as exceções que se verificaram no decorrer da pesquisa.

Embora estas autoras tenham utilizado as **redes sociais** com a finalidade de explicar as exceções à regra encontradas no seu trabalho, as discussões realizadas a respeito do assunto tornaram seu campo de estudos mais abrangente. Um tema até então objeto da Sociologia e da Antropologia Social, tornou-se relevante para compreender o comportamento lingüístico do falante, e ao mesmo tempo, abriu perspectivas para pesquisas com diferentes enfoques sobre a questão.

CAPÍTULO II - HISTÓRICO DO OESTE DO PARANÁ

2.1 COLONIZAÇÃO E REDES SOCIAIS

Para compreender as características econômicas, étnicas e a rede de comunicação da comunidade em estudo, é necessário conhecer o processo de colonização da parte mais ocidental da micro-região denominada oeste paranaense⁸.

Conforme WACHOWICZ⁹ esta área abrange atualmente, uma extensão aproximada de 15.000 km² possuindo uma população superior a 500.000 h sendo constituída pelos seguintes municípios : Cascavel, Céu Azul, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguçu, Foz do Iguçu, Santa Helena, Toledo, Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Terra Roxa e Nova Santa Rosa. Embora tivesse havido interesse do governo Estadual e Federal, a colonização da região se deu por iniciativa privada após 1945.

Diversos fatores contribuíram para a não concretização do desbravamento da região por parte do poder instituído.

Uma das causas foi a série de acordos sobre navegabilidade, assinados no início da década de 1850, pelos países da bacia do Prata (Brasil, Argentina e Paraguai). Com

⁸ Vide mapa no anexo I.

⁹ WACHOWICZ, Rui Christovam. Obrages, mensos e colonos. 2a ed. Curitiba : Vicentina, 1988: 09.

estes tratados o Brasil passou a usar os rios Paraná e Paraguai para chegar ao Mato Grosso; e à Argentina, através do rio Paraná, era permitido navegar da Foz do Iguaçu até as Sete Quedas.

Por esta razão, a região oeste do Paraná ficou mais exposta à penetração Argentina, por via fluvial, do que à ligação por terra com grandes centros brasileiros, o que resultou no surgimento de uma rede de comunicação integrada com a Argentina, em terras brasileiras.

Ainda, a iminência de uma guerra com o Paraguai (1864-1869) fez com que o governo Imperial e paranaense concentrassem todos os esforços e recursos para tentar a ligação terrestre entre a província do Mato Grosso e os principais centros decisórios do país, como interligá-la ao porto de Antonina. Economicamente, este investimento obteve pouco retorno porque, devido a privilégios concedidos a São Paulo pelo governo Imperial, o movimento centrou-se no Porto de Santos e não em Antonina, como se esperava. Mas, o fato repercutiu no abandono de outros projetos, como a colonização do oeste do Paraná.

Como terceiro fator, deve-se considerar que devido ao desentendimento entre políticos civis e forças armadas, não foi concretizada também, a idéia, discutida desde 1880 pelo Ministério da Guerra, de fundar uma colônia militar na região por ser considerada um ponto estratégico para a segurança nacional. Os políticos assumiam uma posição negativa às propostas dos chefes militares pois estes haviam se negado a

desempenhar a função de Capitão do Mato, perseguindo e prendendo escravos fugidos das grandes fazendas de café.

Os políticos, proprietários de numerosa escravaria, sentiam-se prejudicados com este posicionamento e portanto, não facilitavam a aprovação dos projetos emanados dos dirigentes do Exército.¹⁰

Assim, a região era ocupada, principalmente, pela rede argentina representada pelo sistema de "obrages", comum na Argentina e Paraguai. O "obragero", era o proprietário que explorava a erva mate e o corte de madeira, usando a mão de obra dos índios paraguaios, os "mensus", que trabalhavam em regime de semi-escravidão. Estes trabalhadores eram desembarcados por navios argentinos nas margens do rio Paraná e aí fundavam o "porto", que era um povoado no qual se armazenavam a erva mate e a madeira extraídas do sertão paranaense que depois eram transportados para a Argentina. O período de funcionamento deste "porto" dependia da fartura do material a ser coletado na região. Este grupo de trabalhadores parece não ter constituído uma rede de comunicação efetiva pois havia muita rotatividade de pessoas e os "portos" eram efêmeros demais para permitir uma integração ou criação de valores próprios.

Conhecedor da possibilidade de um total domínio argentino, devido ao descaso institucional, o governo Imperial tentou estabelecer, finalmente, uma colônia militar com o objetivo de fortalecer a "fronteira guarani". Os militares e colonos destacados para a missão e que chegaram em 1889,

¹⁰ WACHOWICZ, Op.Cit.: 21.

encontraram somente 09 brasileiros entre as 324 pessoas aí estabelecidas.⁴⁴ A adaptação foi difícil devido ao meio hostil e à rede argentina que dominava a região e que continuou abastecendo o local com roupas, alimentos e bebidas através de seus navios. Por este motivo, a colônia brasileira não progrediu e, em 1912 a sua administração foi entregue ao governo do Paraná.

Enquanto que a fixação de brasileiros não vingava na região, a rede argentina, constituída pelas "obrages", se expandia rapidamente e em 1930 havia mais de 10.000 habitantes provenientes desta exploração, os quais se dedicavam então à exploração da madeira.

Outros fatos foram responsáveis, de forma indireta, pela colonização do oeste do Paraná pois os "tenentes" revoltosos da revolução de 1924, contra o governo de Artur Bernardes, se refugiaram em Foz do Iguaçu, aguardando tropas aliadas de Luís Carlos Prestes.

Estas tropas, tanto rebeldes como legalistas que aí combateram, ao voltar a sua terra, relataram o que se passava na região. O que haviam observado era o domínio lingüístico e econômico dos argentinos, pois a língua falada era o espanhol, o dinheiro usado era o peso e os impostos e taxas eram cobrados em moeda argentina. A rede era centrada na Argentina e os brasileiros não possuíam nenhuma forma de se impor.

Esta situação resultou em algumas medidas Estaduais, após 1930, com a finalidade de nacionalizar a "fronteira guarani". Entre elas exigia-se que os documentos oficiais, os

⁴⁴ WACHOWICZ, Rui Christovam. *História do Paraná*. 6.ed. Curitiba : Vicentina, 1988: 226.

anúncios comerciais, as listas de preços e os avisos fossem escritos em português e que os impostos e taxas fossem pagos em moeda brasileira.

Esta atitude teve como reflexo a reação do governo federal e auxiliou indiretamente na colonização do oeste e na formação de uma rede de comunicação brasileira. Getúlio Vargas, na época do Estado Novo, juntamente com políticos gaúchos, pretendia criar um novo Estado da Federação, aglutinando terras do oeste de Santa Catarina, sudoeste e oeste do Paraná. A medida visava atender aos interesses dos empresários gaúchos que pretendiam usar o excedente da mão de obra gaúcha, transformando o Território Federal do Iguaçu numa extensão cultural do Rio Grande do Sul e ainda garantindo compradores para os produtos industrializados riograndenses. Além disto, o grupo pretendia resgatar a liderança política nacional perdida para São Paulo e Minas Gerais devido ao avanço econômico destes dois Estados. O Estado do Iguaçu foi realmente criado pelo decreto 5812 de 1943, mas após a destituição de Getúlio Vargas, a Constituinte de 1946 o dissolveu.

Embora as atitudes governamentais não resultassem em colonização, o interesse pela região estava criado. A penetração das tropas, a constatação do abandono da região pelos brasileiros, as perspectivas de enriquecimento devido à fertilidade do solo e às riquezas naturais, fizeram com que alguns desbravadores se aventurassem em conhecer o oeste paranaense. Dois gaúchos, de origem italiana, Alfredo Paschoal Ruaro e Alberto Dalcanate, conhecedores de negócios e assuntos

rurais resolveram confirmar a existência de terras promissoras e aproveitáveis economicamente na região.

Os dois pioneiros compraram dos ingleses a "Compañia de Maderas del Alto Paraná" e a transformaram na "Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A.", em 13-04-46, com capital do Rio Grande do Sul. A transação foi documentada no Registro Geral de Imóveis de Foz de Iguaçu, sob número 1460, folhas 14 e 15, do livro nº 03 em 16-09-46.¹²

Esta Comercial foi mais tarde conhecida como Maripá, que era na ocasião, a sigla usada como endereço telegráfico. Seu principal objetivo era a compra e venda de terras, a extração, exportação e industrialização de madeira.

Como consequência destas atividades surgiu o município de Toledo, numa área que constituía a Fazenda Britânia com 274.846 ha de mata virgem e 113.534 alqueires paulistas.

A industrial Maripá, com suas atividades, iniciou através da rede gaúcha, a colonização da região. Parece que a partir da fixação desta rede, os brasileiros começaram a ter domínio sobre a área, verificando-se um decréscimo da infiltração argentina e guarani. Na realidade, a intenção do governo federal em explorar a região via R.S. aconteceu por iniciativa privada e não governamental.

Neste processo de colonização, a Maripá planejou antecipadamente sua linha de ação e se concentrou em atingir 05 objetivos considerados básicos.

¹² SILVA, Oscar. BRAGAGNOLLO, Rubens. MACIEL-FERNANDES, Clori. Toledo e sua história. Toledo : Prefeitura Municipal, 1988.

O primeiro, realizado entre 1946 e 1950, consistiu no desbravamento, com abertura de "picadas" para o acesso dos caminhões de pioneiros e a comercialização de terras.

Os colonos que vieram neste período, eram principalmente, de descendência italiana, da região de São Marcos, Caxias do Sul e Farroupilha, RS. Levaram 31 dias para chegar até Cascavel, localidade próxima da então Fazenda Britânia. Embora imbuídos de espírito aventureiro, estes desbravadores não resistiram às investidas dos mosquitos, abundantes e transmissores de doenças, e abandonaram a jornada.

Para evitar o fracasso do empreendimento, o grupo italiano, que havia descoberto e realizado o negócio e detentor de 33% das ações, contratou a mão de obra paraguaia. Estes, remanescentes dos "mensus", habituados às dificuldades da região, foram os responsáveis pela derrubada da mata e o acesso a Toledo. Portanto, a rede paraguaia teve o seu papel no desbravamento da região.

Neste primeiro estágio, (1946-1949), a exploração da madeira foi o principal objetivo econômico porque era necessário "limpar" a terra, coberta de matas, para permitir aos colonos cultivá-la.

Depois da conclusão desta primeira etapa, o pioneiro Alfredo Paschoal Ruaro, demitiu-se do cargo e iniciou suas atividades numa outra firma colonizadora, a Pinho e Terras Ltda.

Assim, o grupo acionista majoritário alemão (66%), dirigido por Willy Barth, deu início à segunda fase da

história da Maripá, que deixou de ser somente Maripá madeireira para se tornar Maripá colonizadora .

Este segundo objetivo atingiu-se após 1950, com o assentamento das famílias. As pessoas ideais, conforme a empresa, seriam pequenos agricultores adaptáveis à região, de preferência gaúchos descendentes de alemães e italianos há bastante tempo aclimatados no Brasil e considerados de mão de obra esmerada e dedicada por possuírem experiência na criação de suínos, fabricação de queijo e cultura polivalente.

O próximo objetivo da empresa consistia na transformação do oeste no "celeiro do Paraná"¹³, o que seria possível com a estabilidade agrícola, prevenindo-se contra calamidades climáticas através do cultivo de diferentes produtos que compensariam uma eventual perda. Além deste fator, pensou-se em outro que evitaria a formação de latifúndios improdutivos, dividindo-se a fazenda Britânia em sistema de lotes longos, usados na Alemanha o que resultou em 10.000 colônias com aproximadamente 10 alqueires paulistas que seriam ocupados por 10.000 famílias. Para a formação de vilas e cidades seriam reservadas áreas menores, como chácaras de 2.5ha a 25.000m cada, dentro das colônias.

Para que estes objetivos fossem alcançados a responsabilidade da venda das terras foi legada a gaúchos alemães ou italianos que se deslocavam para o Rio Grande do Sul ou Santa Catarina e convenciam pequenos agricultores a comprar terras da Maripá. Estes sentiam-se atraídos pela riqueza das terras e pelos preços acessíveis estipulados. A

¹³ SILVA, Op. cit.: 87.

partir daí, consolidou-se a rede alemã e italiana e evitou-se a vinda de aventureiros que não preenchiam as características estabelecidas pela Maripá.

A política etno-cultural religiosa aplicada pela Maripá, foi arquitetada por Willy Barth. Ele alterou a política inicial seguida por Ruaro e que se refletiu na composição étnica e religiosa apresentada até hoje em Toledo. A nova política não misturava no local, descendentes de italianos e alemães, católicos e protestantes. As comunidades deveriam aglutinar pessoas da mesma origem étnica e religiosa. Elas deveriam conviver pacificamente, com respeito mútuo, porém viver isoladamente.¹⁴

Esta atitude inicial dos responsáveis pela colonização auxiliou na consolidação de redes de comunicação insuladas como a que é objeto de estudo neste trabalho.

Depois de ter atingido os 03 primeiros objetivos, considerados essenciais, a companhia se preocupou em atingir os dois restantes. Um deles exigia o escoamento da produção que foi realizada via fluvial para São Paulo porque não havia estradas adequadas para Curitiba. O próximo passo, o da industrialização, a empresa deixou a cargo dos futuros investidores, restringindo-se à instalação de carpintarias, funilarias, serrarias, moinhos e oficinas mecânicas.

Com estas 05 etapas cumpridas, sentiu-se necessidade de planejar a demarcação urbana para o começo do povoamento, instituindo-se áreas para a cidade de Toledo e mais treze núcleos urbanos. Os primeiros núcleos que surgiram foram os de General Cândido Rondon, Novo Sarandi, Quatro Pontes e Dez de

¹⁴ WACHOWICZ, 1988 : 177.

Maio, que foi o primeiro distrito a ser criado pela lei municipal nº 17 de 16/07/53.¹⁵

1.2 CARACTERÍSTICAS ÉTNICAS E RELIGIOSAS DA COMUNIDADE DE DEZ DE MAIO

A partir de 1947 a venda das terras deste distrito foi realizada por Miguel Dewes, gaúcho de descendência alemã, que trouxe para a localidade, em 1949, famílias do R.S., notadamente de Cerro Largo e adjacências. Os pretendentes às terras podiam adquiri-las desde que satisfizessem duas condições, decorrentes do processo de colonização, que eram "serem de descendência alemã e católicos. Formou-se assim, no começo da colonização, uma rede gaúcha, alemã e católica e as características iniciais deste grupo se manifestam até hoje pela conservação da fala alemã e cultivo dos valores culturais alemães.

Desde a vinda das primeiras famílias em 1949, até os dias atuais, os habitantes foram conquistando privilégios negados aos pioneiros como ter acesso a diversos meios de comunicação, à educação sistematizada e bens de consumo. No entanto, os componentes do grupo demonstram ainda, na fala, uma interferência mútua entre as duas línguas aprendidas, a alemã e a portuguesa.

Deve-se atentar para o fato de que apesar do progresso econômico e suas conseqüências materiais, as características iniciais da comunidade se modificaram muito pouco desde o

¹⁵ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Com licença, somos distritos de Toledo. 2. ed. Cascavel : Assoeste, 1988.

início da colonização há quarenta anos atrás. A quase totalidade da população continua de origem alemã que se distribui em aproximadamente 2.000 na sede do distrito e outros 2.000 entre as linhas de Santa Terezinha, Quatorze de Dezembro e São Salvador.¹⁶ A minoria dos habitantes, os descendentes de italianos e "nortistas" (10%),¹⁷ segregam-se nas "linhas"¹⁸ Cerro da Lola e Km 41.

Quanto à questão religiosa, continua a predominar o catolicismo. A Igreja, no início da colonização, desempenhava, ao lado da escola, uma função relevante na comunidade em formação. Tanto que a preocupação inicial dos pioneiros foi construir uma pequena escola que servia de igreja quando vinha o padre de Toledo rezar missa e atender os moradores, realizando batizados, casamentos e enterros.

Após a constituição da Paróquia Sagrada Família, em 1958, os padres que atuavam no local foram alemães natos ou descendentes.

O primeiro padre, João Verner, atuou por 20 anos na comunidade e foi a primeira ligação com a rede externa, também alemã. Quando jovem, o padre teve que interromper seus estudos seminarísticos na Alemanha para servir no exército de Hitler, na Segunda Guerra Mundial. Depois do conflito ordenou-se padre e veio trabalhar no Brasil, assumindo a paróquia de Dez de Maio.

¹⁶ Depoimento de L.I.A., líder comunitário e vereador.

¹⁷ Nortistas: provenientes do norte do PR, provavelmente do interior de SP e dos Estados do Nordeste do Brasil.

¹⁸ Subdivisão de um distrito, normalmente composta por uma capela e algumas casas.

Um dos trabalhos prioritários do padre foi enviar jovens locais para seminários e conventos com verbas da Alemanha. Diversos rapazes e moças aproveitaram a oportunidade, talvez por não terem a rede agrícola local como rede de referência, estudaram e permaneceram numa rede externa. Como consequência, durante a permanência deste padre, formaram-se 13 padres e aproximadamente 8 freiras. O incentivo para a vida religiosa decresceu com a partida do padre João Verner, em 1978, conforme depoimento de pioneiros.

O dinamismo e trabalho do padre tornaram-no uma autoridade respeitada pelos moradores que acatavam suas decisões, como por exemplo, confiar a direção da escola local a uma ordem religiosa, em 1962.

Ao lado do interesse do padre em auxiliar na educação dos jovens, havia também a preocupação em preservar o forte espírito religioso entre os pioneiros, constituídos majoritariamente por alemães e católicos. Embora a missa fosse rezada em português, como consequência da política de aculturação de Getúlio Vargas, à qual se voltará a fazer referência neste trabalho, a comunicação informal entre a Igreja, representada pelo padre, e os moradores, dava-se em língua alemã, estendendo-se o seu uso aos momentos de maior intimidade, como na confissão. Portanto, o uso da língua portuguesa restringia-se às cerimônias formais e oficiais.

Parece evidente que a Igreja, através deste religioso, que atuou por um período considerável de tempo no local, foi uma importante incentivadora da preservação da língua alemã e

dos valores étnicos, auxiliando com isto, no insulamento do grupo.

Os padres destacados para Dez de Maio, subseqüentemente, foram também de origem alemã e é provável que a comunidade tenha interferido junto à Igreja para que isto acontecesse. Estes religiosos, no entanto, não permaneceram muitos anos no local e não se envolveram tão profundamente com o grupo como o padre João Verner.

Em decorrência deste fato, a ligação com redes externas foi gradativamente assumida pelos professores locais, pois a escola estava desempenhando o papel de integradora do grupo, o que anteriormente era realizado pela Igreja.

Os hábitos da população, relativos à religião, parece não terem mudado muito desde a colonização. As pessoas freqüentam a igreja semanalmente e formam pequenos grupos antes e depois da missa para conversar. O momento é de integração e a língua predominante é a alemã. Os moradores participam de procissões, da visita da **capelinha** às casas e das promoções festivas da igreja, sob a orientação de um padre austríaco, cuja origem transparece na sua fala.

O que se pode ressaltar, em relação ao papel da Igreja na vida das pessoas, é que no início da colonização, era o local preponderante de encontro e de lazer. Hoje, há vários outros interesses e opções oferecidos aos habitantes.

LAZER

O lazer, na época da colonização, consistia em contemplar a natureza, na roda do chimarrão, na caça de

pequenos animais, nas pescarias ou na leitura da bíblia, jornais religiosos e eventualmente um romance, sendo a grande parte destas opções escritas em alemão. Mais tarde apareceram as matinês e os bailes de varanda ao som de bandônios e gaitinhas de boca participando toda a família do acontecimento. Os casamentos sempre foram motivos de festa que reuniam todas as famílias e eram realizados na casa da noiva. Atualmente, se realizam no clube local com convidados escolhidos. Os noivos, do início, se locomoviam de charrete ou a cavalo ornamentados para o dia. Hoje, comparecem à igreja de carro.

Ao lado destas opções, a partir de 1961, apareceram os campos de futebol em potreiros, que objetivavam reunir amigos para jogar. Os times eram improvisados e as disputas se realizavam por prazer. Gradativamente, os times foram se organizando o que resultou na formação de um clube que possui instalações esportivas estendendo-se as mesmas às linhas do distrito. O clube, Socedema, cede suas dependências para a prática de esportes da escola e são também usadas para a reunião de grupos da comunidade, como a Associação de Moradores, de Idosos, de Cooperativistas, de Jovens, do Grupo Folclórico.

Certas atitudes da comunidade, ligadas ao lazer, evidenciam a força da rede no intuito de alcançar benefícios para a localidade. É o que se verificou quando se iniciou a "Festa do Frango" em 1985, que surgiu com o objetivo de divulgar o distrito e chamar a atenção das autoridades

municipais para a necessidade de asfaltamento da estrada que liga o local à cidade de Toledo.

A festa repercutiu positivamente atraindo pessoa de localidades vizinhas pela excelente comida à base de frango e o tradicional café colonial à moda alemã. O sucesso da festa foi complementado em 1990 com a exposição industrial, comercial e artesanal da região, comparecendo aproximadamente 10.000 pessoas. A organização da festa é realizada em forma de mutirão, onde cada qual tem sua tarefa estabelecida e o lucro também é aplicado na comunidade, sendo os recursos gerenciados pelas entidades locais beneficiadas, que são a igreja, o clube, a escola e a Associação de Moradores.

Como resultado de um trabalho comunitário, nestes sete anos de realização da festa, o distrito obteve a divulgação esperada e o asfalto da estrada Dez de Maio-Toledo foi construído.

As festas tradicionais de natal e páscoa, inspiradas em costumes europeus, não se modificaram com o passar dos anos. No natal, enfeita-se o pinheirinho com bolas coloridas e algodão para simular neve e se confeccionam biscoitos pintados com glacê e ornamentados com açúcar colorido e o Papai Noel visita as famílias levando presente. Na páscoa, cascas de ovos pintadas são recheadas com amendoim torrado e açúcarado e o "coelhinho" presenteia as crianças com cestas coloridas, cheias de doces.

A alteração que se verificou nestas festas foi o valor e o tipo de presentes ofertados pois o poder aquisitivo e a facilidade de acesso permitem aos atuais moradores estas

atitudes. As cestinhas artesanais de palha trançada foram substituídas por sofisticadas cestas decoradas com fitas, papel crepom e de seda; o conteúdo também foi complementado com ovos de chocolate ou brinquedos adquiridos nas lojas da cidade. Mas, é sem dúvida este tipo de evento que colabora para a manutenção de uma rede fechada .

A festa religiosa é outra atividade que sempre acompanhou a comunidade. No início, possuía um sentido profundamente religioso sendo preparada com um tríduo que consistia em palestra pelo pároco, orações e finalizava com a bênção. O local da festa era enfeitado com ciprestes, folhas de coqueiros e muito papel crepom colorido. O espírito comunitário se manifestava na organização do evento quando cada congregação religiosa era responsável por uma tarefa. O dia da festa iniciava com uma alvorada festiva às seis horas com o badalar dos sinos e a queima de fogos de artifício visando acordar todos os moradores.

Hoje, a festa além do espírito religioso, também tem um fim lucrativo e a igreja é enfeitada com produtos agrícolas, frutas, hortaliças e legumes que são leiloados entre os frequentadores. É chamada de "Festa da Colheita" e é organizada, como no início da colonização, por líderes da comunidade que escolhem sua equipe de trabalho. Na parte religiosa, o coral canta ao final da celebração um hino intitulado "Deus Eterno"¹⁹ intercalando estrofes em alemão e português. A parte física da igreja acompanhou o progresso do distrito, pois a pequena capela desapareceu, dando lugar a uma

¹⁹ Letra em português (anexo 6) , letra e música em alemão (anexo 7).

espaçosa igreja, em alvenaria, situada em frente à praça e ao lado de um grande pavilhão de festas.

Comparando-se as formas de lazer do início da colonização com as atuais, observa-se que as alterações não foram profundas, tornando-se mais sofisticadas devido aos recursos disponíveis que permitem a compra de aparelhos de som, televisores e vídeo-cassetes. Além disto, a aquisição de carros facilitou o acesso às festividades da sede do distrito, mesmo aos agricultores residentes em locais mais distantes. Mas, a base do lazer permanece muito semelhante, pois continua girando em torno dos valores locais representados pelos eventos que acompanham as famílias desde a formação da comunidade.

Um dos eventos que merece a atenção da comunidade é a comemoração da Independência do Brasil, no dia 07 de setembro. No início da colonização, o ato cívico consistia em reunir a comunidade no pátio da escola para entoar o Hino Nacional e apreciar as apresentações dos alunos. Posteriormente, a festividade se ampliou, iniciando com um desfile de alunos e Associações pela rua principal da vila, ao som da fanfarra local e culminando com discursos proferidos por estudantes e líderes comunitários.

O Dia do Colono, é outra data relevante comemorada no dia 25 de julho com uma missa, a bênção dos carros e um almoço festivo.

1.4 SAÚDE

Ao lado da preocupação dos pioneiros com a educação, religião e lazer, a questão "saúde" também recebeu atenção desde o início da colonização pois, entre as primeiras famílias que chegaram em 1950, foi incluído um casal, ela filha de farmacêutico alemão, que tinha conhecimento de medicina. Ambos se responsabilizaram pelo atendimento médico até 1958 quando profissionais estabelecidos em Toledo visitavam, de jipe, a comunidade. Mais tarde, em 1975, foi aberta uma farmácia sob a responsabilidade de um farmacêutico que reside até hoje no local. É aceito e respeitado pela comunidade por sua dedicação e profissionalismo embora descenda de italianos .

O bom nível de vida da população diminuiu os atestados de óbito. Em Dez de Maio o índice de mortalidade é reduzido. Não há mortalidade infantil e raramente morre uma pessoa de menos de 50 anos.

1.5 ECONOMIA

O setor econômico parece ter sido o que mais sofreu transformação no distrito. A economia inicial era de subsistência e vigorava a policultura com a plantação de feijão, milho, arroz, mandioca, amendoim, batatas, hortaliças e árvores frutíferas. Os recursos naturais eram inúmeros e os colonos tinham acesso ao bambu que era utilizado na fabricação de cestos e balaies usados na colheita e eram vendidos a pessoas fora da rede que não sabiam fabricá-los. O palmito era abundante e era enviado para as indústrias de conservas. A

floresta era fechada e rica em madeiras de lei que constituíam também uma grande fonte de riqueza natural.

Além da agricultura de subsistência, da exploração das riquezas naturais, os colonos se dedicavam à criação de aves e à produção de ovos para consumo. As raças de suínos **mouro** e **durec** não exigiam chiqueiros especiais nem alimentação específica e eram criados para consumo ou vendidos aos comerciantes.

Assim, desde a vinda dos pioneiros, a comunidade se identificou como auto-suficiente economicamente. Gradativamente, as modernas técnicas agrícolas foram atingindo a região e a economia de subsistência foi substituída por uma economia comercial, principalmente nos anos 70 quando se iniciou a plantação da soja em grande quantidade, ao lado da produção de trigo. A tecnologia foi incorporada à policultura quando se constatou a necessidade do cultivo da pluralidade de culturas para a preservação do solo e para garantir a estabilidade financeira de seus habitantes.

Parece que este avanço econômico foi indiretamente responsável pela tentativa de abertura de rede pois seus moradores se sentiram propensos a estabelecer relações comerciais com componentes de redes externas, como fornecedores, bancos e instituições governamentais. No entanto, deve-se considerar que estabelecer contatos formais com uma rede externa, como neste caso, não significa aderir a seus valores ou fazer dela uma rede de referência ou integração.

As poucas terras não próprias para a agricultura comercial foram transformadas em pastagens criando-se gado de raça **zebu**, **holandês**, **nelore** e **raças comuns**. Estas atividades são desenvolvidas em áreas concebidas desde o início da colonização (10 alqueires) não havendo latifúndios no distrito embora algumas propriedades tenham aumentado através do casamento ou compra de terras de algum vizinho ou parente.

A suinocultura também se sofisticou mais, com a construção de pocilgas padronizadas para a criação das raças **landrace** e **large white**. A alimentação necessária é financiada pelas indústrias interessadas nesta produção as quais oferecem assistência técnica aos criadores.

Outro setor que se desenvolveu muito ultimamente foi o da criação de aves, pois é o distrito que mais fornece aves para a indústria instalada em Toledo, a Sadia. Existem na localidade setenta aviários com 12 mil aves cada um que são entregues, em média, a cada sessenta dias num regime de integração entre criadores e empresa. Os aviários, além da produção de aves para o abate, são fonte de adubo orgânico utilizado na agricultura e vendido às indústrias de adubo organo-mineral na sede do município. A piscicultura é outra atividade que está em expansão com 200 tanques instalados no município. Está se prevendo ainda para 1993 o plantio da canola para a extração de óleo vegetal.²⁰

Por ocasião das visitas realizadas aos agricultores observou-se o considerável número de laranjeiras plantadas nas propriedades. Depoimentos dos produtores confirmaram a

²⁰ ESTADO do PARANÁ. Curitiba : 18 de out. de 1992: 08.

possibilidade da instalação de uma fábrica para a industrialização do produto porque os moradores não conseguem consumi-lo.

Esta constatação também sugere a necessidade de abertura de rede pois o aproveitamento do produto exige nova tecnologia e mão de obra, acessíveis via elementos externos.

Para complementar esta imagem de auto-suficiência, a sede do distrito possui um supermercado, algumas lojas, uma farmácia e um banco. As indústrias não são significantes e se restringem a uma serralha e marcenaria para atender às necessidades locais.

Diante deste quadro econômico não é difícil deduzir que no distrito não há desemprego e os poucos habitantes não proprietários têm atividade garantida entre o próprio grupo, não se deslocando para trabalhar de bóia-fria como acontece em locais vizinhos. A oferta de trabalho tem atraído famílias para o local e são admitidas as que se enquadram nas exigências dos proprietários, isto é, são de descendência alemã e católicas. É raro encontrar elementos de outras etnias mesmo para executar as tarefas subalternas.

Parece que o objetivo da companhia colonizadora Maripá, que era transformar a região oeste no "celeiro do Paraná", teve sucesso em Dez de Maio pois aí continua a vigorar a policultura, como auxílio à conservação do solo e para garantir a estabilidade econômica do agricultor. Mas, tem na cultura da soja a principal atividade econômica. Embora as técnicas se tenham sofisticado e a situação econômica se estabilizado, as terras continuam sendo administradas pelos

pioneiros e seus descendentes, acrescentando-se ao grupo inicial poucos elementos externos. Esta situação mostra que a rede insulada persiste apesar do progresso e da tecnologia e que o grupo de referência é o grupo local.

1.6 EDUCAÇÃO

Embora os gaúchos, descendentes de alemães tivessem vindo para uma região desconhecida e hostil, mostraram-se organizados desde o começo para melhor encarar e vencer as dificuldades do seu novo habitat. Provenientes da mesma área geográfica e partilhando dos mesmos valores étnicos, culturais e religiosos, estes pioneiros reproduziram, na medida do possível, em Dez de Maio, o mesmo estilo de vida comum ao grupo da sua região de origem. Assim, ao lado da preocupação principal que era o cultivo da terra e do progresso econômico, as questões educação, religião, saúde e lazer foram consideradas necessárias para o sucesso da primeira.

A instrução dos filhos, através da escola, foi uma das prioridades estabelecidas pelas famílias pioneiras de Dez de Maio devido aos valores imanentes ao grupo. Estas famílias possuíam muitos filhos (8 a 10), que significavam a mão de obra para o cultivo da terra. Se, por um lado, o colono dispunha de braços para o trabalho, de outro lado, era necessária a existência de terras para o sustento desta família numerosa. Um dos motivos para a vinda dos pioneiros foi justamente adquirir maior extensão de terras por um preço mais acessível do que na sua região de origem, RS. Assim,

possuindo terras e mão de obra, as famílias obtinham progresso material.

A questão escola foi logo resolvida com a construção de uma sala de aula, em regime de mutirão e com a doação da madeira pela Maripá. Esta sala servia também para realizar reuniões e celebrar missa quando o padre, vindo de Toledo, visitava as famílias todas as sextas-feiras do mês. Vê-se por esta atitude, que a construção de uma sala foi mais importante do que a construção de uma capela, onde também poderia funcionar uma sala de aula.

O interesse na solução da questão escola pode-se notar pela urgência com que foi construída a sala, pois os pioneiros chegaram a partir de maio de 1949 e já no dia 04-03-50 inaugurou-se a escola com a realização de uma festa comunitária.²¹

O maior problema encontrado foi conseguir professor já que não havia profissionais formados. Ensinava então quem se propusesse mediante pequena remuneração em dinheiro ou mantimentos. Embora a maioria tivesse intenções de colaborar, não possuía conhecimentos suficientes da língua portuguesa porque muitos deles tinham frequentado a escola quando as aulas eram ministradas em alemão devido a fatores históricos relevantes dignos de serem citados.

Convém lembrar que a intenção do governo brasileiro com a imigração, no século passado, era povoar e desenvolver regiões desabitadas. Uma falta de política imigratória definida resultou em que grupos de alemães se fixassem num

²¹ TRIBUNA DO OESTE. Toledo-PR : 05 de set. 1984: 10.

mesmo local, notadamente no sul do Brasil e recriassem comunidades nos moldes existentes na Alemanha. Devido a fatores culturais, uma das principais preocupações dos imigrantes foi com a escola para seus filhos. Criaram então seu próprio sistema educacional, já que as autoridades brasileiras não interferiam ou auxiliavam na resolução desta questão.

NODARI²² argumenta que os fatores culturais, ao lado dos sócio-econômicos, foram muito importantes para a decisão dos alemães emigrarem para o Brasil e não para os Estados Unidos da América, por exemplo. Eles sabiam, através de divulgações, que aqui poderiam conservar seu "Deutschtum", o que significava preservar sua língua, costumes e valores. Esta atitude não era possível nos Estados Unidos, onde as famílias imigrantes eram distribuídas entre os moradores nativos, se integrando e aculturando. Neste momento deixavam de ser alemães e se tornavam americanos.

Sintetizando, NODARI afirma que os alemães que almejavam ascensão social e bens materiais emigravam para os Estados Unidos, e os que desejavam conservar o referido "Deutschtum" vinham para o Brasil. Embora, por força das circunstâncias, os alemães adquirissem aqui diversos costumes locais relacionados à alimentação, vestuário ou locomoção, os valores considerados básicos, como a educação, eram preservados nos moldes alemães.

²² NODARI, Eunice Sueli. German emigration in the nineteenth century : images and realities. Califórnia : Tese de Mestrado em História. Universidade de Davis, 1992.

Devido ao descaso do governo brasileiro relacionado a esta questão, as comunidades criavam e mantinham suas escolas e empregavam a língua alemã também na prática escolar. Esta atitude contribuiu para o isolamento das colônias alemãs, dificultando a sua integração no meio brasileiro. Esta situação perdurou até o governo de Getúlio Vargas, na época do Estado Novo. Neste período, a indiferença do governo referente ao emprego da língua alemã nas escolas das colônias, sofreu considerável alteração. Tentou-se uma aculturação tardia, imediatista e realizada de modo drástico.

Uma das medidas consolidou-se através do Decreto-Lei nº 406, de 04 de maio de 1938, que estabelecia em seu artigo 85 e parágrafos que em todas as escolas rurais do país deveria ser ministrado apenas em português o ensino de qualquer matéria, que as escolas só poderiam ser regidas por brasileiros natos e não poderia ser ensinado idioma estrangeiro a menores de 14 anos.²⁹

As colônias alemãs católicas acataram com bastante tranquilidade esta determinação e adotaram mais rapidamente a língua portuguesa nas escolas, enquanto que os alemães protestantes se mostraram mais reticentes no cumprimento destas ordens. Esta atitude parece se justificar pela maior disposição dos alemães católicos em se integrar às redes brasileiras, com isto, aculturando-se.

Focalizando a comunidade em estudo, pode-se observar que alguns dos valores dos ancestrais foram preservados pelos

²⁹ KIPPER-HOPPE, Maria. A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz (1937-1945). Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1979.

moradores de Dez de Maio, descendentes destes imigrantes alemães. Entre eles pode-se citar o uso da língua materna na comunicação grupal e a preocupação com a educação dos filhos. Como os habitantes de Dez de Maio descendem de alemães católicos, é possível justificar o uso da língua portuguesa no ensino já na primeira escola criada em 1950.

Além do mais, o período considerável de tempo entre as medidas governamentais referentes ao uso da língua alemã na escola e o surgimento da comunidade de Dez de Maio, permitiu uma substituição gradativa da língua alemã pela portuguesa.

Resolvido o problema de espaço para ministrar as aulas, o desafio maior ainda era encontrar um professor com domínio do português, pois os poucos elementos que possuíam algum conhecimento da língua portuguesa, o haviam adquirido enquanto freqüentavam seminários, incentivados pelo padre local e pela religiosidade das famílias, mas não chegavam a concluir seus estudos religiosos. Assim, o período de estudo sistematizado da língua portuguesa não havia sido suficiente para erradicar a interferência entre as duas línguas.

Como consequência, o português aprendido pelas crianças era marcado por esta característica. Além do mais, o ensino do português se restringia à exposição dos conteúdos pois a língua de comunicação entre o grupo era a alemã sendo o português um língua instrumental para os moradores locais. Como língua de comunicação grupal, a alemã era usada no longo trajeto que muitas crianças percorriam até a escola, na hora do recreio e quando havia alguma dificuldade no entendimento do conteúdo, o professor as auxiliava usando o alemão.

O esquema utilizado para ministrar as aulas era o das atuais multisseriadas e os alunos eram divididos em dois turnos: pela manhã eram atendidas as crianças da 3ª e 4ª séries e à tarde as crianças da 1ª e 2ª séries. Este sistema vigorou até 1954 quando foi acrescida a 5ª série de acordo com a exigência legal, pois o curso primário passou a ser constituído de 5 anos.

Os recursos para ministrar as aulas eram mínimos. Nos primeiros anos não havia livros, cartilhas ou cadernos. O professor escrevia a matéria no quadro negro e as crianças a copiavam em pequenas lousas com uma espécie de grafite, apagando-a a seguir para fazer novas cópias. Na tentativa de fixar o assunto, as crianças o liam ou repetiam diversas vezes. O processo de aprendizagem era lento exigindo muito esforço do professor e alunos. Com a introdução de cartilhas e cadernos os alunos dispunham de recursos para estudar também em casa permitindo que vários adultos tomassem contato, pela primeira vez, com a língua portuguesa.

Embora as aulas fossem ministradas em língua portuguesa, os alunos mantinham pouquíssimo contato com falantes do português. Uma ocasião em que este fato se verificava era quando um elemento ligado à área educacional de Toledo comparecia aos exames, aplicados pelo professor local, com a finalidade de avaliar os alunos. Esta medida era tomada pois o município não dispunha de recursos para oficializar as escolas do interior e para que a escolaridade fosse reconhecida era necessário o "testemunho" de uma pessoa destacada para tal. O

município somente realizava o registro das localidades onde existiam escolas mantidas pela comunidade.

Com o aumento de uma turma e do número de crianças, em 1956, construiu-se com o auxílio da prefeitura, uma escola maior, ainda em madeira.

1.6 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA MIGUEL DEWES DE DEZ DE MAIO

Entre os anos de 1950 e 1961 a comunidade foi diretamente responsável pelo ensino e direção da escola e durante estes onze anos, notadamente os homens, preenchiam os requisitos e se propuseram a ensinar as crianças na função de professor, já que com isto, não ficavam restritos à atividade agrícola, o que provavelmente não os satisfazia.

Chega-se a esta dedução, porque os 06 professores homens deste período, haviam estudado num Seminário Jesuíta em São Salvador, RS. Parece que estes jovens, com uma rede de referência diferente da de origem, aproveitaram a oportunidade oferecida pelo pároco local e resolveram vivenciar outra rede que lhes propiciasse chances de estudo ou outra profissão. Adquiriram conhecimentos de língua portuguesa, o que lhes permitia desempenhar a função de professor.

Observa-se, entretanto, que os professores lecionaram, no máximo, por 04 anos, havendo uma considerável rotatividade, justificada porque o magistério não era a profissão de nenhum deles. Prestavam-se ao trabalho por solidariedade ao grupo e por terem conhecimento da língua portuguesa, fato que era pouco comum entre os moradores.

Nestes 11 anos, somente duas mulheres atuaram como professoras e por pouco tempo, provavelmente, porque tinham menos acesso à educação institucionalizada do que os homens. Elas eram sobrecarregadas com a educação de numerosos filhos, com o trabalho doméstico sem conforto e trabalhavam na roça auxiliando os maridos. Assim, as filhas mulheres eram indispensáveis aos afazeres domésticos e foram liberadas, neste período, em menor número para estudar em conventos, do que os rapazes para estudar em seminários.

Este quadro foi se alterando gradativamente, tanto que em 1992, dos 23 funcionários e professores da escola, somente 02 são do sexo masculino.²⁴

As mulheres conquistaram seu espaço no local através da escola e em contato com a rede externa. Esta conquista feminina não deixa de ser reflexo de um processo externo que atingiu a comunidade visto ela estar a par das mudanças externas, sem no entanto se deixar envolver ou modificar substancialmente.

O grupo de professores que atuou entre os anos de 1950 e 1961, era constituído pelas seguintes pessoas, que exerceram o magistério no período ao lado:

José Augusto Mayer	1950-1952
Olmiro Alfredo Wenzell	1953-1954
Cixtus Kaefer	1954-1958
Olga Savaris	1958-1960
Luciano Keutz	1959-1959
Irineu Angnes	1960-1961
Lauro Müller	1960-1961

²⁴ Vide lista no anexo 08.

Maria Ida Lehnem

1960-1961

A hipótese de que estas pessoas tinham como rede de referência uma outra externa, concretizou-se ao verificar que **nenhuma delas** permaneceu na rede local. Quatro delas se mudaram para lugares não identificados (Olmiro Alfredo Wenzell, Luciano Kreutz, Lauro Müller e Maria Ida Lehnem.)

Já José Augusto Mayer faleceu recentemente em Amambai, MS e era fotógrafo profissional; Cixtus Kaefer se dedica ao cultivo e industrialização de erva mate e ao plantio de soja e trigo numa localidade próxima a Dez de Maio, constituída por uma rede "nortista". Reside em Toledo e mantém somente uma chácara na rede de origem; Irineu Angnes, ex-professor, também reside em Toledo e é funcionário da Câmara Municipal da cidade. Olga Savaris, filha de pioneiros tinha conhecimento de língua portuguesa porque havia freqüentado, por dois anos, um colégio de Irmãs no RS tendo como escolaridade o curso primário.

A própria Olga, em depoimento, comentou das dificuldades que enfrentou para alfabetizar, em português, crianças que falavam exclusivamente a língua alemã. Conforme ela "nem lápis sabiam dizer em português e somente depois de três meses era possível uma pequena comunicação em língua portuguesa." A experiência não foi muito positiva e após dois anos desistiu da atividade. Hoje, é Auxiliar de Serviços Gerais no Colégio Estadual Castelo Branco, em Toledo.

Quanto a Maria Ida Lehnem, sabe-se que era filha do Sacristão e auxiliava o pai nas tarefas concernentes. Teve acesso a livros e ao aprendizado da língua portuguesa o que permitiu que atuasse como professora.

Mas, independente das características dos professores deste período (1950-1961), a escola cumpria o seu papel na alfabetização das crianças em língua portuguesa e as capacitava para compreender e falar o português caso mantivessem contato com pessoas de outra rede na qual predominasse a língua portuguesa. Isto era realizado através das diferentes matérias que compunham o currículo como História, Geografia, Ciências, Língua Portuguesa etc. Com esta atitude evitava-se a marginalização da comunidade.

Este posicionamento vem ao encontro da pedagogia tradicional, em que, conforme SAVIANI²⁵ o papel da escola era "difundir a instrução, transmitir conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente....A escola se organiza, pois, como agência centrada no professor". A este cabia a exposição das lições e ao aluno assimilar o exposto e realizar os exercícios propostos.

Esta pedagogia tradicional, SAVIANI²⁶ classifica como teoria não crítica porque se acreditava que a "educação seria um instrumento de equalização social, um direito de todos e dever do Estado." Este pensamento foi movido a partir da ascensão da burguesia que via na educação um modo de transformar súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos.

Na comunidade de Dez de Maio, a aquisição da língua portuguesa, através da escola, era vista como um meio de superar a diferença que existia entre o grupo local e os grupos

²⁵ SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 25. ed. São Paulo : Cortez, 1991 : 58.

²⁶ Op. cit.: 20.

externos. Como consequência da política de aculturação imposta por Getúlio Vargas, seus habitantes adotaram a língua do país, mas era somente usada como instrumento para a comunicação externa, na posição de uma segunda língua aprendida, continuando a língua alemã a ser a primeira língua e usada na comunicação grupal.

A segunda fase da escola local pode-se registrar entre os anos de 1962 a 1974²⁷ quando os encargos financeiros passaram da comunidade local para a Prefeitura Municipal. Recebeu então a denominação de "Grupo Escolar Municipal Miguel Dewes" em homenagem ao idealizador da vila e doador de um terreno para a construção da escola maior, composta de duas salas de aula, biblioteca, almoxarifado e diretoria.

Ao lado destas mudanças institucionais e físicas, verificou-se também alteração na filosofia da escola, pois ela passou a ser administrada pelas irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo, vindas do Convento Santíssima Trindade da Província Espírito Santo, com sede em São Paulo. O trabalho delas foi recomendado pelo padre João Verner, maior autoridade local na época, visando um ensino melhor e mais sistematizado. As três irmãs que assumiram a escola eram provenientes da Alemanha o que permitiu a aceitação por parte da comunidade. Duas se dedicavam ao ensino e a terceira se incumbia das atividades de manutenção da casa das irmãs.

De 1962 a 1968 as Irmãs Almatís e Alfrede lecionaram na escola de Dez de Maio, auxiliadas por diferentes professoras

²⁷ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Com licença, somos distritos de Toledo. 2. ed. Cascavel : Assoeste, 1988.

postulantes, que são estudantes de conventos que, antes de efetuar os votos finais para entrar na Ordem Religiosa, atuam durante um ano em comunidade, para testar sua vocação. As que estagiaram em Dez de Maio, foram educadas na filosofia das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo e satisfaziam as exigências da comunidade local. Desempenhavam suas atividades pelo tempo determinado pela Ordem (1 ano) e se ausentavam do local decidindo-se pela vida religiosa ou não. Maria Schöfer, por exemplo, atualmente, é piloto na Inglaterra e Maria Dalila Becker atua na área educacional no município de Quatro Pontes, próximo a Dez de Maio.²⁰

Assim, de 1962 a 1968, anualmente, o quadro de professores se alterava com a substituição de um elemento por outro, mas com características semelhantes:

Ano	No de alunos	Séries	Professores
1962	75	1 ^ª a 4 ^ª	Ida Lehnen
1963	90	1 ^ª a 4 ^ª	Anita Favero
1964	97	1 ^ª a 4 ^ª	Anita Favero e Marta Caye
1965	107	1 ^ª a 4 ^ª	Maria Schöfer
1966	116	1 ^ª a 4 ^ª	Glaci Ochoa
1967	127	1 ^ª a 4 ^ª	Maria Dalila Becker
1968	142	1 ^ª a 4 ^ª	Eoli Maria Thiesen

Esta caracterização religiosa formada por um grupo coeso com os interesses das famílias locais, provavelmente, contribuiu para o insulamento da rede porque agora, a escola, com o apoio e incentivo do pároco local, desempenhava um papel de liderança, fortalecido por um ensino sistematizado. A aceitação das religiosas e do seu trabalho é comprovado pelo

²⁰ Depoimento de I.T.A., filha de pioneiros e professora da escola local.

número crescente de alunos matriculados na escola, que passou de 75 em 1962 para 142 em 1968.

É natural que neste espaço de tempo a população do distrito aumentasse com nascimentos ou vinda de outras famílias. Mas estas não precisavam enviar necessariamente seus filhos para a escola da sede pois havia as multisseriadas municipais distribuídas pelas linhas do distrito. No entanto, os recursos disponíveis e a sistematização do ensino levavam os pais a matricularem seus filhos na escola religiosa mesmo enfrentando maiores distâncias ou dificuldades. Além do mais, esta escola lhes dava a garantia de que seus filhos estavam recebendo uma educação similar à de casa, o que a escola Municipal nem sempre oferecia pois os professores provinham de outra rede.

A partir de 1969 os professores leigos deixaram de atuar na escola e toda a atividade educativa foi desempenhada pelas religiosas. Neste ano, a Irmã Almatís foi substituída pela irmã Maria Cláudia e Irmã Maria Cecília se juntou ao grupo. No ano seguinte, a Irmã Alfrede foi transferida, sendo destacada a Irmã Suzana Lúcia para completar a equipe permanecendo as mesmas também no ano de 1971. Em 1972, as Irmãs Maria Cecília e Suzana Lúcia deixaram a comunidade e as Irmãs Maria Dorotéia e Lucília ocuparam seus lugares. No ano subsequente, as duas últimas foram substituídas pelas Irmãs Margarida e Efigênia sendo estas substituições consequência de critérios estabelecidos pela Ordem religiosa a que pertenciam. Apesar desta rotatividade de religiosas, é importante salientar que

neste período a responsabilidade educacional se centralizou na filosofia religiosa.

Portanto, aparentemente, a escola passou da responsabilidade comunitária para responsabilidade religiosa. Se, na primeira fase a escola estava inserida numa rede multiplex, insulada e densa, com a vinda das religiosas, ela manteve estas características pois as novas integrantes da rede compartilhavam dos valores locais pois eram alemãs e católicas.

A filosofia da escola seguia os fundamentos da Congregação religiosa a que pertenciam as irmãs que desenvolviam um processo educativo pelo espírito de amor, verdade e fé. A escola tinha como objetivo "atender o aluno como pessoa humana em seu todo a fim de desenvolver nele o espírito de família e co-responsabilidade."²⁹ Para atingir este intento criaram-se canais de comunicação desta filosofia por toda a escola atingindo a direção, professores e educandos.

Da primeira se exigia dinamismo, apoio, incentivo e participação das promoções do Ser, através da ação e do exemplo. Dos professores se esperava a renovação e atualização de conhecimentos, preocupação com a educação cristã tornando-se mais educadores do que professores.³⁰ Estas atitudes da direção e professores deveriam atingir os alunos despertando e dinamizando sua fé a partir de sua realidade vivencial. Isto os ajudaria a integrar-se diariamente na vivência da comunidade como Ser íntegro e participativo.

²⁹ Arquivos da escola.

³⁰ Pela filosofia da escola, pode-se deduzir de que "professor" seria o profissional, transmissor de conhecimentos, e ao "educador" caberia a tarefa de intervir na formação moral e religiosa do aluno.

Pode-se deduzir que na filosofia da escola está embutida a linha pedagógica tradicional porque acredita, conforme define SAVIANI³¹ que "a sociedade é harmoniosa tendendo à integração de seus membros" funcionando a educação como "uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social. Do professor se esperava, de acordo com a escola, "a renovação e atualização de conhecimentos", já que este tipo de pedagogia está alicerçada no profissional que deve ser capaz de transmitir a seus alunos o saber acumulado da humanidade. Assim, as teorias que norteavam a escola de 1950 a 1974 eram basicamente as mesmas. E, embora o ensino se tivesse sistematizado a partir de 1962, as condições de trabalho melhorado substancialmente com a substituição do regime multisseriado por turmas separadas, os recursos materiais se intensificado, a escola continuou mantendo o mesmo posicionamento em relação ao uso das línguas, portuguesa e alemã.

Entretanto, até a chegada das religiosas, a escola era um local onde os alunos entravam em contato com a língua portuguesa e aprendiam os conteúdos de diferentes disciplinas. Até este período, não se verificava interesse em realizar um trabalho de integração entre os elementos que compunham o trio educacional que eram o aluno, a escola e as famílias locais.

Com a vinda das irmãs é provável que a escola, oficialmente, pretendesse, através da educação, baseada na fé e confiança, abrir esta rede insulada do aluno e escola para uma

³¹ SAVIANI, op. cit. : 16.

rede mais integrada de aluno x escola x famílias. Assim, se de um lado, se trabalhava para integrar estes três elementos, por outro lado, este esforço resultou, na realidade, num insulamento maior e aumentou a densidade da rede em relação às redes externas, pois esta união criava mais condições para reforçar as raízes comuns.

Convém lembrar que a rede escolar tinha características étnicas, religiosas e objetivos semelhantes à da rede comunitária. Portanto, poderia se perguntar se as duas não constituíam uma única rede insulada com interesses similares, sendo a escola uma extensão familiar e uma reprodutora dos valores da comunidade pois uma das características da rede **multiplex** é misturar sub-redes.

Para consolidar a união entre alunos, escola e famílias, no dia 26-04-70 criou-se a APP (Associação de Pais e Professores) que colaborava com o estabelecimento, moral e financeiramente. Mais tarde, em 09-12-76, a entidade foi registrada no Serviço Social Escolar, sob nº1036 e no cartório do Registro civil da Pessoas Jurídicas sob nº028 de 02-05-77.³² Esta Associação desempenha até hoje um papel relevante pois é a representante da comunidade junto à direção e corpo docente e cumpre seu papel discutindo, trabalhando e exigindo.

Em 1975, verifica-se nova alteração na constituição da escola com a implantação da reforma do ensino norteadada pela lei 5692/71, criando-se o primeiro grau completo de modo gradativo, acrescentando-se a 5ª série em 1975 e completando o ciclo com a implantação da 8ª série em 1978. No ano da implantação da lei,

³² Arquivos da Escola Estadual Miguel Dewes.

a escola passou a se denominar "Escola Fundamental Miguel Dewes" e funcionou nos turnos diurno e noturno até 1978 quando este foi extinto. O objetivo da criação do turno da noite foi propiciar aos elementos da comunidade adolescentes e adultos a freqüentarem até a 8^{ma} série, pois sempre foi considerada importante para o grupo a questão educação. Depois desta oportunidade de estudo aos que não a tiveram anteriormente, as famílias se empenharam para que nenhuma criança ficasse sem o 1^o grau completo.

Enquanto tramitava o processo de implantação da reforma de ensino, a autorização para o funcionamento foi concedida pelo Secretário de Educação Sr. Cândido Manoel Martins de Oliveira sob ofício 334/75.³³

No mesmo ano iniciou-se a construção de uma nova escola de alvenaria com cinco salas de aula, secretaria, direção, biblioteca, sala dos professores, área coberta, sanitários e terreno livre de 1.166.75 m². Enquanto que dois lotes foram doados pela Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo, atingindo o terreno 4.800m², a construção e manutenção da escola passou a ser de responsabilidade da prefeitura de Toledo, não se alterando porém a direção religiosa.

É conveniente lembrar que o trabalho destas irmãs era missionário e quando se estabeleceram em Dez de Maio foi com o propósito de realizar um trabalho desta ordem, incluindo atender a escola, já que não havia professores formados ou profissionais da área. Sabe-se que até esta data, elementos da comunidade se empenhavam para não deixar os filhos sem escola,

³³ Arquivos da Escola Estadual Miguel Dewes.

mas conheciam suas limitações e falta de preparo. Embora o trabalho original destas religiosas não fosse a educação, este aspecto também estava incluído nas suas atribuições. Mas, com a implantação da reforma de ensino em 1975 deveria haver uma escola que se responsabilizasse pela orientação didático-pedagógica. Como a Congregação estabelecida em Dez de Maio não tivesse esta aptidão, coube esta função legal ao Colégio Santa Maria, Ensino de 1º e 2º Graus de Cascavel. No entanto, a direção continuou sob a direção das Irmãs Servas do Espírito Santo, não se alterando na prática, o trabalho que já se realizava.

Em 29-02-76³⁴ inaugurou-se o novo prédio e em 04-03-76 iniciou-se o ano letivo com 279 alunos matriculados. Com o aumento das turmas e alunos contrataram-se professores do local já formados e eventualmente, integrava a equipe algum professor vindo de Toledo após alcançar a aprovação da comunidade.

Assim, novamente, entre os anos de 1975 e 1984 as atividades escolares eram desempenhadas por religiosos e leigos. Entre estes pode-se citar Dalci Klein, Constantina Novais, Aracy Langer, Antônio Osny Gaiowski, Eugênio Hammes, Irani Kaefer, Rosalina Hettwer, Ivete Therezinha Anschau, Léo Inácio Anschau, Rudi Pedro Lunkes e Jacinta Welter. Estes últimos 05 permanecem no estabelecimento até hoje e são membros ativos na comunidade. Além da pouca rotatividade de professores, é relevante considerar o grande percentual de professores de origem alemã que integravam o grupo, o que

³⁴ Arquivos da Escola Estadual Miguel Dewes.

define um dos critérios estabelecidos pelas famílias para a admissão de professores na escola, quando provenientes de outras localidades.

Provavelmente incentivados pela estadualização, os alunos se organizaram e fundaram o **Gedema** (Grêmio Estudantil Dez de Maio), com a finalidade de promover a união da classe estudantil, fortalecer o espírito de solidariedade humana, desenvolvendo o espírito de iniciativa, liderança e disciplina. A criação deste Grêmio e sua associação à **Utes** (União Toledana de Estudantes) e à **Upes** (União Paranaense de Estudantes de 1º e 2º Graus), parecem tentativas dos jovens em ampliar a sua rede, extrapolando o convívio com a rede insulada na qual estavam inseridos até então. Mas, esta parece ter sido mais forte ou a tentativa de aproximação com rede externa não foi satisfatória porque o Grêmio Estudantil foi extinto em 1980 privilegiando-se outras atividades internas e comunitárias como gincanas, torneios esportivos, grupo de teatro e a criação posterior de uma fanfarra.

É importante ressaltar que das duas primeiras fases da escola, 1950 a 1961 e de 1962 a 1974, não se encontraram registros com pareceres sobre os quais as escolas estavam alicerçadas. Explica-se este fato, primeiro, porque a escola inicial foi criada por iniciativa comunitária e visava a alfabetização e o aprendizado da língua portuguesa; segundo, não havia recursos grupais ou municipais que permitissem a elaboração deste aspecto burocrático e legal.

Quanto à segunda fase, a vinda das irmãs tinha como principal objetivo a melhoria e sistematização do ensino. Elas,

como missionárias direcionavam seu trabalho de educadoras pela filosofia do exemplo e da ação, centrando-se aí o seu interesse sem se ater à questão de registro da proposta em termos institucionais.

No entanto, no momento em que a escola se tornou pública e estadual foi necessário pensar neste aspecto para satisfazer a exigência da Secretaria Estadual de Educação. Assim, visando a implantação que ocorreu em 09-12-77 com o parecer da Secretaria de Educação e Cultura 126/77, formulou-se um parecer que nortearia a atuação da escola³⁵. No item **III- Princípios Filosóficos e Psico-Pedagógicos** lê-se o seguinte:

"Escola de orientação católica, está voltada para a causa da educação cristã. Tem como meta a criação de uma comunidade escolar animada pelo espírito evangélico da liberdade e da caridade, pretendendo que seus mestres sejam realmente educadores atendendo o aluno, antes de tudo, como ser humano.

Através de seu currículo, propõe-se a ofertar experiências que permitam ao aluno adquirir conhecimentos e habilidades que possam ser usadas com sucesso em aprendizagens posteriores no controlar da própria conduta e no ajustamento melhor ao seu ambiente, como participante de um mundo melhor."

Embora a escola continuasse a ser dirigida pelas religiosas, os objetivos da lei 5692/71 resultaram numa tentativa de adaptação dos princípios religiosos aos estatais. Os objetivos da lei relativos ao ensino de 1º Grau estão assim expostos:

Art.1º - O ensino de 1º e 2º Graus tem por objetivo geral, proporcionar ao educando formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização e

³⁵ Arquivos da Escola Estadual Miguel Dewes.

qualificação para o trabalho e preparo para o exercício da cidadania.

Art.17 - O ensino de 1º Grau destina-se à formação da criança e do pré-adolescente variando em conteúdos e métodos segundo as fases de desenvolvimento dos alunos.

Da Escola:

a)- Instituir um sistema de vida escolar em que haja a interação e participação democrática de todos os componentes objetivando a formação do espírito crítico.

b)- Efetivar a ação educacional valorizando a ética, a formação de atitudes, a solidariedade, o sentido de liberdade com responsabilidade.

A partir dos princípios religiosos e das determinações legais, a escola procurou conciliar estes dois aspectos quando afirma que "tentará adaptar os alunos às mudanças aceleradas, contínuas e profundas da sociedade, vendo no homem um transformador do mundo."⁹⁶ Pretendia orientar o educando na valorização da nova cultura técnica e científica abrindo perspectivas para um mundo dinâmico, crítico, social e comunitário. Com esta atitude tentava-se atingir os objetivos da Lei em suas três dimensões: a psicológica (auto-realização do educando); a econômica (qualificação para o trabalho) e a política (preparo consciente da cidadania.)

Deve-se atentar para a pedagogia tecnicista presente nos objetivos governamentais, quando enfatiza o preparo do aluno para o trabalho, criando currículos com várias disciplinas denominadas "técnicas" que visavam a "eficiência instrumental", objetivando transformar "o processo educativo de maneira a

⁹⁶ Arquivos da Escola Estadual Miguel Dewes.

torná-lo objetivo e operacional".³⁷ O autor ao analisar a pedagogia tecnicista, alerta que este conceito gera a "padronização do sistema de ensino a partir de esquemas de planejamento previamente formulados aos quais devem se ajustar as difentes modalidades de disciplinas e práticas pedagógicas".

³⁸ A competência da escola é agora primordialmente, preparar o aluno para o mundo técnico, competitivo e exigente onde os incompetentes, ou seja, os ineficientes e improdutivos não sobrevivem. Assim:

Cabe à educação proporcionar um eficiente treinamento para a execução das múltiplas tarefas demandadas continuamente pelo sistema social. A educação será concebida, pois, como um subsistema cujo funcionamento eficiente é essencial ao equilíbrio do sistema social de que faz parte"...Do ponto de vista pedagógico, conclui-se, pois, que se para a pedagogia tradicional que a questão central é aprender ...para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer."³⁹

A pedagogia tecnicista atingiu principalmente o 2º Grau com os cursos profissionalizantes, estendendo-se todavia também ao primeiro grau como uma iniciação ao trabalho.

A escola de Dez de Maio tentou equacionar esta questão tecnicista quando introduziu em seus objetivos educacionais "a valorização da nova cultura técnica e científica" ou tentando "adaptar os alunos às mudanças aceleradas, contínuas e profundas da sociedade."⁴⁰

³⁷ SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 25. ed. São Paulo : Cortez, 1991 : 23.

³⁸ Op. cit. : 24.

³⁹ Op. cit. : 26.

⁴⁰ Arquivos da Escola Estadual Miguel Dewes.

Objetivamente, são introduzidos no currículo as disciplinas de Técnicas Agrícolas, Comerciais e Domésticas. As primeiras eram direcionadas aos alunos visando prepará-los para o trabalho agrícola predominante na região e iniciá-los nos relacionamentos comerciais conseqüentes; a segunda era destinada às alunas com a intenção de torná-las eficientes donas de casa e mães, papel que as mulheres desempenhavam na família.

Estas técnicas adotadas no currículo satisfaziam as necessidades locais dos alunos, mas os objetivos da lei 5692/71 e, em conseqüência, os da escola, eram agora mais abrangentes tentando preparar o aluno para uma sociedade mais ampla e competitiva. Tais mudanças pedagógicas, filosóficas e legais abriam a perspectiva de um maior contato com rede externa e talvez a revisão de valores que levariam a mudanças de comportamento escolar que atingiria a comunidade. Deve-se concordar que a escola propicia ao aluno o contato com uma rede social externa, de modo direto, pela sua exposição a outros grupos escolares, ou de modo indireto, propiciado pelo acesso à leitura e escrita.

No entanto, a rede insulada da comunidade parece anular as tentativas escolares neste sentido, conservando seus valores, entre eles, as marcas lingüísticas de sua origem étnica.

Partindo do princípio de que a escola, apesar de suas alterações institucionais continuou centrada nos interesses comunitários característicos da escola inicial, o corpo docente, composto na maioria por professores locais, por

religiosas coesas com o grupo e assistidas pela APP, representante da comunidade, em 1978, questionaram a forma de ensino da lei 5692/71 e constataram a necessidade de reformular a ação educadora diária.

Neste momento ocorre a interferência de uma rede externa, quando começam a acontecer cursos propiciados pela Prefeitura Municipal mantenedora do estabelecimento, visando definir novos caminhos pedagógicos. Os professores entram em contato com diferentes teorias e se detêm em analisar a teoria histórico-crítica, como uma provável linha a substituir a tecnicista vigente mas não satisfatória. Questionando se o ensino mecânico, tecnicista havia desviado a escola de seu verdadeiro papel buscaram fundamentos para uma resposta a esta indagação. SAVIANI, no seu livro "Pedagogia Histórico-Crítica" p.101, coloca que⁴¹:

A Pedagogia Histórico-Crítica se empenha na defesa de especificidade da escola. Em outros termos, a escola tem uma função específica, educativa, propriamente pedagógica, ligada a questão do conhecimento; é preciso, pois, resgatar a importância da escola e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o problema do saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar.

Ainda acrescenta que a Pedagogia Histórico-Crítica:

Envolve a necessidade de compreender a educação no seu desenvolvimento histórico objetivo e por consequência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, sua perpetuação.⁴²

⁴¹ SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórica-Crítica: primeiras aproximações. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1991 : 87.

⁴² SAVIANI, op. cit : 96.

Ele também deixa claro a opção política assumida por esta pedagogia em que a questão educacional é:

Sempre referida ao problema do desenvolvimento social e das classes. A vinculação entre interesses populares e educação é explícita. Os defensores desta proposta desejam a transformação desta sociedade.

Parece que as linhas pedagógicas adotadas pela escola iniciaram pela tradicional que se centrava na perspectiva do aluno **conhecer**, a seguir, na tecnicista, que valorizava o **saber fazer** e depois na histórico-crítica que se preocupa em auxiliar o aluno a **aprender a resolver problemas**, entendendo situações e apresentando soluções.

De um lado, os envolvidos nas discussões encontraram nesta última, uma maneira de retornar ao verdadeiro papel da educação, perdido para a pedagogia tecnicista; por outro lado, a luta da classe popular, trabalhadora pelo acesso à escola se tornava infrutífero pois a comunidade em questão não perpassava por lutas de classes. Como já foi constatado anteriormente, na localidade não existe desemprego, marginalização, nem miséria. No entanto, o grupo resolveu a transformar a escola num agente social deparava com uma outra questão proveniente da rede insulada local e relativa à auto-suficiência e pouca tendência a mudanças.

Esta rede, com valores culturais muito enraizados e de concepção capitalista, temia um desenvolvimento em direção à transformação e talvez a uma superação capitalista. Por isto a relutância em incentivar uma pedagogia que poderia atuar ativamente neste processo histórico levando à tendência de transformação da sociedade e não apenas à reprodução da já

existente. Resta lembrar a força da rede local também na escola onde a APP acompanha intensamente as atividades pedagógicas.

Os elementos externos que tentavam discutir uma nova tendência pedagógica encontravam dificuldades com relação a um grupo de docentes e principalmente da comunidade. Esta, agia de maneira contraditória, de um lado, esperava um ensino de qualidade, mas, por outro lado, mostrava-se apreensiva a mudanças, temendo a invasão de valores alheios aos de sua rede insulada. Neste processo contraditório, o corpo docente, algumas vezes, indeciso e inseguro, procurava propiciar ao seu grupo, um ensino de qualidade sem ferir os valores e concepções locais.

Em 1984, num documento escolar onde consta a caracterização da clientela, a força étnica e os valores do grupo são motivos de declarações como estas: "O ensino na escola torna-se um tanto difícil, sendo 95% das famílias descendentes de alemães, conservadores e tradicionalistas da cultura alemã."⁴³

O termo "conservadores" parece se harmonizar com a relutância em relação a mudanças na pedagogia da escola e a expressão "tradicionalistas da cultura alemã" engloba outra dificuldade relacionada ao domínio e aprendizagem do português já que, por tradição, a primeira língua ensinada às crianças é a alemã e não a portuguesa.

Em 1985, o quadro educacional de Dez de Maio havia adquirido uma certa estabilidade pois os docentes eram quase exclusivamente da comunidade evitando rotatividade de

⁴³ Arquivos da Escola Estadual Niquel Dewes.

pessoal. Isto era possível porque o acesso às escolas de Toledo era facilitado pela manutenção de um ônibus escolar que transportava os alunos em três turnos. Algumas moças locais optavam por cursos secundário e superior relacionados com a educação e após formadas desempenhavam suas funções na escola da localidade.

Como também as instalações físicas fossem excelentes e a APP atuasse intensamente, as irmãs, que possuíam como prioridade atividades missionárias, restringiram suas atividades escolares desenvolvendo apenas trabalhos religiosos como ministrar aulas de religião e catequese e um ano depois deixaram a comunidade considerando cumprida sua missão na localidade.

A partir deste ano (1986), o Estado assumiu a manutenção da 5ª a 8ª série, ficando o pré-primário à 4ª série sob a responsabilidade da prefeitura. Existiam, na escola, duas administrações, a estadual e a municipal, situação que perdura até hoje. Poderia se argumentar que esta situação propiciaria uma abertura de rede com a direção sendo exercida por leigos e por pessoas diferentes. Mas, deve-se lembrar que o corpo docente era constituído por elementos do grupo local, pertencentes à rede local. Portanto, eram pessoas de "confiança" do grupo e tinham por prioridade satisfazer suas necessidades e estavam sujeitas às reivindicações comunitárias. Sua atuação era limitada aos valores e aceitação da rede na qual a escola estava inserida.

Apesar das dificuldades, a direção, com o apoio do corpo docente, continuou seus estudos e discussões com grupos

externos ligados à Secretaria Municipal de Educação. A tentativa deste órgão público era promover uma educação libertadora inspirada no trabalho do filósofo argentino Enrique Dussel que via como forma de libertação uma educação em que o homem é o centro e a educação um processo pelo qual o ser humano se torna crítico, consciente e criativo.⁴⁴

Esta proposta pedagógica fez com que os professores de Dez de Maio refletissem sobre aspectos não diretamente concernentes ao grupo local, mas extrapolando para um "homem" num contexto mais amplo, externo à rede local insulada.

A reflexão partiu pela constatação da divisão do mundo em países do centro e países periféricos aqueles são os dominadores, os detentores do poder econômico e tecnológico, estes, os dominados nos aspectos social, econômico, político, cultural, religioso, educacional e agrícola. Mais especificamente no Brasil, o sistema autoritário mantém esta situação de injustiça social com uma política voltada à exportação, onde o governo é o principal concorrente do produtor, provocando descontentamento no povo, com autoritarismo nas decisões, causando descrédito e descompromisso da população e dos órgãos competentes. Esta política exploradora leva à devastação indiscriminada do meio ambiente e ao uso de agrotóxicos, gerando a descapitalização e o conseqüente surgimento de latifúndios, bóias-frias, sem terras e desemprego.⁴⁵

Aparentemente, esta reflexão levaria o grupo local a se inteirar da problemática social e econômica externa. Mas, na realidade, o conhecimento destes fatos atuou como um incentivo para o fechamento da rede consolidando a integração do grupo minoritário com a finalidade de se preservar do jugo externo.

A reflexão do grupo transpassa a questão econômica e política e a relaciona à questão educacional. Conclui que neste contexto criou-se uma educação instrumentalizada

⁴⁴ BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia latino-americana*: Freire e Dussel. Ijuí: Unijuí, 1991.

⁴⁵ Arquivos da Escola Estadual Miguel Dewes.

ideologicamente, desvinculada da realidade e das classes populares, não propiciando o acesso à escola ou provocando a evasão escolar. Para a manutenção do sistema se usariam outros meios como a má distribuição de verbas, tentativa de monopolização do sistema oficial de ensino, ausência de tecnologia, impossibilidade de um posicionamento do professor como profissional afastando os alunos do contexto sócio-político-cultural-religioso-econômico. A mentalização de todo este processo ideológico e consumista seria realizado pelos meios de comunicação social, entravando a genuína expressão do povo. "Diante desta realidade global, conflitiva, injusta e contraditória, precisamos nos posicionar organizadamente em vista de uma mudança e transformação desta realidade, buscando a verdadeira democracia almejada por todos."

A esta conclusão chegou o grupo após reflexão e discussão em 23-9-86. E, como primeiro passo para transformar em prática esta teoria estabeleceu-se o perfil do homem ideal dentro de uma sociedade transformada.

...o homem precisa ser livre, crítico, participativo e criativo, podendo escolher os seus caminhos individualmente e em comunidade comprometendo-se como agente liberto e libertador, construtor da história em colaboração com outras pessoas em busca de um crescimento pessoal e social que o torne competente. Crescimento que só será possível quando o Homem puder se expressar na crescente compreensão da liberdade responsável, na convergência solidária, na prática de relações democráticas e na busca de uma entidade cultural. Precisa ainda ser honesto, responsável, dinâmico, capaz de posicionar-se diante da realidade, em vista de uma transformação, aberto à transcendência.⁴⁶

⁴⁶ Arquivos da Escola Estadual Miguel Dewes.

Como segundo passo, para pragmatizar uma proposta, estabeleceu-se um "Marco Operacional" visualizando uma realidade ideal, expresso nos seguintes termos:

1. A Escola Miguel Dewes assume a Educação Libertadora como uma educação que propicia a todos os seus integrantes serem sujeitos de seu pleno e integral desenvolvimento pessoal-comunitário-social.

Este desenvolvimento se expressa:

- na crescente compreensão crítica da realidade;
- no exercício responsável da liberdade;
- na convivência solidária;
- na prática de relações democráticas e participativas;
- na vivência dos valores evangélicos, sobretudo da justiça social e da fraternidade;
- na abertura à transcendência;
- no esforço de transformação da realidade social;
- no serviço à sociedade.

2. A Escola Miguel Dewes quer ser uma comunidade educativa que pretende ser um centro comunitário, cultural, religioso, recreativo e informativo da comunidade de Dez de Maio, desenvolvendo atividades formativas de estudo, pesquisa, debate e extensão. Pretende ser um centro de cultivo não só para as pessoas que constituem a comunidade interna da Escola mas de toda a comunidade local.

As necessidades desta são o ponto de partida de suas atividades, visando o máximo envolvimento de todos os seus membros.

3. A Escola Miguel Dewes em todos os aspectos de sua organização dará sempre máxima importância à participação e descentralização. Enfatiza por isso:

- o planejamento participativo com tomada de decisões conjuntas, bem como, execução e avaliação conjuntas;
- valorização das pessoas e dos diversos setores e serviços, adotando o princípio da subsidiariedade;
- integração de comunidade educativa com o povo visando troca de experiências e serviços para o crescimento mútuo.

4. A Escola Miguel Dewes em sua ação procura:

- a) partir sempre da realidade vista como resultado de uma caminhada histórica;
- b) adota a dinâmica da ação-reflexão em que a reflexão ilumina a ação e a ação exige aprofundamento da ação;
- c) agir em grupos articulados com outros grupos da Comunidade num processo de participação sempre mais abrangente;
- d) promover a formação integral a nível pessoal, comunitário e social.
- e) princípio de formação permanente, contínua.

Dez de Maio, Toledo - 24/9/86.

Ao se analisar o "Marco Operacional", nota-se que a proposta parte de um objetivo geral no qual o papel da escola é propiciar ao educando a compreensão crítica da realidade que pressupõe um conhecimento e análise de um mundo externo, amplo. Os demais objetivos se propõe a trabalhar com uma realidade concreta, local, que consiste na integração escola x aluno x famílias.

1.7 O PAPEL SOCIAL DA ESCOLA

A escola tornou-se assim, o centro de informações da comunidade pois serve de elo de ligação entre entidades constituídas, a igreja e as famílias, enviando comunicados através dos alunos, atuando ativamente nos órgãos locais, auxiliando nos ofícios religiosos ou realizando pesquisas para o resgate da história do distrito.

Este papel foi conquistado gradativamente pela escola a partir de discussões promovidas sobre a problemática educacional com os alunos, os docentes e as famílias. Estas, provavelmente, interpretaram as propostas do Marco Operacional como uma formalização do "servir" da Escola. Para tanto, seria necessário "usar" a Escola como um veículo para difundir as atividades comunitárias, papel que era desempenhado, anteriormente, pela igreja.

Parece que a escola, através das discussões e do estabelecimento de objetivos para a ação, pretendia "abrir" a escola para o mundo externo, colocando os pais e alunos a par dos problemas sociais e educacionais pertencentes a uma realidade alheia ao grupo local. Conyém lembrar que esta

tentativa já havia sido realizada em 1962 através da atitude das religiosas que consideravam isto possível quando trabalharam na integração aluno x escola x famílias. Embora nas duas ocasiões as filosofias fossem diversas, a religiosa guiada pela fé e exemplo e a leiga pelo descobrimento do mundo e transformação da realidade, ambas, com esta tentativa conseguiram realmente, integrar estes elementos de tal modo que se tornaram um instrumento capaz de evitar ou rejeitar a sua integração, como comunidade de Dez de Maio, a redes externas.

A situação anteriormente exposta nos sugere algumas perguntas concernentes ao papel da escola na tentativa de integrar os moradores locais, confinados numa rede insulada, a redes externas.

Com esta integração escola x aluno x famílias, a tendência não seria fortalecer os laços, os valores culturais prevenindo-se contra os prováveis problemas econômicos, políticos ou sociais, existentes fora da rede e que poderiam atingir a comunidade, via rede externa?

As tomadas de decisão em conjunto, através da APP, o incentivo da escola na preservação dos valores locais, da manutenção da língua alemã como primeira língua, a promoção de eventos culturais, como festivais de Música Popular ou a criação de grupo de teatro escolar, não seriam formas de manter uma rede insulada propiciando a seus integrantes uma espécie de auto-suficiência educacional e cultural, transformando o local num casulo protetor contra diversos problemas salientes em redes abertas?

A Escola não seria um órgão reprodutor e incentivador dos valores locais já que tem como prioridade "ser um centro de cultivo não só para as pessoas que constituem a comunidade interna da escola mas de toda comunidade local"?

É bom observar que a proposta teórica da Escola é ser agente de uma provável transformação social iniciando este trabalho com a integração de elemento local à realidade externa tornando-o ativo e crítico. O conhecimento, através da escola, da existência de um mundo caótico, numa comunidade que não se defronta com os problemas apontados gera possivelmente conflitos entre os membros da comunidade e o órgão promovedor, a escola. A visão deste mundo conflitante apontado pela escola, motiva um posicionamento contraditório por parte da comunidade: de um lado, a sensação de segurança e proteção que a rede local oferece a levaria a rejeitar qualquer tentativa de aproximação com um mundo hostil; de outro lado, o receio de ser atingida por esta situação caótica e não estar preparada para enfrentá-la, obrigaria o grupo local a se defrontar com uma realidade conflitante existente no mundo externo ao seu.

A partir daí, a contradição comunitária em relação à escola quanto ao seu papel neste contexto. Seria possível manter os jovens isolados destes problemas externos, na tranquilidade e segurança da rede local ou seria conveniente colocá-los a par da realidade social-política-econômica, tornando-os capazes de enfrentar e se defender de prováveis "ataques" externos?

Os choques de opinião entre escola e comunidade relativos à linha pedagógica transparece no depoimento de

L.I.A., professor e líder comunitário. Ele comenta que atualmente não é possível ignorar-se o mundo exterior e deve-se trabalhar por uma escola dinâmica, objetiva e de rumos definidos. Mas, ao tentar formar alunos críticos, as famílias demonstram seu desacordo alegando que a escola "ensina" um regime político. Esta posição é consequência da tentativa do aluno questionar em família certos valores e idéias do grupo. A sugestão da comunidade é que se volte à "linha dura", quando o papel da escola era passar conhecimentos e a responsabilidade do aluno era apreender o ensinamento.

Na realidade, desde sua criação, a escola se apresenta como "a serviço da comunidade" e através do tempo observou-se que ela sempre esteve atrelada à mesma. Primeiro, foi de iniciativa comunitária a construção da primeira sala de aula; segundo, toda a responsabilidade de manutenção coube ao grupo por onze anos; depois, as irmãs que assumiram a direção escolar foram escolhidas pela comunidade; quando da implantação da reforma de ensino, em 1975, a direção e os professores eram da rede local; finalmente, as discussões para a adoção de novas propostas pedagógicas tiveram a participação comunitária ativa através da APP.

Deve-se reconhecer que neste trabalho conjunto escola x comunidade, os resultados no crescimento e solidificação da escola foram significativos. Começando pelo aspecto material, é uma instituição sem problemas financeiros, equipada com todos os recursos físicos necessários. As instalações da escola comportam 200 alunos por turno e mesmo quando seu número aumentou para 330, em 1991, a escola possuía espaço para

realizar seu trabalho convenientemente. Em 1992, os alunos matriculados foram 342 esperando-se um novo aumento para o próximo ano. A justificativa para o acréscimo anual de alunos é a vinda de mais famílias para a localidade devido à oferta de trabalho, principalmente nos aviários. Embora até agora, estes novos integrantes do grupo satisfaçam as exigências locais, o de serem descendentes de alemães e católicos, existe a possibilidade destes elementos já virem "contaminados" social e lingüísticamente por redes externas o que auxiliaria na abertura da rede local.

Na parte pedagógica, as classes possuem o número ideal de alunos para desenvolver um bom trabalho (em média 20). Por este motivo é possível um atendimento individualizado. Além disto, a clientela é bem nutrida e de base familiar sólida, fatores conhecidos como importantes na aprendizagem. Em consequência, os conhecimentos adquiridos permitem continuar, sem problemas, seus estudos em outros colégios e futuramente prestar concursos e ter fortes possibilidades de aprovação.

Quanto ao corpo docente, ele se envolve profissional e afetivamente no trabalho porque os vínculos que os unem aos alunos são familiares e de amizade. E são justamente nestes fatores positivos e ideais para uma escola que transparecem a organização e união de um grupo que constitui uma rede insulada, densa e multiplex. Então, é possível justificar as tentativas infrutíferas da escola em introduzir uma pedagogia que resultaria numa projeção a um mundo externo, integrando à rede local.

O esforço da Escola neste sentido também é visível ao adotar uma metodologia de ensino de Língua Portuguesa que visa à interação aluno x professor x mundo, através de leituras de textos e discussões relacionadas a diferentes assuntos. Esta etapa é seguida por produções de textos, na qual o aluno expõe seu ponto de vista, argumentando e questionando. Como complemento destas atividades, o texto é retomado pelo professor, que, em grande grupo, discute questões estruturais e temáticas.

Além da adoção desta metodologia, incentiva-se os alunos para a criação poética, musical e teatral, realizando eventos que propiciem a apresentação de suas criações, aos colegas e familiares.

Este posicionamento, aparentemente, levaria a uma interação com outros grupos. Porém, devido às características da rede na qual a escola está inserida, este trabalho mostra-se infrutífero.

Portanto, pode-se deduzir que a escola também não tem condições de erradicar a interferência da língua alemã da fala do português porque esta característica é imanente ao grupo e não existe uma tentativa real, da parte do grupo em eliminá-la.

Mas, além da escola, parecem existir outras características relacionadas à rede insulada que seriam responsáveis pela manutenção da interferência. Para detectá-la, procedeu-se a uma observação direta e a entrevistas gravadas, tentando mostrar que a rede local se inclui nesta categoria.

CAPÍTULO III - A REDE SOCIAL DE DEZ DE MAIO

3.1 REDE INSULADA

Considera-se a rede social de Dez de Maio uma rede insulada devido a uma série de fatores apontados pela literatura como responsáveis pela preservação ou ocorrência deste tipo de rede:

1. É uma localidade pequena.
2. A população, em sua grande maioria, é do mesmo grupo étnico (alemão), proveniente da mesma região do Rio Grande do Sul (Cerro Largo.)
3. Mais de 90% dos moradores são católicos.
4. As pessoas mantêm fortes vínculos de parentesco e amizade.
5. Elas trabalham em família ou com amigos nos mesmos locais.
6. Frequentam o clube local e ou pertencem a associações existentes na comunidade.
7. Raramente viajam para cidades mais distantes, restringindo suas saídas para a sede do município.
8. Os mais jovens frequentam a escola, na localidade, até o final do primeiro grau (8ª série).
9. O grupo de referência é o grupo local, não havendo interesse ou necessidade em tentar se comparar ou igualar a grupos externos.

10. As mesmas pessoas desempenham, simultaneamente, diferentes funções dentro da comunidade, como ser parentes, colegas de trabalho ou companheiros de lazer.

11. É uma comunidade auto-suficiente.

No entender de BORTONI (1985), esta situação caracteriza a rede em multiplex, a qual está intimamente ligada à rede insulada por concentrar no mesmo indivíduo, diferentes atividades e conseqüentemente diversas funções sociais.

Conforme MILROY (1980), a rede insulada é encontrada, principalmente, em comunidades pobres e marginalizadas socialmente. Sua afirmação é baseada em outras pesquisas, como de LOMNITZ (1977), que demonstrou a solidariedade existente entre os pobres usada como um meio de sobrevivência, já que o estado de marginalização social não é uma situação passageira, neste tipo de comunidade, mas perpassa gerações, sem perspectivas de ascensão social.

Embora o trabalho de LOMNITZ tenha sido realizado numa cidade de favelas, próxima à cidade do México, cujos habitantes pertenciam a uma realidade social, econômica e cultural diversa da de Belfast, onde MILROY realizou seu estudo, ela acredita que as comunidades pobres têm vários aspectos em comum referentes à luta pela sobrevivência que a sua condição impõem, resultando em redes insuladas. MILROY se refere à função das redes sociais como "um mecanismo para troca de bens e serviços e para impor obrigações e conferir direitos correspondentes a seus membros".⁴⁷ Ela cita também teoria da troca, usada por

⁴⁷ MILROY, 1980 : 47.

KAFFENER (1969) e BOISSEVAIN (1974) como forma de manter redes sociais *insuladas* . De acordo com os autores, a troca de favores, como cuidar de crianças, auxiliar na doença ou pobreza, incentiva a união dos grupos. Essa união pode-se tornar densa se um número de pessoas se sente ligada uma a outra por outros fatores, como parentesco, ocupação, solidariedade, etnia ou valores culturais.

Em Dez de Maio, observou-se que os moradores convivem numa rede fortemente ligada por laços de parentesco, amizade, valores étnicos, religiosos, o que os leva a manter lealdade ao grupo a que pertencem. Parece que o principal aspecto que determina a rede insulada da comunidade é o fato de a mesma ser usada como um mecanismo para a preservação de valores culturais e étnicos. Afirma-se isto, pois ao contrário de outras comunidades que se unem pela necessidade de sobrevivência, a de Dez de Maio, se une para preservar seus valores culturais, já que é uma comunidade economicamente privilegiada. Talvez, por este motivo, o próprio grupo sirva de grupo de referência devido a sua auto-suficiência em relação a grupos externos que provavelmente não possuem força para alterar substancialmente o comportamento social e lingüístico dos componentes desta rede insulada.

Convém observar que, se a rede insulada pode ser responsável pela sobrevivência de um grupo ou permitir a uma comunidade preservar seus valores, apesar da interferência externa, ela também poderá apresentar características lingüísticas próprias em comunidades monolíngües ou a

preservação da interferência de uma língua na outra em comunidades bilíngües.

Estudos como os de MILROY (1980), que analisou o comportamento social e lingüístico de três bairros de trabalhadores de Belfast, mostram a força das redes sociais que podem ser responsáveis por diferente desempenho lingüístico de pessoas falantes da mesma língua e pertencentes ao mesmo grupo social e econômico.

O trabalho de BORTONI (1985), por sua vez, mostra a importância das redes sociais na difusão dialetal entre migrantes vindos da zona rural para Brasília. Ela observou que a rede social insulada dificulta a difusão dialetal e conseqüentemente o domínio lingüístico, pelos integrantes da rede, de outras variedades padrão ou não.

Já GAL (1979), analisando uma pequena comunidade rural, Oberwart, situada ao sul da Áustria, verificou que a rede insulada local, composta por camponeses húngaros, resistiu à forte pressão econômica e social da rede alemã e continuou falando o húngaro e cultivando seus valores. GAL, no entanto, alerta que, provavelmente, as vantagens econômicas e a possibilidade de ascensão social trazidas pela rede alemã, superarão os valores culturais entre as gerações húngaras mais jovens, resultando numa mudança acentuada no comportamento social e lingüístico dos moradores, substituindo-se a língua húngara pela alemã.

A comunidade em estudo também apresenta características lingüísticas relacionadas com uma rede insulada e multiplex, cujos habitantes são bilíngües em alemão-português. A

interferência da língua alemã, a primeira língua, na língua portuguesa aprendida, é saliente na fala dos moradores, independente de idade, sexo ou escolarização.

BELL⁴⁰, já argumentava que a primeira língua aprendida, por fatores psicológicos e afetivos, poderia se tornar a língua de maior domínio da parte dos falantes e interferir estruturalmente nas outras aprendidas subsequentemente. Pode-se concordar se considerarmos estes fatores psicológicos e afetivos ligados a valores culturais a serem preservados pela rede insulada do grupo.

Se os falantes bilíngües apresentam um grau diferente de interferência em sua fala, fatores extra-lingüísticos parecem ser importantes para explicar este fato.

Já MACKEY⁴⁹ argumentava que cada bilíngüe pode ter um domínio diferente nas diversas línguas que fala. Conforme ele, deve-se levar em consideração alguns aspectos como:

1. **Graduação** - até que ponto o indivíduo conhece a língua que fala?
2. **Função** - para que usa suas línguas?
3. **Alternância** - até que ponto há alternância entre as línguas que fala?
4. **Interferência** - até onde o bilíngüe funde as línguas?

Estes aspectos levantados por MACKEY possivelmente se explicam pelas redes sociais se encaradas como fatores extra

⁴⁰ BELL, Roger T. Sociolinguistics. Londres : Batsford Ltda., 1976 : 117.

⁴⁹ MACKEY, William F..The description of bilingualism. In Joshua A. Fishmann (org.). Readings in the sociology of language. The Hague : Mouton, 1972.

lingüísticos capazes de influenciar o bilíngüe na escolha da língua a ser usada e também como responsáveis na preservação ou não de interferência na fala.

Assim, se os moradores bilíngües de Dez de Maio apresentam um grau diferente de interferência na fala do português, a causa provável não será a idade, sexo ou escolaridade, mas, as redes sociais nas quais interagem os falantes. O "status" social não é cogitado pela comunidade apresentar um nível sócio-econômico-cultural semelhante, sem diferenças marcantes.

Chegou-se a esta conclusão após examinar a rede social da pequena comunidade e avaliar a relação dos habitantes com esta rede.

Como já foi mencionada anteriormente, as famílias que compõem a população do distrito são, na sua grande maioria, de origem alemã por força do processo de colonização. Desde a vinda dos primeiros pioneiros, em 1949, a vila se transformou fisicamente, passando de algumas casas humildes rodeadas de mato e "picadas", para um conjunto de casas modernas e ruas planejadas.

Todo conforto da vida moderna pode ser encontrado nas habitações dos moradores, desde luz elétrica, água encanada, eletrodomésticos, vídeo-cassetes, antenas parabólicas e carros dos mais diferentes tipos. Sem dúvida, as famílias usufruem de todo conforto que uma situação financeira estável permite.

Ao lado da adesão aos bens de consumo e do aparente modernismo que os mesmos podem significar, a rede familiar, com valores próprios, herdados dos antepassados, como o emprego da

língua alemã , é o primeiro e talvez o mais forte fator para a preservação da interferência entre as duas línguas. Com raras exceções, a primeira língua ensinada às crianças é a alemã e elas só entram em contato de forma sistemática com a língua portuguesa ao entrar na escola, que atualmente acontece aos cinco anos quando frequentam o pré-escolar que a escola da comunidade oferece. Algumas só iniciam seus estudos aos sete anos quando aprendem a língua portuguesa de forma institucionalizada. Até então a língua de comunicação é a alemã, que é falada com os pais, irmãos, parentes e amiguinhos que constituem a rede social da criança.

Visitando a família do sr. N.K. (50 anos), observou-se que seus dois netos, de quatro e dois anos, conversavam, em alemão, entre si e com a família presente. A mãe, de vinte e poucos anos, mostrou preocupação pelo fato do filho mais velho tentar a fala "misturada" (alemão-português), responsabilizando os agregados "morenos", que poderiam exercer influência negativa no sentido da criança desvalorizar ou perder a fala alemã.

Ao ingressar na escola, a rede da criança se amplia, mas não se modifica na sua base pois somará aos amigos, parentes e vizinhos outras crianças conhecidas superficialmente que vêm de um meio familiar de estrutura semelhante. Os professores e funcionários com os quais as crianças convivem também foram educados e pertencem à mesma rede. Levantamento feito na escola sobre o quadro docente e administrativo mostra que os mesmos são compostos basicamente por pessoas da rede local.

Especificamente, em 1992, do total de 23⁵⁰, somente três são provenientes de Toledo e os mesmos desempenham funções periféricas na escola. É interessante notar que são os únicos elementos ligados à escola que não demonstram, pelo sobrenome, descendência alemã.

Portanto, a escola, apesar de todos os seus recursos modernos, de sua filosofia libertadora e histórica-crítica, parece ser um instrumento importante para manter a interferência lingüística porque os envolvidos neste relacionamento escolar pertencem a mesma rede insulada, preservam e cultivam os mesmos valores, inclusive a língua materna. Assim, é comum ouvir alunos conversando entre si ou com os professores, em alemão, em situações informais, na escola.

Conforme depoimento de V.H., professora do pré-escolar, muitas crianças chegam à escola sem entender e muito menos falar o português. Ela, como bilíngüe, pertencente à rede inicia a tarefa de ensinar a falar a língua portuguesa para tornar menos difícil a alfabetização, pois estas crianças, na primeira série, terão uma dupla responsabilidade: a de aprender uma segunda língua e a de se alfabetizar nesta nova língua. Ainda, de acordo com a professora, depois de algumas semanas de aula, as crianças falantes só do alemão já são capazes de compreender e falar o português. No entanto, esta fala está carregada de interferência, que poderá ser amenizada com o passar do tempo e pelo contato sistemático com o ensino institucionalizado, mas dificilmente será eliminada, enquanto a

⁵⁰ Relação no anexo 08.

criança permanecer na rede social insulada da família e escola local.

É bom observar que as crianças completam o primeiro grau na escola local pois os pais fazem questão de que os filhos tenham este "mínimo de educação".

A escola se apresenta, portanto, como uma continuidade da rede familiar pois é administrada pela comunidade que pode manter, difundir, ou preservar os valores comuns às famílias, independente do poder institucionalizado. A força e o poder comunitário, em relação à escola é observável em várias situações.

Uma delas é o cuidado dos pais em relação ao tempo de permanência no pátio da escola daqueles alunos que chegam com o micro ônibus uma meia hora antes do início das aulas, permitindo que o ônibus traga para a escola os demais alunos depois. Usa-se esta estratégia porque a pequena comunidade dispõe somente de um ônibus para realizar esta tarefa. Embora o índice de criminalidade seja zero e as pessoas da vila sejam todas conhecidas, os pais fazem questão que uma pessoa permaneça com os filhos neste espaço de tempo. A solicitação é atendida e a tarefa não é cumprida por subalternos, mas pelas diretoras que se alternam na atividade, iniciando o expediente às 7:00 ou 12:30 h .

Outro exemplo verificou-se na greve, por melhores salários, promovida pela Rede Estadual de Ensino, da qual a escola faz parte, no ano de 1990. Nesta ocasião, os pais propuseram um aumento de ordenado aos professores enquanto não se resolvesse o impasse, para evitar prejuízo na aprendizagem

dos seus filhos alegando que "a briga era com o governo e não com seus filhos."

Enquanto se verifica, de um lado, este tipo de exigência por parte dos pais, por outro lado, nota-se colaboração dos mesmos para o bom funcionamento da escola organizando uma Associação de Pais e Professores atuante, que supre as necessidades da escola, quando a verba institucional não é suficiente, para a compra de livros para a biblioteca ou realizar reparos. A merenda escolar, por sua vez, é cedida para escolas mais carentes da região alegando auto-suficiência.

3.2 REDE DE REFERÊNCIA

A grande maioria dos jovens não encerra seus estudos na escola local, mas cursa o segundo grau na sede do município, Toledo. No entanto, evidências mostram que o grupo de referência continua o de sua localidade onde mantêm vínculos familiares e de amizade. É possível que, conforme GAL (1979) já alertara, se este jovem mantiver maior contato com uma rede externa e escolher como grupo de referência seus colegas de escola ou os habitantes da cidade, ele poderá tentar igualá-los no comportamento social e lingüístico. Mas, talvez, o contato com a rede externa venha a reforçar o grupo local como grupo de referência, devido à oportunidade de comparação entre as duas redes, medindo e avaliando os valores sociais, culturais e econômicos de ambos. É provável que por este motivo o comportamento social e lingüístico não se altere substancialmente entre os jovens.

Conversando com N.E., no interior de sua casa, sua filha, L., professora da escola local, que estudou em Toledo e cursa faculdade de férias no RS, chamou de fora da casa, em alemão, para que a mãe abrisse a porta. Esta atitude lingüística demonstra que, embora a escola da cidade onde estudou e o trabalho atual exijam o uso do português, no momento informal, de livre escolha, a preferência recaiu na língua materna.

Perguntando a A.S., 24 anos, professora alfabetizadora, como havia sido a adaptação ao curso de magistério frequentado em Toledo, após estudar 08 anos na escola da comunidade, ela respondeu que no início, as colegas da cidade haviam mantido reserva ou menosprezado abertamente o grupo de Dez de Maio, devido à origem alemã que transparecia na fala acrescido do fato de morarem no interior e serem "colonas". Mas, o grupo do interior logo havia mostrado a sua capacidade de acompanhar e, inclusive, superar o desempenho dos alunos da cidade, conseguindo com isto, o respeito e a amizade dos mesmos. Com esta atitude, reforça-se a afirmação de que o grupo da cidade de Toledo não constitui o grupo referencial, pois o mesmo aceitou e se "acomodou" ao grupo da vila de Dez de Maio o qual, não se esforçou em mudar seu comportamento social ou lingüístico.

A questão do grupo de referência ser o da comunidade e a lealdade dedicada a este grupo é reforçada pelo posicionamento de todos os informantes, que não cogitam em se mudar da localidade, nem modificar profundamente seus hábitos ou comportamentos. J.L., rapaz de 18 anos, trabalha um turno na

elétrica de seu irmão na vila, outro num órgão da prefeitura de Toledo e à noite cursa o segundo grau na cidade de Toledo. No entanto, seus parentes, amigos e vizinhos permanecem como seu grupo referencial e abrir um negócio próprio de desenho ou pintura no próprio local de origem é a opção de vida apresentada.

O mesmo comportamento se verifica com os adolescentes completando o primeiro grau, que se mostram indecisos quanto ao curso a ser frequentado no segundo grau, mas não demonstram nenhuma intenção de abandonar a vila e tentar a vida longe dali. A maior parte dos jovens pretendem realizar cursos técnicos que os auxiliem a administrar os bens da família, optando pelos cursos de Administração ou Agropecuária. Se alguma moça se inclina para o magistério, como é o caso de A. S. e L. E., é com a perspectiva de atuar no local, se ausentando parcialmente para estudar, voltando sempre para suas origens.

Pode-se observar que estas pessoas que estudam fora da rede têm ocasião de vivenciar outros meios, observar e conviver com outras redes, sem que os seus valores ou ambições se alterem. É possível, no entanto, que a pressão grupal exerça influência neste posicionamento.

O casal I. e A.B. e a senhora A.R. têm outras características, mas o mesmo pensamento em relação a sua vida no local. A.B. e A.R. são da mesma faixa etária, com mais de trinta anos, pequenos agricultores, pouco escolarizados, com no máximo quatro anos de escola e nasceram na localidade. Ao contrário dos jovens mencionados, eles raramente se ausentam

de suas casas, só o fazendo para assistir à missa ou visitar parentes próximos, na vizinhança. Viajar é algo pouco cogitado, restringindo-se a ida a Toledo para fins bancários ou comerciais, quando estritamente necessário. Com este tipo de vida raramente têm oportunidade de vivenciar ou analisar outras redes sociais, o que também não lhes interessa porque se consideram satisfeitos com a segurança, amizade e estabilidade que a rede local lhes oferece. I.B., esposa de A.B., embora na faixa dos 20 anos se identifica também com estas idéias.

T.B. (38), nascida e criada na comunidade teve ocasião de estudar durante dois anos no internato da cidade de Toledo, visitando a família, em Dez de Maio, nos finais de semana. Esta oportunidade foi propiciada pelo clube Quatro S que era um órgão federal, relacionado com a Secretaria da Agricultura e que foi criado em diferentes Estados, como no Rio Grande do Sul (Ascar), Santa Catarina (Acaresc) e Paraná (Acarpa).

O objetivo destas instituições era aumentar os conhecimentos sobre agricultura, visando incentivar a produção agrícola. Para tanto, havia os supervisores nas cidades orientando um líder comunitário que atuava como instrutor dos associados nas regiões agrícolas.

J.B., que foi líder deste Clube em Dez de Maio, informou que o mesmo funcionou na localidade de 1966 a 1972 e oferecia cursos de culinária para as mulheres orientando-as no aproveitamento dos alimentos produzidos. Promovia também concursos de hortas como modo de premiar a aprendizagem das técnicas adequadas de cultivo de verduras e legumes, ensinadas pelo Clube. A distribuição de sementes entre os agricultores

visava desenvolver culturas experimentais em pequenas áreas, as quais podiam ser ampliadas caso obtivessem resultados satisfatórios.

Além destas atividades profissionais, o Clube Quatro S, que significava **Saber**, **Servir**, **Sentir** e **Saúde** proporcionava lazer aos associados através da prática esportiva e da criação de grupos musicais e teatrais. O mesmo não esquecia da parte cultural, ofertando excursões para diversos pontos turísticos do país, normalmente como premiação por alguma atividade desenvolvida com sucesso.

Com estas atitudes, o Clube desempenhava um papel contraditório em relação à rede pois a criação de grupos esportivos e culturais propiciava maior força ao grupo local, resultando numa maior integração e insulamento. Já por outro lado, o incentivo a contatos externos, através de viagens e ofertas de bolsas de estudo, incentivavam a integração do grupo a uma rede externa.

Neste aspecto, o Clube poderia desempenhar um papel relevante na transformação da rede insulada local numa rede integrada a outras externa. Contudo, por motivos político-governamentais, os Clubes Quatro S foram desativados gradativamente no país, incluindo o de Dez de Maio.

Quanto à área educacional, o Clube, através de sorteios, ofertava bolsas de estudos para o associado e família. Portanto, T. B. só se ausentou do local para estudar devido a esta oportunidade. Caso contrário, ela teria permanecido na rede insulada. Mas, a experiência de se ausentar parece não ter sido positiva porque após 02 anos, ela

concluiu que preferia a vida interiorana junto à família e amigos da vila. Assim, retornou a Dez de Maio, casou com um rapaz da rede de origem e está criando 05 filhos. Pode-se deduzir por esta atitude, que a rede de referência era a rede de origem e que sua saída accidental serviu para reforçar os laços que a uniam à rede insulada.

Ainda considerando os informantes por sexo, I.B.(46), passou por uma experiência semelhante a de T.B. porém por outro canal. Já foi comentado neste trabalho que as famílias componentes da rede eram numerosas e bastante religiosas e por isto muitas incentivavam os filhos a ingressar na vida religiosa. Eram movidas por dois fatores considerados importantes, que eram a religiosidade e a preocupação com o futuro pois as terras nem sempre eram suficientes para manter uma família grande. Este era o quadro da família de I.B. que era constituída de 15 filhos. Quatro deles tentaram a vida a vida religiosa mas somente um se tornou padre.

Em consequência desta atitude familiar, I.B. viveu durante 06 anos num convento visitando a família só nas férias escolares. Ela declarou que ao final destes anos resolveu que não pretendia se tornar uma religiosa e que a vida com a família e amigos de Dez de Maio era bem mais atrativa. Retornou à rede de origem, casou com um rapaz da vila, tem dois filhos e se sente muito bem nesta condição. Parece claro que para ela, a rede de referência era a local porque poderia ter aproveitado a ocasião proporcionada pela escola e ter permanecido na rede externa ,mesmo não seguindo a vida religiosa.

Mas, este contato com a rede externa alertou ambas para um problema não muito claro para a maioria dos componentes da rede insulada. Elas se defrontaram com um grupo estranho que possuía a língua portuguesa como 1ª língua e como meio de comunicação grupal. A adaptação, na escola, foi difícil e lenta devido, em grande parte, a este impasse relativo ao uso da língua pois as duas haviam aprendido o alemão como 1ª língua e utilizavam o português como língua instrumental.

Esta dificuldade de comunicação resultou em algumas atitudes práticas em relação aos filhos, ensinando-os simultaneamente as duas línguas a fim de evitar o mesmo embaraço por que passaram. Foram bem sucedidas nesta iniciativa porque, ao ingressarem na escola, as crianças já possuíam um conhecimento razoável da língua portuguesa tornando menos problemática a alfabetização dos mesmos.

Este posicionamento mostra que as duas têm consciência de que os filhos terão de interagir e conviver num mundo onde nem sempre os valores, inclusive a língua, são semelhantes aos da sua rede de origem ou integração. Mas, isto não significa renegar a rede local, tanto que apreciam seu modo de vida e não pretendem se ausentar e a intenção parece ser a de preparar os filhos para um contato com as redes externas quando este ocorrer ao menos, no que se refere ao uso da língua.

Quanto aos homens, E.P.(38 anos), agricultor bem sucedido e que mantém contatos constantes com rede externa, já ocupou onze cargos em associações na comunidade e que planeja realizar uma excursão com outros agropecuaristas da região para conhecer a tecnologia norte - americana, enfatizou que adquire

terras em diferentes partes do país, mas que não pretende morar em outro local. Como justificativa colocou os estreitos laços de amizade, parentesco e solidariedade que existem entre os habitantes do local, gerando um ambiente seguro e agradável.

Do mesmo modo, E.S.(50 anos), filho de pioneiros, agricultor abastado, argumentou que, "quem não fosse capaz de ser bem sucedido e feliz na localidade não o seria em lugar algum," devido à riqueza da terra e da amizade e companheirismo entre os moradores. Fez questão de conversar no dialeto alemão predominante na comunidade de Dez de Maio, o *Hunsrueckish* mesmo sabendo que a conversa seria gravada.⁵¹

FUERST-BAERNERT argumenta que:

Na realidade a literatura dialetológica alemã não menciona nenhum dialeto "hunsrueckish". Há várias maneiras de subdividir a região Bundesland Rheinland-Platz levando em conta os dialetos existentes nele. Segundo Beckers (1980) a região Platz se constituiu dialetalmente pelo chamado moselfraenkisch (que inclui a região Hunsrueck) e pelo pfaelzisch. Decidimos manter neste capítulo a denominação desse dialeto como "hunsrueckish" porque a comunidade alemã se refere a ele com este nome.

Em Dez de Maio, ocorre o mesmo fenômeno pois seus habitantes se identificam como falantes deste dialeto, alertando que é uma maneira "errada" de falar o alemão, provavelmente tendo como parâmetro o alemão padrão.

E.S. argumentou que a gravação da sua fala neste dialeto seria uma maneira de se identificar como morador de Dez de Maio. Questionado como se comunicava ao realizar seus negócios na cidade, afirmou que sabia o suficiente da língua

⁵¹ FUERST-BAERNERT, Ute. Flashes metodológicos: a sociolinguística qualitativa/quantitativa. In TARALLO, Fernando (org.). Fotografia sociolinguísticas. Campinas: Pontes, 1989 : 237.

portuguesa para isto e que as pessoas se esforçavam para entendê-lo nos bancos e comércio. O mesmo comentário foi feito por N.F. (50 anos), com as mesmas características do seu amigo, que assegurou estar muito satisfeito com o seu meio de vida e não pretendia modificá-lo.

É interessante observar que as pessoas que mantiveram contato mais direto com redes externas, consideram a rede local como referencial do mesmo modo que as que nunca se ausentaram da mesma ou contataram esporadicamente com uma rede não local. Estes dados sugerem que as pessoas que nasceram e vivem em Dez de Maio, independente de sexo, idade, escolaridade, sentem-se presos ao grupo por razões de amizade, parentesco e valores étnicos.

Deve-se lembrar que até 1975 a escola local oferecia aulas até a 4^a série do primeiro grau e não havia transporte escolar ficando o acesso a Toledo restrito a um ônibus de linha regular que percorria, com dificuldade, os 22 km não asfaltados. Alguns agricultores, com famílias numerosas e pouca terra, como da família Z., consideravam que proporcionar estudo aos filhos era uma maneira de permitir um bom emprego na cidade, pois a terra não era suficiente para o sustento de todos. Como esta atitude não incluísse o estudo em seminários, alguns adolescentes moravam para estudar, em Toledo, na casa de amigos e parentes. Ao terminar os estudos permaneciam na cidade.

Vários foram bem sucedidos, tanto que nos concursos realizados para o Banco do Estado do Paraná na região entre os anos de 1968 e 1972, salientaram-se na classificação.⁵²

Nesta época, ainda, sair da rede para estudar ou trabalhar era privilégio dos homens. Esta colocação parece sugerir que diversos rapazes se afastaram da rede optando por uma outra rede transformada em rede de referência. No entanto, o interessante deste aspecto é que embora estes rapazes trabalhem e residam em Toledo ou outra cidade próxima, a maioria casou com moças da rede de origem e mantém um estreito vínculo com parentes e amigos da localidade. Tanto que, alguns ainda integram o time de futebol, passam os finais de semana, feriados e férias entre o grupo. Deduz-se que mesmo morando fora da rede local, o elo que os liga ao grupo é muito forte, inclusive adotando a língua alemã como meio de comunicação quando integrantes do grupo.

A.K., jogador profissional, é um exemplo de que a rede exerce um forte poder sobre seus integrantes mesmo quando ausentes por motivos profissionais. Ele pertencia ao time de futebol de Dez de Maio e desenvolveu suas habilidades esportivas a ponto de ser contratado pelo Internacional Futebol Clube de Porto Alegre, RS. Depois integrou a equipe Olímpica de Futebol de 1988, que conquistou a medalha de prata para o Brasil. Posteriormente, jogou pelo Clube Cruzeiro de Minas Gerais e atualmente atua num time argentino. É casado com uma moça da rede local e mantém contato freqüente com parentes e amigos através de correspondência e visitas. É considerado um

⁵² Depoimento de I.T.A., filha de pioneiros e professora da escola local.

herói local e alguns adolescentes o vêem como referencial para suas ambições esportivas.

De acordo com depoimentos de moradores antigos, somente um rapaz, bancário em Brasília, se ausentou da vila e não contata com frequência, embora sua família resida em Dez de Maio. Os demais jovens, que não retornaram, seguiram a vida religiosa e desempenham suas funções em diferentes partes do país. Mesmo assim, visitam os parentes, só não de modo sistemático.

As moças não usufruíram da mesma liberdade para se ausentar para estudos concedida aos rapazes. Elas se limitavam a estudar em conventos objetivando a vida religiosa. As que optaram pela mesma, desvincularam-se da rede se limitando a visitas esporádicas levadas pela exigência da ordem religiosa. M. E., por exemplo, não completou os estudos religiosos, mantém-se em Toledo trabalhando mas continua vinculada à rede de origem.

Somente quando o transporte escolar foi estendido para a parte da tarde (1987), as moças se deslocaram, parcialmente, para frequentar o segundo grau em Toledo. Cursaram, preferencialmente o magistério, o que lhes permitia morar na rede de origem e lecionar na escola local ao se formar.

Somente em 1992, duas professoras recém-formadas, conseguiram se desligar da supervisão da rede de origem, através do Consulado Alemão que concedeu bolsas de estudos para o curso de Letras Português-Alemão na **Unisinos**, São Leopoldo, RS. Aparentemente, foi uma oportunidade para contatar com outra rede e conviver com outros valores. Entretanto, é importante

salientar que se elas se desligaram de uma rede na qual predominavam a língua e valores alemães, ingressaram numa outra com características semelhantes. Um prêmio de dois anos na Alemanha lhes será ofertado se concluírem o curso no período estipulado e agora participam de atividades culturais alemãs cantando em corais ou representando em grupos teatrais. Assim, os vínculos entre língua e valores alemães parecem se intensificar nesta nova rede de integração.

É provável que os jovens que se ausentaram para estudar e permaneceram numa outra rede, apresentem um grau de interferência menor do que aqueles que ficaram retidos na rede insulada. Mas, como o objetivo deste trabalho é verificar a manutenção e não o decréscimo da interferência entre as duas línguas ou a substituição de uma língua pela outra, não houve preocupação em averiguar o desempenho lingüístico destes falantes.

3.3 DENSIDADE DA REDE

A rede de comunicação de Dez de Maio pode ser considerada uma rede com acentuado grau de densidade. O principal fator que determina esta característica é a interação contínua e constante dos componentes do grupo. Este fato resulta numa rede densamente entrelaçada pois as mesmas pessoas mantêm relações nos diferentes segmentos sociais como Família, Escola, Associações e Igreja.

E, nesta interação predomina o uso da língua alemã, que é a primeira língua falada na família. A Escola, como uma continuidade da rede familiar, conforme já foi discutido, sente dificuldades em desmotivar o uso deste idioma para comunicação.

Além destes dois segmentos intimamente ligados, destaca-se também o Clube Socedema, que é o local onde se desenvolvem as atividades recreativas e é um centro de interação que congrega os mesmos elementos que atuam nos anteriormente citados.

Entre as muitas atividades desenvolvidas neste Clube, salienta-se a Festa do Frango. Nos preparativos para a Sétima Festa, observando-se o comportamento dos organizadores do evento, constatou-se uma forte integração entre o grupo. O esforço coletivo lembrava o sistema de mutirão usado no início da colonização, com homens montando barracas, mulheres amassando ou assando cucas⁵⁹ e pães e crianças carregando lenha e cadeiras.

Todo este entusiasmo, era entremeado de conversas alegres, em alemão, atingindo todos os sexos e idades. Com a aproximação de um eventual estranho, alguns mudavam a fala para o português acompanhado de mais formalidade e menos espontaneidade. Ao se certificar de que a pessoa desconhecida "era um deles", ou seja, falava alemão, a conversa retomava seu aspecto informal e descontraído, em alemão.

Uma experiência semelhante se verificou ao assistir ao Quarto Festival de Música Sacra, realizado também no Clube Socedema e promovido pelo Grupo de Jovens Católicos da Paróquia, ao qual compareceram pessoas de todas as idades e ambos os sexos. Por ocasião da apresentação das canções, a língua mais usada era a língua portuguesa porque havia grupos de outras localidades presentes e porque as letras das músicas

⁵⁹ Pão doce recheado ou coberto de frutas e farofa doce.

eram em português. Mas, no intervalo do Festival, caminhando entre as mesas ou no pátio do clube, a língua alemã era a mais ouvida entre os grupos locais.

O Clube, contendo um salão de festas, quadra de esportes coberta, também é utilizado para o ensaio de danças típicas, ou realização de Festivais, como o Fesdema (Festival da Canção de Dez de Maio), promovido pela Escola local. Aí também se realiza o encontro de idosos, a reunião da Associação de Moradores ou de Cooperativistas. É neste local que a maioria dos moradores se encontra para discutir assuntos de interesse, praticar esportes, dançar ou conversar com os amigos.

O futebol é sem dúvida o esporte mais popular entre os habitantes. Dificilmente alguém não se envolve de alguma forma: os mais jovens jogam, os mais velhos orientam, as mulheres e crianças torcem pelo time local, que disputa torneios com clubes vizinhos, consagrando-se campeão do Torneio de 1992.

O bolão também é praticado bastante, principalmente pelos homens ficando o "bolãozinho"⁵⁴ mais restrito às mulheres. Os idosos realizam no Clube o seu encontro na primeira quarta-feira do mês, possuindo uma associação oficialmente instituída há três anos. Pessoas com mais de sessenta anos se reúnem para conversar, jogar cartas, tomar chá, ouvir música ou assistir a programações organizadas por voluntárias, compostas de senhoras mais jovens. M.S., senhora de meia idade, muito ativa, sente muito prazer em divertir e alegrar os idosos fazendo graça e contando piadas em alemão. Esta é a língua predominante nestas reuniões porque os

⁵⁴ Bolão em miniatura montado sobre uma mesa.

envolvidos não falam a língua portuguesa e muitos nem a entendem. Se alguma pessoa de rede externa, que não fala o alemão comparece à reunião, terá que se comunicar através de intérprete porque o grupo não se preocupa em tentar se comunicar numa língua que não é a dele.

O grupo de Danças Folclóricas, composto por jovens casais ou rapazes e moças, usa as dependências do Clube para o ensaio de seus números, apresentando-se em festas do distrito ou fora dele e as conversas entre eles são em língua alemã.

As discussões relativas às reivindicações da localidade em relação aos seus direitos e necessidades, através da Associação de Moradores, com diretoria constituída, também se realizam no clube. Os agricultores são associados a Cooperativas que realizam reuniões periódicas, oferecendo orientações para os associados e cursos de culinária e bordados para as mulheres interessadas.

Nestes dois tipos de atividades, parece haver maior contato com maior número de pessoas não pertencentes à rede porque as discussões ou orientações envolvem participantes de outro meio. É natural, que nestas ocasiões, a língua portuguesa predomine como meio de comunicação, embora as pessoas destacadas pelos órgãos para as palestras ou discussões dominem o alemão, pois do contrário, poderia haver rejeição por parte dos associados.

Mas, nas demais atividades de lazer desenvolvidas no Clube, predomina a língua alemã como meio de integração. Os informantes, de ambos os sexos, foram unânimes em afirmar que a língua preferida para estas ocasiões era o alemão, havendo, no

entanto, da parte de alguns, respeito pelo visitante não falante do alemão, predominando então o português. Os adolescentes confessaram que falam "misturado" nos momentos de lazer, mas que no momento de maior euforia, entusiasmo ou raiva, a língua alemã brota espontaneamente, independente das pessoas presentes falarem o alemão ou não.

Embora o espaço mais ocupado para a descontração de toda comunidade seja o Clube, desenvolvem-se também outras atividades de lazer em outros locais.

Como exemplo, cita-se a iniciativa de um pequeno grupo de jovens católicos de uma Linha do distrito, que promoveu uma festa julina⁵⁵ num local ermo, debaixo de barracas improvisadas com lona e troncos de bambu. A música predominante era a caipira, a comida e bebida eram típicas e as danças e casamento caipira faziam parte da festa.

Mas, contrastando com o ambiente caipira, havia o jogo do "bolãozinho", que é um esporte praticado por alemães. As pessoas se entretinham jogando enquanto tagarelavam em alemão.

Uma senhora alemã idosa referiu-se a duas meninas de origem italiana, netas de um pioneiro respeitado pela comunidade alemã por incentivar e promover times de futebol, como "as gringuinhas"⁵⁶. O termo usado com aparente carinho parecia sugerir que, apesar da vivência desta família de italianos no meio alemão, ela não era considerada da rede

⁵⁵ Festa realizada no mês de julho para evitar coincidência de data na pequena comunidade, mas com características de festa junina.

⁵⁶ As redes têm elementos centrais, secundários e periféricos. Estas "gringuinhas" são possivelmente periféricas.

porque não cultivava certas características, como falar a língua alemã.

Fato similar se havia verificado ao conversar com o informante E.S.(50 anos), que ao se referir ao mesmo italiano disse: "ele é italiano, mas é gente boa."

Os exemplos acima reforçam o parâmetro que é usado para determinar quem é da rede de integração local e qual o papel que desempenha no contexto.

Esta visão geral das características da rede permite um entendimento da integração do grupo que se processa em todos os segmentos sociais, abrangendo seus membros, independente de sexo ou idade. Este emaranhado de relações se efetua constantemente entrelaçando seus moradores, o que resulta na formação de uma rede com alto grau de densidade.

No entanto, deve-se atentar para o fato de que os moradores não se relacionam de modo uniforme com estas redes, visto que alguns não freqüentam o clube e não participam destes grupos ou associações. É interessante observar, que são justamente os não freqüentadores que possuem menor interferência alemã na fala do português. O que se deduz é que estas redes servem de mecanismo para conservar e incentivar a interferência, já que a língua alemã é a predominante nestas ocasiões.

Conforme BORTONI (1985), na comunidade analisada em Brazlândia, a Associação Vicentina e o Clube de Danças servem de instrumento para a difusão dialetal dos migrantes rurais em direção a uma nova variedade lingüística. Em Dez de Maio, julga-se ocorrer o contrário pois estas associações e clubes

servem para a focalização e manutenção de características lingüísticas ligadas à rede insulada. Pode-se justificar esta atitude, vendo-a como uma maneira de preservar uma língua minoritária ligada a valores étnicos, em meio à forte pressão de redes externas.

Outro fator que caracteriza uma rede mais densa é o auxílio mútuo praticado na comunidade, não como meio de sobrevivência, mas motivado pela solidariedade ao grupo.

Tem-se exemplos, como a atitude da informante T.B., que cuida há três anos da filha de uma amiga e professora para que esta possa trabalhar tranqüila e não deixar a criança nas mãos de "estranhos". Do mesmo modo, a irmã de uma outra informante C.S., pertencente a uma família abastada de agricultores, deixa sua casa para fazer o trabalho doméstico para uma amiga adoentada.

De uma maneira mais ampla, cita-se o exemplo da informante N.E., viúva, que por sua determinação em criar três filhos em situações adversas no início da colonização, recebeu o respeito da comunidade. Por sua iniciativa N. E. foi incumbida da conservação da praça local mediante remuneração. Seu filho foi incentivado a aceitar um emprego público que visa recadastramento dos agricultores locais, trabalhando na região de origem e cursando a Faculdade de Economia à noite em Toledo. A família parece receber a tutela da comunidade.

O vínculo familiar também é reforçado por atitudes solidárias, como no caso de A.S., que tem o auxílio da mãe para cuidar de seu filho enquanto leciona na escola, ou a atitude de I.A., que faz questão de limpar semanalmente, a casa para a

mãe embora tivesse condições financeiras para mandar executar a tarefa e em sua casa tivesse uma empregada para realizar o trabalho doméstico. A alegação é de agradar a mãe e fazer o trabalho ao agrado dela.

Estas atitudes convergem para a afirmação de MILROY(1982), que coloca a rede social como um mecanismo que serve para a troca de bens e serviços e confere direitos e obrigações a seus membros, o que resulta no estreitamento das relações e aumenta a densidade da rede.

É importante salientar o estreito parentesco existente entre os moradores do distrito o que provoca uma interação assídua entre os moradores, convergindo para o aumento da densidade. Por exemplo, para identificar uma pessoa na localidade é necessário citar o pré-nome pois há diferentes famílias com o mesmo sobrenome

Casamentos entre parentes distantes é bastante comum, bem como casamentos entre pessoas amigas e conhecidas é uma regra facilmente verificável. Com estes atos preserva-se a união do grupo e se garante o acúmulo de bens que no local significa a concentração de terras. Dificilmente acontecem casamentos com pessoas não pertencentes à rede. Neste caso, na maioria das vezes, o morador da comunidade se muda e não é esta que recebe o "estranho". Os torneios esportivos e as promoções culturais e religiosas propiciam o encontro de jovens entre localidades vizinhas, resultando esporadicamente em casamento. A escolha local de um companheiro, com o aval da família e comunidade retarda a abertura da rede social pois um grupo densamente coeso atua na preservação dos valores comuns à rede insulada.

3.4 REDE MULTIPLEX

Outro ponto considerado como responsável pelo estado de insulamento do grupo são as diferentes funções que uma mesma pessoa desempenha na comunidade o que a transforma numa rede **multiplex**. Verificamos o caso de R.L., que é simultaneamente professor, colega da esposa, dirigente da fanfarra, músico, técnico eletrônico e freqüentador do clube.

Do mesmo modo, E.P., é pai, faz parte da Associação dos Pais e Professores, da Associação dos Moradores, Religiosa, Cooperativista, além de ser agricultor e trabalhar a terra com a família e se reunindo com os vizinhos e amigos para beber ou praticar esportes.

I.A. acumula as funções de pai, professor, colega de trabalho da esposa, líder comunitário, vereador eleito pela comunidade e companheiro de lazer dos homens da localidade.

A.S. mantém como círculo de convivência as colegas professoras, os parentes, as vizinhas que também são colegas de lazer no clube ou em casa enquanto que R.C. se desdobra entre as funções simultâneas de mãe, professora, auxiliar de farmácia e secretária de alguma entidade .

Entre as famílias dos agricultores existe o relacionamento familiar e profissional porque seus integrantes são simultaneamente parentes, companheiros de trabalho e de lazer, como as famílias de E.S., N.K., A.B., A. R..

As poucas pessoas não proprietárias interagem com seus patrões no trabalho e também como vizinhos e nos momentos de lazer pois fazem parte da rede por suas características

étnicas-religiosas, desconsiderando-se a diferença econômica existente entre patrão e empregado.

Entre os mais idosos se verificou que os companheiros de lazer são seus vizinhos e parentes. Os mais jovens estão ligados entre si pelo companheirismo da escola, dos vizinhos e parentes agrupando-se também nas horas de descontração. As famílias de um modo geral convivem no trabalho e no lazer. Raras vezes uma pessoa desempenha uma só função ou se relaciona com grupos diferentes no momento do trabalho e lazer.

A força adquirida com estas características de rede, que garantem o consenso, levam também o grupo a conquistar projeção política. Um exemplo desta conquista se verificou nas últimas eleições para a Câmara Municipal de Toledo. A sede do município e os distritos apresentaram 180 candidatos a vereador sendo 17 eleitos, entre eles L.I.A., candidato de Dez de Maio. Com 758 votos e a quarta colocação, recebeu uma votação expressiva em relação ao mais votado que obteve 959 votos.⁵⁷

Este dado demonstra que um distrito com menos de 4.000 habitantes, pela força da rede, reelegeu seu representante, enquanto que a sede do município, com aproximadamente 90.000 habitantes, mas composta de diferentes redes, deixou de eleger um considerável número de candidatos.

⁵⁷ Tribunal Regional Eleitoral - TRE PR - Coordenação Geral de Informática. Ata de 03 de out. de 1992.

CAPITULO IV - ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, realizar-se-á a análise dos dados obtidos através de observação direta e pela gravação de conversas informais com os informantes, para elicitar os fatores responsáveis pela manutenção do bilingüismo português-alemão na comunidade em estudo.

4.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS - CORRELAÇÃO IDADE X GRAU DE INTERFERÊNCIA.

O quadro a seguir apresentado sintetiza o resultado da análise realizada observando a sequência das células duplas, quatro compostas por mulheres e quatro por homens, similares em idade, mas divergentes na escolaridade, rede social e grau de interferência:

CD	S.	I.	ESC.		ES.				R.C.		G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/z/"/z/	
N.	F.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME	In. /r/	Me. /r/	In. /z/
1	I.B.	46		x	x				x	x			x	30%	30%	30%
	N.E.	50	x		x						x	x		100%	90%	100%
2	T.B.	38		x		x			x	x			x	40%	40%	30%
	A.R.	37	x			x					x	x		100%	100%	100%
3	I.B.	23	x				x				x	x		100%	100%	90%
	A.S.	24		x			x			x			x	40%	30%	30%
4	C.S.	13		x				x			x	x		90%	90%	80%
	J.P.	14		x				x		x			x	20%	40%	10%

CD	S.	I.	ESC.		ES.					R.C.		G.I.		/x/'/r/	/x/'/r/	/z/'/z/
N.	N.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME	In. /r/	Me. /r/	In. /z/
	E.S.	50	x		x						x	x		100%	100%	100%
1	N.K.	50	x		x						x	x		80%	90%	80%
	A.B.	40	x			x					x	x		90%	90%	70%
2	E.P.	38	x			x				x			x	40%	30%	20%
	J.L.	18		x			x		x	x		x		90%	90%	60%
3	I.K.	24		x			x				x	x		100%	100%	80%
	F.H.	14		x				x			x	x		90%	100%	80%
4	E.S.	14		x				x		x			x	20%	40%	20%

Para chegar aos resultados do quadro, primeiramente, tentou-se estabelecer uma correlação entre idade e grau de interferência para testar este fator como responsável pela manutenção da interferência entre as duas línguas. Analisaram-se portanto, todas as células duplas femininas e masculinas relativas ao emprego da fricativa velar /x/ e do flap alveopalatal /r/, inicial e medial, e da troca da alveopalatal sonora /z/ pela surda /š/ inicial.

Para confirmar os fatos já detectados na observação direta, transcreveram-se as dez primeiras ocorrências com as características acima mencionadas, provenientes das gravações realizadas com os informantes. Para identificar os respectivos informantes, na análise, usaram-se as iniciais dos nomes, o sexo, a idade, a variante analisada, sua posição na palavra, a porcentagem, o grau de interferência maior ou menor e o tipo de rede, utilizando as abreviaturas constantes na lista⁵⁹.

A apresentação dos dados realizou-se transcrevendo, em primeiro lugar a fala padrão e, em segundo lugar, a realização da variante pelos falantes analisados e por último, a representação escrita.

Após a transcrição dos dados de cada célula dupla realizou-se uma análise, que demonstrou, primeiramente, que a idade não é um fator determinante para justificar a interferência da língua alemã na fala do português.

Passa-se agora, à apresentação e análise de cada uma das células duplas:

⁵⁹ Vide p.v.

1. CÉLULA FEMININA 1

1.1 OCORRÊNCIA DE /r/ INICIAL.

1.1.1 INFORMANTE 1 :

I.B. - (F., 46) - /x/ ~ /r/ In = 30% IME - A

VARIANTE PADRÃO - VARIANTE REALIZADA - REPRESENTAÇÃO ESCRITA

/xɔsa/	~	/xɔsa/	- roça
/xeli 'ʒiɔza/	~	/xeli 'ʒiɔza/	- religiosa
/xeali 'dadʒi/	~	/xeali 'dadʒi/	- realidade
/xa 'pazes/	~	/ra 'pazes/	- rapazes
/xestu/	~	/xestu/	- resto
/xadʒy/	~	/radʒy/	- rádio
/xeliʒi 'ãw/	~	/reliʒi 'ãw/	- religião
/xamu/	~	/xamu/	- ramo
/xe 'mEdʒy/	~	/xe 'mEdʒy/	- remédio
/xoda/	~	/xoda/	- roda

1.1.2 INFORMANTE 2:

N.E. - (F., 50) - /x/ ~ /r/ In = 100% IMA - F

V. P. ~ V.R. - R. E.

/xeuni 'ãw/	~	/reuni 'ãw/	- reunião
/xɔda/	~	/rɔda/	- roda
/xɔsa/	~	/xɔsa/	- roça
/xadʒy/	~	/radʒy/	- rádio
/xapidu/	~	/rapidu/	- rápido
/xõ 'dõ/	~	/ro 'dãu/	- Rondon
/xiw/	~	/riw/	- rio
/xua/	~	/rua/	- rua
/xe 'aw/	~	/re 'al/	- real

1. CÉLULA FEMININA 1

1.2 OCORRÊNCIA DE /r/ MEDIAL

1.2.1 INFORMANTE 1 :

I.B. - (F., 46) - /x/ ~ /r/ ME = 30% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/tExa/	~	/tExa/	-	terra
/šima'xãw/	~	/šima'raw/	-	chimarrão
/va'xia/	~	/va'xia/	-	varria
/axe'bétar/	~	/axe'bétar/	-	arrebentar
/sexo/	~	/sero/	-	Cerro
/koxespõ'děsya/	~	/koxespõ'děsya/	-	correspondência
/axe'dores/	~	/axe'dores/	-	arredores
/kaxu/	~	/kaxu/	-	carro
/te'xenu/	~	/te'xenu/	-	terreno
/ka'xɔsa/	~	/ka'rɔsa/	-	carroça

1.2.2 INFORMANTE 2 :

N.E. - (F., 50) - /x/ ~ /r/ ME = 90% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ítexõ'pia/	~	/íterõ'pia/	-	interrompia
/koxi'žia/	~	/kori'žia/	-	corrigia
/axu'mava/	~	/aru'mava/	-	arrumava
/se'xɔtš'i/	~	/sẽ'ɔtš'i/	-	serrote
/šu'xasku/	~	/šu'rasku/	-	churrasco
/maka'xãw/	~	/maka'xãw/	-	macarrão
/tExa/	~	/tEra/	-	terra
/kaxe'gava/	~	/kare'gava/	-	carregava
/šima'xãw/	~	/šima'rãw/	-	chimarrão
/tE'xiña/	~	/tE'riña/	-	terrinha

1. CÉLULA FEMININA 1

1.3 OCORRÊNCIA DE /s/ INICIAL

1.3.1 INFORMANTE 1#

I.B. - (F., 46) - /z/ ~ /s/ In = 30% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ʔt̃si/	~	/ʔt̃si/	-	gente
/ʔa/	~	/ʔa/	-	já
/ʔutu/	~	/ʔutu/	-	junto
/ʔor'naʔ/	~	/ʃor'nal/	-	jornal
/ʔeitu/	~	/ʔeitu/	-	jeito
/ʔor'nada/	~	/ʔor'nada/	-	jornada
/ʔela'deyra/	~	/ʃela'dera/	-	geladeira
/ʔogu/	~	/ʔogu/	-	jogo
/ʔoṽe/	~	/ʔoṽe/	-	jovem
/ʔa'mays/	~	/ʔa'mays/	-	jamaiz

1.3.2 INFORMANTE 2#

N.E. - (F., 50) - /z/ ~ /s/ In = 100% IMA -F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ʔeogra'fia/	~	/ʔeogra'fia/	-	geografia
/ʔt̃si/	~	/ʔt̃si/	-	gente
/ʔuwa'm̃etu/	~	/ʃuwa'm̃etu/	-	juizamento
/ʔutu/	~	/ʔutu/	-	junto
/ʔeraw/	~	/ʃe'ral/	-	geral
/ʔogãw/	~	/ʃogãw/	-	jogam
/ʔa/	~	/ʔa/	-	já
/ʔeytu/	~	/ʔeytu/	-	jeito
/ʔoṽe/	~	/ʔoṽe/	-	jovem
/ʔuṽe'tud̃zi/	~	/ʃuṽe'tud̃zi/	-	juventude

Observando-se o grau de interferência relativo ao uso do /r/ inicial e medial no lugar do /x/ das duas informantes entre 45 e 50 anos, notou-se que N.E. apresenta um grau bem maior de interferência 100% no uso inicial e 90% no uso medial do /r/ em vez de /x/, do que I.B., que mostra um grau menor, ou seja, 30% de interferência no uso do /r/ inicial e 30% do emprego do /r/ na posição medial. Quanto ao emprego do /s̃/ , em vez de /z̃/, em posição inicial, também se notou grau diferente de interferência: N.E. mostra 100% de troca ao empregar o /s̃/ no lugar do /z̃/, enquanto I.B. apresenta 30% na mesma situação.

Nesta célula, a idade não se mostrou eficaz em justificar o grau de interferência, pois ambas as informantes apresentam uma diferença saliente na fala considerando as variantes em estudo, apesar de pertencerem à mesma faixa etária.

A seguir, após a transcrição dos dados, far-se-á a análise da próxima célula feminina composta por integrantes de 38 e 37 anos.

2. CÉLULA FEMININA 2

2.1 OCORRÊNCIA DE /r/ INICIAL

2.1.1 INFORMANTE 1:

T.B. - (F., 38) - /x/ ~ /r/ In = 40% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
// 'xɔsa/	~	// 'rɔsa/	-	roça
// 'xiw/	~	// 'xiw/	-	rio
// xeʒi 'ãw/	~	// xeʒi 'ãw/	-	região
// xe 'mEdʒyu/	~	// re 'mEdʒyu/	-	remédio
// xa 'pas/	~	// xa 'pas/	-	rapaz
// 'xoupa/	~	// 'xopa/	-	roupa
// xo 'dow/	~	// ro 'do/	-	rodou
// 'xEstu/	~	// 'rEstu/	-	resto
// xeuni 'ãw/	~	// xeuni 'ãw/	-	reunião
// 'xua/	~	// 'xua/	-	rua

2.1.2 INFORMANTE 2:

A.R. - (F., 37) - /x/ ~ /r/ In = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
// 'xɔsa/	~	// 'rɔsa/	-	roça
// 'xowpa/	~	// 'ropa/	-	roupa
// 'xiw/	~	// 'riw/	-	rio
// 'xEstu/	~	// 'rEstu/	-	resto
// 'xua/	~	// 'rua/	-	rua
// xo 'lava/	~	// ro 'lava/	-	rolava
// 'xadʒyu/	~	// 'radʒyu/	-	rádio
// 'xiku/	~	// 'riku/	-	rico
// xõ 'dõ/	~	// rõ 'dãu/	-	Rondon
// 'xɔda/	~	// 'rɔda/	-	roda

2. CÉLULA FEMININA 2

2.2 OCORRÊNCIA DO /r/ MEDIAL

2.2.1 INFORMANTE 1

T.B. - (F., 38) - /x/ ~ /r/ ME = 40% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/tExa/	~	/tEra/	-	terra
/sexu/	~	/seru/	-	Cerro
/kaxu/	~	/kaxu/	-	carro
/ka'xɔsa/	~	/ka'xɔsa/	-	carroça
/fã'faxa/	~	/fã'fara/	-	fanfarra
/šima'xãw/	~	/šima'rãw/	-	chimarrão
/ka'šoxu/	~	/ka'šoxu/	-	cachorro
/e'xadu/	~	/e'xadu/	-	errado
/ka'xiñu/	~	/ka'xiñu/	-	carrinho
/šima'xãwziño/	~	/šima'xõziño/	-	chimarrãozinho

2.2.2 INFORMANTE 2:

A.R. - (F., 37) - /x/ ~ /r/ ME = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/sexu/	~	/sero/	-	Cerro
/šima'xãw/	~	/šima'rõw/	-	chimarrão
/tExa/	~	/tEra/	-	terra
/axẽ'darãw/	~	/arẽ'darãw/	-	arrendaram
/axu'mar/	~	/aru'ma/	-	arrumar
/a'xiscar/	~	/aris'ca/	-	arriscar
/ka'xɔsa/	~	/ka'rɔsa/	-	carroça
/kaxu/	~	/karu/	-	carro
/ka'xiñu/	~	/ka'riñu/	-	carrinho
/sexa'sãw/	~	/sera'sõw/	-	cerração

2. CÉLULA FEMININA 2

2.3 OCORRÊNCIA /s/ INICIAL

2.3.1 INFORMANTE 1:

T.B. - (F., 38) - /z̃/ ~ /s̃/ In = 30% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ʔ̃z̃et̃si/	~	/ʔ̃z̃et̃si/	-	gente
/ʔ̃za/	~	/ʔ̃sa/	-	já
/ʔ̃iʔ̃nasyu/	~	/ʔ̃siʔ̃nasyu/	-	ginásio
/ʔ̃z̃utu/	~	/ʔ̃z̃utu/	-	junto
/ʔ̃oʔ̃gava/	~	/ʔ̃oʔ̃gava/	-	jogava
/ʔ̃z̃ogu/	~	/ʔ̃z̃ogu/	-	jogo
/ʔ̃eʔ̃ada/	~	/ʔ̃seʔ̃ada/	-	geada
/ʔ̃z̃oṽe/	~	/ʔ̃z̃oṽe/	-	jovem
/ʔ̃zeytu/	~	/ʔ̃zeytu/	-	jeito
/ʔ̃elaʔ̃deyra/	~	/ʔ̃elaʔ̃dera/	-	geladeira

2.3.2 INFORMANTE 2:

A.R. - (F., 37) - /z̃/ ~ /s̃/ In = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R.E.
/ʔ̃za/	~	/ʔ̃sa/	-	já
/ʔ̃z̃utu/	~	/ʔ̃s̃utu/	-	junto
/ʔ̃oʔ̃gar/	~	/ʔ̃soʔ̃ga/	-	jogar
/ʔ̃z̃et̃si/	~	/ʔ̃s̃et̃si/	-	gente
/ʔ̃aʔ̃nela/	~	/ʔ̃saʔ̃nela/	-	janela
/ʔ̃iʔ̃rar/	~	/ʔ̃siʔ̃ra/	-	girar
/ʔ̃z̃ogu/	~	/ʔ̃s̃ogu/	-	jogo
/ʔ̃z̃oṽe/	~	/ʔ̃s̃oṽe/	-	jovem
/ʔ̃uʔ̃rar/	~	/ʔ̃suʔ̃ra/	-	jurar
/ʔ̃zeytu/	~	/ʔ̃seytu/	-	jeito

Sintetizando, a análise realizada entre a fala de T.B. (38) e A.R. (37) demonstrou que quanto ao emprego do /r/ inicial, em vez de /x/, o grau de interferência de T.B. é menor (40%) do que de A.R. (100%). O mesmo se verificou ao se comparar o uso do /r/ medial, em vez de /x/, quando T. B. apresentou novamente 40% de interferência em relação a A.R. que demonstrou a existência de 100% de interferência. A porcentagem de troca de /z/ por /s/ se restringiu a 30% no caso de T.B., mas permaneceu em 100% em relação a A.R., o que já aponta para a irrelevância do fator idade relativo ao grau de interferência.

A seguinte célula dupla feminina, composta por A.S. (24) e I.B. (23), também foi analisada correlacionando-se o fator idade com o grau de interferência.

3. CÉLULA FEMININA 3

3.1 OCORRÊNCIA DE /r/ INICIAL

3.1.1 INFORMANTE 1

A.S. - (F., 24) - /x/ ~ /r/ In = 40% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ˈxɔda/	~	/ˈrɔda/	-	roda
/xeʒeyˈtadu/	~	/xeʒeyˈtadu/	-	rejeitado
/xeʒiˈãw/	~	/xeʒiˈãw/	-	região
/ˈxadʒy/	~	/ˈradʒy/	-	rádio
/xõˈdõ/	~	/rõˈdõ/	-	Rondon
/xesˈposta/	~	/xesˈposta/	-	resposta
/xeliʒiˈãw/	~	/xeliʒiˈãw/	-	religião
/ˈxiw/	~	/ˈxiw/	-	rio
/ˈxɔsa/	~	/ˈrɔsa/	-	roça
/xeliʒiˈɔza/	~	/xeliʒiˈɔza/	-	religiosa

3.1.2. INFORMANTE 2

I.B. - (F., 23) - /x/ ~ /r/ In = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ˈxɔsa/	~	/ˈrɔsa/	-	roça
/ˈxadʒy/	~	/ˈradʒy/	-	rádio
/ˈxowpa/	~	/ˈropa/	-	roupa
/xõˈdõ/	~	/rõˈdõ/	-	Rondon
/ˈxua/	~	/ˈrua/	-	rua
/xuˈĩ/	~	/ruˈĩ/	-	ruim
/ˈxayva/	~	/ˈrayva/	-	raiva
/ˈxiu/	~	/ˈriu/	-	rio
/ˈxama/	~	/ˈrama/	-	rama
/ˈxEstu/	~	/ˈrEstu/	-	resto

3. CÉLULA FEMININA 3

3.2 OCORRÊNCIA DE /r/ MEDIAL

3.2.1. INFORMANTE 1

A.S. - (F., 24) - /x/ ~ /r/ ME = 30% IME - A

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/ˈtɛxa/	~	/ˈtɛxa/	- terra
/kaˈxiɲus/	~	/kaˈxiɲus/	- carrinhos
/ˈsimaˈxãw/	~	/ˈsimaˈrãw/	- chimarrão
/ˈfãfaxa/	~	/ˈfãfara/	- fanfarra
/koxiˈʒia/	~	/koxiˈʒia/	- corrigia
/ˈsaˈxetɕi/	~	/ˈsaˈxetɕi/	- charrete
/kaˈxɔsa/	~	/kaˈrɔsa/	- carroça
/ˈkaxu/	~	/ˈkaxo/	- carro
/baˈxeyras/	~	/baˈxeras/	- barreiras
/ˈsaxo/	~	/ˈsaxo/	- sarro

3.2.2 INFORMANTE 2

I.B. - (F., 23) - /x/ ~ /r/ ME = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/ˈsexu/	~	/ˈsero/	- Cerro
/eˈxada/	~	/eˈrada/	- errada
/aˈxumar/	~	/aˈruma/	- arrumar
/ˈsimaˈxãw/	~	/ˈsimaˈrõ/	- chimarrão
/ˈtɛxa/	~	/ˈtɛra/	- terra
/kaˈxɔsa/	~	/kaˈrɔsa/	- carroça
/kaˈxeta/	~	/kaˈreta/	- carreta
/makaˈxãw/	~	/makaˈxãw/	- macarrão
/ˈkoxiʒir/	~	/ˈkoriʒi/	- corrigir
/aˈxos/	~	/aˈros/	- arroz

3. CÉLULA FEMININA 3

3.3 OCORRÊNCIA DE /s/ INICIAL

3.3.1 Informante 1

A.S. - (F., 24) - /ž/ ~ /š/ In = 30% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ 'žětši/	~	/ 'šetši/	-	gente
/ 'žutu/	~	/ 'šutu/	-	junto
/ žuvě'tudži/	~	/ žuvě'tudži/	-	juventude
/ 'žověs/	~	/ 'žověs/	-	jovens
/ žera'sāw/	~	/ žera'sāw/	-	geração
/ 'ža/	~	/ 'ža/	-	já
/ 'zeytu/	~	/ 'seytu/	-	jeito
/ žara'gua/	~	/ žara'gua/	-	Jaraguá
/ žú'tar/	~	/ žú'tar/	-	juntar
/ žeraw'mětši/	~	/ žeral'mětši/	-	geralmente

3.3.2 INFORMANTE 2

I.B. - (F., 23) - /ž/ ~ /š/ In = 90% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R.E.
/ 'žětši/	~	/ 'šetši/	-	gente
/ žo'gar/	~	/ šo'ga/	-	jogar
/ 'žogu/	~	/ 'šogu/	-	jogo
/ 'žutu/	~	/ 'šutu/	-	junto
/ žor'naw/	~	/ žor'nal/	-	Jornal
/ 'ža/	~	/ 'ša/	-	já
/ že'raw/	~	/ še'ral/	-	geral
/ žově/	~	/ šově/	-	jovem
/ zeytu/	~	/ seytu/	-	jeito
/ žuwgar/	~	/ šulga/	-	ulgar

Também este levantamento apresentou graus diferentes de interferência, apesar da idade similar dos informantes. Viu-se que A.S. apresentou 40% do emprego de /r/ , em vez de /x/, em situação inicial em comparação a I.B., com 100% de ocorrências no mesmo caso. Já no uso do /r/, em posição medial, A.S. mostrou esta característica em 30% dos casos, enquanto que I.B. manteve os 100% do emprego do /r/ na mesma posição. Quanto à troca do /z^u/ por /s^u/ em posição inicial, das 10 palavras analisadas, 03 apresentam a característica na fala de A.S. (30%) enquanto que 09 entre as 10 palavras enfocadas apresentam esta troca na fala de I.B. (90%).

A fala de C.S. (13) e J.P. (14), constituintes de outra célula, será agora analisada.

4. CÉLULA FEMININA 4

4.1 OCORRÊNCIA DE /r/ INICIAL

4.1.1 INFORMANTE 1

C.S. - (F., 13) - /x/ ~ /r/ In = 90% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/xeda'săw/	~	/reda'săw/	-	redação
//'xɔsa/	~	//'rɔsa/	-	roça
//'xEstu/	~	//'rEstu/	-	resto
//'xɔke/	~	//'rɔke/	-	Roque
//'xăśu/	~	//'răśu/	-	rancho
//'xiw/	~	//'riw/	-	Rio (Grande)
//'xadžyu/	~	//'xadžyu/	-	rádio
/xõ'dõ/	~	/rõ'dõ/	-	Rondon
/xo'dey/	~	/ro'dey/	-	rodei
//'xapidu/	~	//'rapidu/	-	rápido

4.1.2 INFORMANTE 2

J.P. - (F., 14) - /x/ ~ /r/ In = 20% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
//'xiw/	~	//'xiw/	-	rio
/xe'vista/	~	/xe'vista/	-	revista
/xõ'dõ/	~	/rõ'dõ/	-	Rondon
//'xadžyu/	~	//'xadžyu/	-	rádio
//'xua/	~	//'xua/	-	rua
//'xuĩ/	~	//'xuĩ/	-	ruim
/xazo'avew/	~	/xazo'avew/	-	razoável
/xeali'zar/	~	/xeali'zar/	-	realizar
/xapida'mětsi/	~	/rapida'mětsi/	-	rapidamente
//'xaru/	~	//'xaro/	-	raro

4. CÉLULA FEMININA 4

4.2 OCORRÊNCIA DE /r/ MEDIAL

4.2.1 INFORMANTE 1

C.S. - (F., 13) - /x/ ~ /r/ ME = 90% IMA - F

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/ 'sexu/	~	/ 'sero/	- Cerro
/fã 'faxa/	~	/fã 'fara/	- fanfarra
/ 'exu/	~	/ 'eru/	- erro
/axu 'mar/	~	/aru 'ma/	- arrumar
/maka 'xãw/	~	/makarãw/	- macarrão
/sima 'xãw/	~	/sima 'rãw/	- chimarrão
/ka 'xɔsa/	~	/ka 'rɔsa/	- carroça
/ 'kaxu/	~	/ 'kaxo/	- carro
/ko 'xida/	~	/ko 'rida/	- corrida
/kaxe 'tɕiña/	~	/kare 'tɕiña/	- carretinha

4.2.2 INFORMANTE 2

J.P. - (F., 14) - /x/ ~ /r/ ME = 40% IME - A

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/ 'sexu/	~	/ 'seru/	- Cerro
/ 'tExa/	~	/ 'tEra/	- terra
/fã 'faxa/	~	/fã 'fara/	- fanfarra
/baxa 'kãw/	~	/ba 'rakãw/	- barracão
/ 'kaxu/	~	/ 'kaxo/	- carro
/ba 'xãku/	~	/ba 'xãku/	- barranco
/sa 'xEtɕi/	~	/sa 'xEtɕi/	- charrete
/ka 'xɔsa/	~	/ka 'xɔsa/	- carroça
/sima 'xãw/	~	/sima 'xãw/	- chimarrão
/e 'xada/	~	/e 'xada/	- errada

4. CÉLULA FEMININA 4

4.3 OCCORRÊNCIA DE /s/ INICIAL

4.3.1 INFORMANTE 1

C.S. - (F., 13) - /z/ ~ /s/ In = 80% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ʒeogra'fia/	~	/ʒeogra'fia/	-	geografia
/ʒani/	~	/ʒani/	-	Jane
/ʒutu/	~	/ʒutu/	-	junto
/ʒogu/	~	/ʒogu/	-	jogo
/ʒa'netʃi/	~	/ʒa'netʃi/	-	Janete
/ʒeytu/	~	/ʒeytu/	-	jeito
/ʒustu/	~	/ʒustu/	-	justo
/ʒetʃi/	~	/ʒetʃi/	-	gente
/ʒe'raw/	~	/ʒe'ral/	-	geral
/ʒe'ladu/	~	/ʒe'ladu/	-	gelado

4.3.2 INFORMANTE 2

J.P. - (F., 14) - /z/ ~ /s/ In = 10% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ʒani/	~	/ʒane/	-	Jane
/ʒetʃi/	~	/ʒetʃi/	-	gente
/ʒoga/	~	/ʒoga/	-	joga
/ʒutu/	~	/ʒutu/	-	junto
/ʒeytu/	~	/ʒeytu/	-	jeito
/ʒerawmētʃi/	~	/ʒerawmētʃi/	-	geralmente
/ʒus'tisa/	~	/ʒus'tisa/	-	justiça
/ʒu'izo/	~	/ʒu'izo/	-	juízo
/ʒor'naw/	~	/ʒor'naw/	-	jornal
/ʒe'ada/	~	/ʒe'ada/	-	geada

Comparando-se o desempenho de C.S. com o de J.P. relativo ao emprego das variantes apontadas, a diferença apresentada é marcante visto que C.S. apresenta 90% no primeiro caso, ou seja, o emprego do /r/ inicial, em vez do /x/, 90% no segundo, o uso do /r/ em posição medial e, 80% no terceiro, enquanto que na fala de J.P. estes índices são bem mais reduzidos, ou seja, 20% no primeiro, 40% no segundo e apenas 10% no emprego de terceira variante analisada.

Os dados das 04 células apresentada confirmam a hipótese de que a idade do informante não é a responsável pela manutenção da interferência pois foi analisada a fala de pessoas do sexo feminino, dos 13 até os 50 anos e se constatou que a interferência é demonstrável em todos os casos. Fica também claro que o grau desta interferência varia dentro de cada célula. Tentar descobrir as causas deste fato, continua sendo o objetivo deste trabalho.

Em estudos similares, as mulheres, independente de idade, se apresentam tradicionalmente como conservadoras da interferência, mas para verificar se esta característica, neste caso específico, também se estende aos homens, procedeu-se do mesmo modo, correlacionando a idade de 14 a 50 anos, com o grau de interferência ainda mantido.

Iniciou-se esta análise pelos informantes mais idosos, E.S. (50), N.K. (50), depois abordou-se o desempenho de I.K. (24) e J.L. (18), porque estas duas células duplas parecem estabelecer uma relação entre o grau de interferência e idade.

1. CÉLULA MASCULINA 1

1.1 OCORRÊNCIA DE /r/ INICIAL

1.1.1 INFORMANTE 1

E.S. - (M., 50) - /x/ ~ /r/ In = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/ˈxama/	~	/ˈrama/	- rama
/xaˈsava/	~	/raˈsava/	- rachava
/xeʒiˈãw/	~	/reʒiˈãw/	- região
/ˈxedʒi/	~	/ˈredʒi/	- rede
/ˈxiw/	~	/ˈriw/	- rio
/xeˈmEsa/	~	/reˈmEsa/	- remessa
/xeˈsɔwve/	~	/reˈsɔlve/	- resolve
/xespeyˈtãw/	~	/respeyˈtãw/	- respeitam
/xeˈtornu/	~	/xeˈtornu/	- retorno
/ˈxɔsa/	~	/ˈrɔsa/	- roça

1.1.2 INFORMANTE 2

N.K. - (M., 50) - /x/ ~ /r/ In = 80% IMA - F

V. P.	-	V. R.	- R.E.
/ˈxiw/	~	/ˈriw/	- Rio (Grande)
/xeʒiˈãw/	~	/xeʒiˈãw/	- região
/ˈxɔsa/	~	/ˈrɔsa/	- roça
/ˈxɔda/	~	/ˈrɔda/	- roda
/ˈxadʒyʉ/	~	/ˈradʒyʉ/	- rádio
/xõˈdõ/	~	/rõˈdõ/	- Rondon
/ˈxudʒi/	~	/ˈrude/	- rude
/xapidaˈmẽtʃi/	~	/xapidaˈmẽtʃi/	- rapidamente
/xiˈzada/	~	/riˈzada/	- risada
/ˈxayva/	~	/ˈrayva/	- raiva

1. CÉLULA MASCULINA 1

1.2 OCORRÊNCIA DE /r/ MEDIAL

1.2.1 INFORMANTE 1

E.S. - (M., 50) - /x/ ~ /r/ ME = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ 'sexu/	~	/ 'sero/	-	Cerro
/se 'xava/	~	/se 'rava/	-	cerrava
/a 'maxa/	~	/a 'mara/	-	amarra
/kaxe 'tʃiña/	~	/kare 'tʃiña/	-	carretinha
/ 'moxu/	~	/ 'moro/	-	morro
/ka 'xeta/	~	/ka 'reta/	-	carreta
/ 'tExa/	~	/ 'tEra/	-	terra
/ba 'xãku/	~	/ba 'rãku/	-	barranco
/ 'kaxu/	~	/ 'karu/	-	carro
/ 'buxu/	~	/ 'buru/	-	burro

1.2.2 INFORMANTE 2

N.K. - (M., 50) - /x/ ~ /r/ ME = 90% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ 'sexu/	~	/ 'sero/	-	Cerro
/ 'tExa/	~	/ 'tEra/	-	terra
/ʃu 'xasku/	~	/ʃu 'rasku/	-	churrasco
/ka 'xɔsa/	~	/ka 'rɔsa/	-	carroça
/ 'kaxu/	~	/ 'kaxu/	-	carro
/ka 'xeta/	~	/ka 'reta/	-	carreta
/ʃima 'xãw/	~	/ʃima 'rãw/	-	chimarrão
/fã 'faxa/	~	/fã 'fara/	-	fanfarra
/ba 'xãku/	~	/ba 'rãku/	-	barranco
/axu 'mar/	~	/aru 'ma/	-	arrumar

1. CÉLULA MASCULINA 1

1.3 OCORRÊNCIA DE /š/ INICAL

1.3.1 INFORMANTE 1

E.S. - (M., 50) - /ž/ ~ /š/ In = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R.E.
/ʔžětši/	~	/ʔšětši/	-	gente
/žũ'tava/	~	/šũ'tava/	-	juntava
/ʔžũtu/	~	/ʔšũtu/	-	junto
/ʔžɔga/	~	/ʔšɔga/	-	joga
/ʔžɔvē/	~	/ʔšɔvē/	-	jovem
/ʔžeytu/	~	/ʔšeytu/	-	jeito
/žar'džĩ/	~	/šar'džĩ/	-	jardim
/ʔžustu/	~	/ʔšustu/	-	justo
/že'ar/	~	/še'a/	-	gear
/ʔžipi/	~	/ʔšipi/	-	jipe

1.3.2 INFORMANTE 2N.K. - (M., 50) - /ž/ ~ /š/ In = 80% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R.E.
/ʔža/	~	/ʔša/	-	já
/ʔžětši/	~	/ʔšětši/	-	gente
/žeraw'mětši/	~	/šeral'mětši/	-	geralmente
/že'raw/	~	/še'raw/	-	geral
/ʔžũtu/	~	/ʔšũtu/	-	junto
/ʔžeytu/	~	/ʔšeytu/	-	jeito
/žũ'rava/	~	/šũ'rava/	-	jurava
/ʔžipi/	~	/ʔšipi/	-	jipe
/ʔžɔgu/	~	/ʔšɔgu/	-	jogo (eu)
/žuvě'tudžĩ/	~	/šuvě'tudžĩ/	-	juventude

Pelo exposto, os dois informantes masculinos, da mesma idade, apresentam um grau similar de interferência da língua alemã na fala do português, fato que poderia ser relacionado ao fator idade, pois ambos estão na mesma faixa etária e a interferência oscila entre 80% e 100% nas três variantes em estudo.

Mas deve-se atentar para alguns critérios adotados, neste trabalho, para a seleção dos informantes como: "Dois elementos de cada sexo, pioneiros alemães ou seus descendentes, foram alvos da pesquisa qualitativa. Cada uma destas células duplas foi composta de um elemento atuante em rede insulada e um pertencente a uma rede aberta" (p.04). Embora se tivesse estabelecido estes critérios, não foi possível localizar, nesta faixa etária, um integrante da comunidade que pertencesse à rede aberta.

Como explicação para este fato, deve-se considerar que são filhos de pioneiros que vieram para a região com a finalidade de trabalhar a terra e produzir, não lhes interessando a vida religiosa, que era a única opção, na época, para deixar a colônia.

Os que optaram pela vida religiosa ausentaram-se do local, ou os que estudaram em seminários e não concluíram seus estudos, como o caso dos primeiros professores, demonstraram com esta atitude sua opção de vida que não incluía a agrícola, tendo muitas vezes, como referência, uma rede externa. Conseqüentemente, decidiram-se por outras atividades, integrando-se a outras redes. Os que se fixaram na rede como

agricultores, progrediram financeiramente e seu objetivo é aumentar o patrimônio e permanecer no local.

Assim, os informantes masculinos mais velhos pertencem ambos à rede fechada. A rede externa, representada pelos bancos e comércio com o qual os homens contatam, não representa fator de mudança de comportamento lingüístico. Como E.S. argumentou, os "de fora" se esforçam para se comunicar com o grupo local, movidos pelo interesse econômico que ele representa. Já N.K., tenta acomodar a sua fala às necessidades dos negócios, o que provavelmente, justifica, os mais ou menos 20% de diferença verificados no grau de interferência entre os dois informantes da rede fechada. Entretanto, ambos fazem da língua portuguesa um simples instrumento para se fazer entender.

Portanto, este índice maior e similar de interferência apresentado pelos informantes masculinos de 50 anos, justifica-se não pelo fato de pertencerem ao sexo masculino ou pela idade, mas sim, pelo fato de ambos atuarem em rede insulada, enquanto que as mulheres, da mesma faixa etária, se integram em redes diferentes: N.E. interage em rede insulada e I.B. teve acesso à rede externa por vários anos, o que pode ter motivado a diferença acentuada na interferência de ambos.

Outra célula masculina que apresenta um índice semelhante de interferência é composta por J.L. (18) e I.K. (24) com idades similares. Uma análise dos dados coletados demonstra este fato.

2. CÉLULA MASCULINA 3

2.1 OCORRÊNCIA DE /r/ INICIAL

2.1.1 INFORMANTE 1

J.L. - (M., 18) - /x/ ~ /r/ In = 90% IMA - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/xo'zĩda/	~	/ro'zĩda/	-	Rosinda
/xeʒi'ãw/	~	/reʒi'ãw/	-	região
//'xɔsa/	~	//'rɔsa/	-	roça
//'xiw/	~	//'riw/	-	Rio (Grande)
//'xudʒi/	~	//'rudʒi/	-	Rudi
//'xua/	~	//'xua/	-	rua
//'xEtu/	~	//'rEtu/	-	reto
//'xEstu/	~	//'rEstu/	-	resto
/xe'aw	~	/re'al/	-	real
//'xapidu/	~	//'rapidu/	-	rápido

2.1.2 INFORMANTE 2

I.K. - (M., 24) - /x/ ~ /r/ In = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/xoza'lina/	~	/roza'lina/	-	Rosalina
/xo'zĩda/	~	/ro'zĩda/	-	Rosinda
//'xudʒi/	~	//'rudʒi/	-	Rudi
/xeaw'mětsĩ/	~	/reaw'mětsĩ/	-	realmente
//'xiw/	~	//'riw/	-	Rio
//'xadʒy/	~	//'radʒy/	-	rádio
/xu'ĩ/	~	/ru'ĩ/	-	ruim
//'xastu/	~	//'rastu/	-	rasto
//'xEstu/	~	//'rEstu/	-	resto
//'xapidu/	~	//'rapidu/	-	rápido

2. CÉLULA MASCULINA 3

2.2 OCORRÊNCIA DE /r/ MEDIAL

2.2.1 INFORMANTE 1

J.L. - (M., 14) - /x/ ~ /r/ ME = 90% IMA -A

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/fã'faxa/	~	/fã'fara/	- fanfarra
/koxespõ'desia/	~	/korespõ'desia/	- correspondência
/'kaxu/	~	/'karu/	- carro
/'sexu/	~	/'seru/	- Cerro
/ka'xɔsa/	~	/ka'rɔsa/	- carroça
/ko'xEtu/	~	/ko'xEtu/	- correto
/ka'xiñu/	~	/ka'riñu/	- carrinho
/šima'xãw/	~	/šima'rãw/	- chimarrão
/ša'xEtsi/	~	/ša'rEtsi/	- charrete
/'tExa/	~	/'tEra/	- terra

2.2.2 INFORMANTE 2

I.K. - (M., 24) - /x/ ~ /r/ In = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/'sexu/	~	/'sero/	- Cerro
/fã'faxa/	~	/fã'fara/	- fanfarra
/šu'xasku/	~	/šu'rasku/	- churrasco
/ka'xɔsa/	~	/ka'rɔsa/	- carroça
/ka'xeta/	~	/ka'reta/	- carreta
/ko'xeyu/	~	/ko'reyu/	- correio
/ka'xegava/	~	/ka'regava/	- carregava
/'tExa/	~	/'tEra/	- terra
/te'xenu/	~	/te'renu/	- terreno
/ko'xia/	~	/ko'ria/	- corria

2. CÉLULA MASCULINA 3

2.3 OCORRÊNCIA DE /s/ INICIAL

2.3.1 INFORMANTE 1

J.L. - (M., 18) - /z/ ~ /s/ In = 60% IMA - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ža'ir/	~	/ža'ir/	-	Jair
/ža'neyru/	~	/ša'neru/	-	janeiro
/ži'nazyu/	~	/ši'nazyu/	-	ginásio
/žo'gava/	~	/šo'gava/	-	jogava
/žēt̃si/	~	/šēt̃si/	-	gente
/žeytu/	~	/žeytu/	-	jeito
/ža/	~	/ža/	-	já
/žovē/	~	/žovē/	-	jovem
/žestu/	~	/šestu/	-	gesto
/žūt̃u/	~	/šūt̃u/	-	junto

2.3.2 INFORMANTE 2

I.K. - (M., 24) - /z/ ~ /s/ In = 80% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/žera'sāw/	~	/šera'sāw/	-	geração
/žēt̃si/	~	/šēt̃si/	-	gente
/žūt̃u/	~	/šūt̃u/	-	junto
/žovē/	~	/žovē/	-	jovem
/žuvē'tuďzi/	~	/šuvē'tuďzi/	-	juventude
/ža'neyru/	~	/ša'neru/	-	janeiro
/ža/	~	/ža/	-	já
/žuďzi'ar/	~	/šuďzi'ar/	-	judiar
/že'ladu/	~	/še'ladu/	-	gelado
/žuru/	~	/šuru/	-	juro

Após a análise constatou-se que estes dois informantes não apresentam uma disparidade relevante em relação à interferência alemã na fala de português. Ambos podem ser classificados como portadores de um grau maior de interferência (IMA), visto pontuarem acima de 60% nas três variantes em análise. J.L. apresenta 90%, 90% e 60% de interferência, pontuação próxima a de I.K. que apresenta 100%, 100% e 80% respectivamente.

Como esclarecido anteriormente, um falante provém de uma determinada rede que é a rede de origem (RO). Sua interação dá-se numa rede considerada de integração (RI) que é o grupo com o qual convive, estabelecendo relações familiares sociais e profissionais. Muitas vezes a rede de origem é a rede de integração, principalmente se ela possui os requisitos e características consideradas satisfatórias social, econômica e linguisticamente pelo integrante. No entanto, em diversas ocasiões a rede de referência (RR) não é a rede de origem porque o indivíduo não se satisfaz com a realidade da mesma e nem a de integração e almeja alcançar e usufruir de valores comuns a outras redes externas à sua. Se este posicionamento é demonstrado, então o falante tenta se identificar com a rede externa, adotando atitudes comportamentais ou lingüísticas que o aproximem desta rede ideal de referência externa. Se no entanto, ele se sentir integrado na rede de origem, dificilmente será atingido pelos valores externos, mesmo convivendo numa rede externa.

Este parece ser o posicionamento de J.L., que, embora contatando diariamente com a rede externa, através do trabalho e estudo, mantém a rede de origem como rede referencial.

Ele demonstra este fato pelo seu comportamento lingüístico que está muito mais próximo das características locais do que das exigências da rede externa. Portanto, a similaridade no índice de interferência deve-se ao fato da rede de referência de ambos ser a rede de origem com suas características inclusive lingüísticas. O fator idade não é determinante deste fato.

Para mostrar esta relação rede e interferência deve-se observar os dados coletados da fala do F.H. e E.S. com a mesma idade, 14 anos, mas redes diferentes.

3. CÉLULA MASCULINA 4

3.1 OCORRÊNCIA DE /r/ INICIAL

3.1.1 INFORMANTE 1

F.H. - (M., 14) - /x/ ~ /r/ In = 90% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/xõ'dõ/	~	/rõ'dõ/	-	Rondon
/'xiw/	~	/'riw/	-	Rio (Grande)
/xo'darãw/	~	/ro'darãw/	-	rodaram
/'xEstu/	~	/'rEstu/	-	resto
/'xadzyu/	~	/'radzyu/	-	rádio
/'rãbu/	~	/'xãbu/	-	Rambo
/xu'ĩ/	~	/ru'ĩ/	-	ruim
/xo'lar/	~	/ro'la/	-	rolar
/xis'kar/	~	/ris'ka/	-	riscar
/'xumu/	~	/'rumu/	-	rumo

3.1.2 INFORMANTE 2

E.S. - (M., 14) - /x/ ~ /r/ In = 20% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/xeti'radu/	~	/xeti'radu/	-	retirado
/'xiw/	~	/'xiw/	-	Rio (Grande do Sul)
/'xadzyu/	~	/'radzyu/	-	rádio
/xõ'dõ/	~	/xõ'dõ/	-	Rondon
/'xõdãw/	~	/'xõdãw/	-	rondam
/'x>sa/	~	/'x>sa/	-	roça
/xa'sãw/	~	/xa'sãw/	-	ração
/'xalu/	~	/'xalu/	-	ralo
/'xestu/	~	/'restu/	-	resto
/xe'mava/	~	/xe'mava/	-	remava

3. CÉLULA MASCULINA 4

3.2 OCORRÊNCIA DE /r/ MEDIAL

3.2.1 INFORMANTE 2

F.H. - (M., 13) - /x/ ~ /r/ ME = 100% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/ 'sexu/	~	/ 'seru/	-	Cerro
/ 'tExa/	~	/ 'tEra/	-	terra
/ka 'soxu/	~	/ka 'so <u>r</u> u/	-	cachorro
/ka 'xosa/	~	/ka 'ro <u>s</u> a/	-	carroça
/kaxo 'siña/	~	/kar <u>o</u> 'siña/	-	carrocinha
/su 'xasku/	~	/su 'ra <u>s</u> ku/	-	churrasco
/bu 'xiku/	~	/bu 'ri <u>k</u> u/	-	burrico
/ 'baxu/	~	/ 'ba <u>r</u> u/	-	barro
/mo 'xer/	~	/mo 're/	-	morrer
/ 'vaxu/	~	/ 'va <u>r</u> u/	-	varro

3.2.2 INFORMANTE 2

E.S. - (M., 14) - /x/ ~ /r/ Me = 40% IME - A

V. P.	-	V. R.	-	R. E.
/a 'xuma/	~	/a 'ru <u>m</u> a/	-	arruma
/ 'sexu/	~	/ 'seru/	-	Cerro
/ 'tExa/	~	/ 'tExa/	-	terra
/ba 'xãku/	~	/ba 'xã <u>k</u> u/	-	barranco
/fã 'faxa/	~	/fã 'fa <u>r</u> a/	-	fanfarra
/ka 'soxu/	~	/ka 'so <u>r</u> u/	-	cachorro
/axẽ 'damu/	~	/axẽ 'da <u>m</u> u/	-	arrendamos
/ 'kaxu/	~	/ 'ka <u>x</u> u/	-	carro
/su 'xasku/	~	/su 'xa <u>s</u> ku/	-	churrasco
/axuma 'sãw/	~	/axuma 'sã <u>w</u> /	-	arrumação

3. CÉLULA MASCULINA 4

3.3 OCORRÊNCIA DE /s̃/ INICIAL

3.3.1 INFORMANTE 1

F.H. - (M., 14) - /z̃/ ~ /s̃/ In = 80% IMA - F

V. P.	-	V. R.	-	R.E.
/ʔz̃utu/	~	/ʔs̃utu/	-	junto
/ʔzeogra'fia/	~	/ʔseogra'fia/	-	geografia
/ʔʒorʒi/	~	/ʔsorʒi/	-	Jorge
/ʔzo'gar/	~	/ʔso'ga/	-	jogar
/ʔʒogu/	~	/ʔsogu/	-	jogo
/ʔzor'naw/	~	/ʔsor'nal/	-	jornal
/ʔʒa/	~	/ʔsa/	-	já
/ʔzuṽe'tudʒi/	~	/ʔsuṽe'tudʒi/	-	juventude
/ʔʒāta/	~	/ʔsāta/	-	janta
/ʔʒelu/	~	/ʔselu/	-	gelo

3.3.2 INFORMANTE 2

ES. - (M., 14) - /z̃/ ~ /s̃/ In = 20% IME - A

V. P.	-	V.R.	-	R. E.
/ʔʒa/	~	/ʔsa/	-	já
/ʔzeogra'fia/	~	/ʔseogra'fia/	-	geografia
/ʔʒeytu/	~	/ʔseytu/	-	jeito
/ʔzo'gar/	~	/ʔso'ga/	-	jogar
/ʔzor'naw/	~	/ʔsor'nal/	-	jornal
/ʔz̃utu/	~	/ʔz̃utu/	-	junto
/ʔʒipi/	~	/ʔʒipi/	-	jipe
/ʔʒestu/	~	/ʔʒestu/	-	gesto
/ʔzuw'gar/	~	/ʔzuw'ga/	-	julgar
/ʔzu'dʒia/	~	/ʔsu'dʒia/	-	judia

Nesta célula verifica-se uma marcante diferença entre os falantes, concernente ao emprego do /r/ inicial e medial e a troca do /z/ por /s/ em posição inicial, embora possuam a mesma idade, mas atuando em redes diferentes. F.H., rede fechada, apresenta 90%, 100% e 80% respectivamente, enquanto que E.S., rede aberta, demonstra somente 20%, 40% e 20% de interferência nas variantes analisadas.

O mesmo fenômeno aparece ao analisar os dados relativos a A.B. e E.P., ambos na faixa etária entre 35 e 40 anos, o que auxilia para confirmar que a idade não determina o grau de interferência.

4. CÉLULA MASCULINA 2

4.1 OCORRÊNCIA DE /r/ INICIAL

4.1.1 INFORMANTE 1

A.B. - (M., 40) - /x/ ~ /r/ In = 90% IMA- F

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/x'iw/	"	/r'iw/	- Rio
/xe'kreju/	"	/re'kreju/	- recreio
/x'Estu/	"	/r'Estu/	- resto
/x'asa/	"	/x'asa/	- raça
/xumu/	"	/rumu/	- rumo
/x'sa/	"	/r'sa/	- roça
/xadžy/	"	/radžy/	- rádio
/xeu'nia/	"	/reu'nia/	- reunia
/xe'bɔki/	"	/re'bɔki/	- reboque
/xu'ĩ/	"	/ru'ĩ/	- ruim

4.1.2 INFORMANTE 2

E.P. - (M., 38) - /x/ ~ /r/ In = 30% IME - A

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/xeži'āw/	"	/reži'āw/	- região
/xowbu/	"	/xobo/	- roubo
/xikas/	"	/xikas/	- ricos
/xeliži'āw/	"	/xeliži'āw/	- religião
/xeaw'mětsi/	"	/real'mětsi/	- realmente
/xespõsabili'dadži/	"	/xespõsabili'dadži/	- responsabilidade
/xespõ'savew/	"	/xespõ'savew/	- responsável
/x'iw/	"	/r'iw/	- Rio
/xeprezē'tar/	"	/reprezē'ta/	- representar
/xezu'midu/	"	/xezu'midu/	- resumido

4. CÉLULA MASCULINA 2

4.2 OCORRÊNCIA DE /r/ MEDIAL

4.2.1 INFORMANTE 1

A.B. - (M., 40) - /x/ ~ /r/ Me = 90% IMA - F

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/ 'sexu/	~	/ 'seru/	- Cerro
/foxa 'zẽ/	~	/foxa 'zẽ/	- forragem
/ 'tExa/	~	/ 'tEra/	- terra
/mo 'xer/	~	/mo 're/	- morrer
/ma 'xEku/	~	/ma 'rEku/	- marreco
/ 'kaxu/	~	/ 'kaxu/	- carro
/ka 'šoxu/	~	/ka 'šoru/	- cachorro
/ka 'xeta/	~	/ka 'reta/	- carreta
/ 'moxu/	~	/ 'moru/	- morro
/kaxe 'gadu/	~	/kare 'gadu/	- carregado

4.2.2 INFORMANTE

E.P. - (M., 38) - /x/ ~ /r/ Me = 30% IME - A

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/ 'tExa/	~	/ 'tEra/	- terra
/te 'xenu/	~	/te 'xenu/	- terreno
/ka 'xosa/	~	/ka 'rɔsa/	- carroça
/ 'sexu/	~	/ 'sexu/	- Cerro
/koxespõ 'dẽsia/	~	/koxespõ 'dẽsia/	- correspondência
/su 'xasku/	~	/su 'xasku/	- churrasco
/sima 'xãw/	~	/sima 'xãw/	- chimarão
/e 'xadu/	~	/e 'xadu/	- errado
/vaxe 'dor/	~	/vare 'dor/	- varredor
/espaxa 'mar/	~	/espaxa 'ma/	- esparramar

4. CÉLULA MASCULINA 2

4.3. OCORRÊNCIA DE /s/ INICIAL

4.3.1 INFORMANTE 1

A.B. - (M., 40) - /z/ ~ /s/ In = 70% IMA - F

V. P.	-	V. R.	- R.E.
/ˈza/	~	/ˈza/	- já
/ˈzẽt̃si/	~	/ˈsẽt̃si/	- gente
/ˈzũtu/	~	/ˈsũtu/	- junto
/zuˈis/	~	/zuˈis/	- juiz
/zoˈgava/	~	/zoˈgava/	- jogava
/ˈzogu/	~	/ˈsogu/	- jogo
/ˈzɔvẽ/	~	/ˈsɔvẽ/	- jovem
/zẽˈraw/	~	/sẽˈraw/	- geral
/ˈzɛlu/	~	/ˈsetu/	- gelo
/ˈzɛytu/	~	/ˈseytu/	- jeito

4.3.2 INFORMANTE 2

E.P. - (M., 38) - /z/ ~ /s/ In = 20% IME - A

V. P.	-	V. R.	- R. E.
/ziˈnasyu/	~	/ziˈnasyu/	- ginásio
/zɛyˈtiɲu/	~	/zeyˈtiɲu/	- jeitinho
/ˈzɔvẽs/	~	/ˈsɔvẽs/	- jovens
/ˈzũtu/	~	/ˈzũtu/	- junto
/zaˈmays/	~	/saˈmays/	- jamais
/zorˈnaw/	~	/zorˈnal/	- jornal
/zuveˈtud̃zi/	~	/zuveˈtud̃zi/	- juventude
/ˈzogu/	~	/ˈzogu/	- jogo
/ziˈnastika/	~	/ziˈnastika/	- ginástica
/zẽˈladu/	~	/sẽˈladu/	- gelado

Tendo em vista, os dois informantes A.B. (40) e E.P. (38), nota-se que, apesar da mesma faixa etária, é saliente a desigualdade entre o grau de interferência que ambos apresentam.

A.B. marca 90%, 90% e 70% de interferência na ordem da análise das variáveis, enquanto que E.P. apresenta 30%, 30% e 20% respectivamente.

Assim, após a análise do comportamento lingüístico das células duplas, nas quais existe uma demarcação etária, conclui-se que a idade não é um fator determinante que justifique a interferência.

4.2 CORRELAÇÃO SEXO E GRAU DE INTERFERÊNCIA

Sentiu-se dificuldade na análise correlacional acima realizada em dissociar o grau de interferência do falante da rede social na qual ele vive pois ela lhe impõe determinados comportamentos, inclusive lingüísticos.

Apesar disto, pretende-se seguir a metodologia correlacional, adotada por outros pesquisadores já mencionados, correlacionando o sexo dos informantes com seu grau de interferência apresentado na fala para demonstrar que este fator também não é responsável pela interferência entre as duas línguas.

Poder-se-ia argumentar que a análise dos dados, sintetizada no quadro da página 111 demonstra que os homens apresentam um grau maior de interferência do que as mulheres. No entanto, deve-se examinar a rede social na qual interagem os detentores de maior grau de interferência para verificar

qual é realmente o fator determinante, se o sexo ou a rede social.

Diante disto, ao se estabelecer a correlação entre sexo e grau de interferência, diversas vezes a rede social se mostra relevante para explicar a aparente diferença no comportamento lingüístico entre homens e mulheres relativo à interferência português-alemão.

Portanto, sempre que se julgar adequado, a rede social será usada para explicar comportamentos lingüísticos que poderiam parecer exceções neste tipo de correlação.

CÉLULAS DA FAIXA 41-50

CD	S.	I.	ESC.		ES.					R.C.		G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/z/"/s/
N.	F.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME	In./r/	Me./r/	In./s/
	I.B.	46		x	x				x	x			x	30%	30%	30%
1																
	N.E.	50	x		x						x	x		100%	90%	100%

CD	S.	I.	ESC.		ES.					R.C.		G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/z/"/s/
N.	M.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	INA	IME	In./r/	Me./r//	In./s/
	E.S.	50	x		x						x	x		100%	100%	100%
1																
	N.K.	50	x		x						x	x		80%	90%	80%

Ao se comparar superficialmente o grau de interferência apresentado pela dupla feminina na faixa dos 45 a 50 anos com a masculina da mesma idade, observa-se que os homens mostram características semelhantes no seu comportamento lingüístico, apresentando uma grande porcentagem de interferência. Mas, como este caso já foi discutido anteriormente, reforça-se o posicionamento de que o fato ocorre devido ao convívio com a

rede local ao qual os dois homens estão confinados e não ao detalhe de pertencerem ao sexo masculino.

Por outro lado, as duas mulheres componentes da célula em estudo, englobam-se na regra sugerida de que a rede aberta propicia a oportunidade de contato com novas variedades linguísticas. Como consequência, a interferência poderá ser amenizada. É o que se verifica entre I.B. e N.E., onde a primeira contactou com rede aberta e apresenta menos interferência na fala do que N.E. que sempre conviveu com sua rede de origem.

CÉLULAS DA FAIXA 31-40

CD	S.	I.	ESC.		ES.					R.C.		G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/z/"/s/
N.	F.	-	4ª	2ª	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	INE	In./r/	Me./r/	In./s/
	T.B.	38		x		x			x	x			x	40%	40%	30%
2	A.R.	37	x			x					x	x		100%	100%	100%

CD	S.	I.	ESC.		ES.					R.C.		G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/Z"/S/
N.	N.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME	In./r/	Me./r/	In./S/
	A.B.	40	x			x					x	x		90%	90%	70%
2	E.P.	38	x			x				x			x	40%	30%	20%

A próxima célula dupla feminina, composta por T.B. e A.R., e a masculina englobando A.B. e E.P., apresentam dados similares, notando-se que os elementos de ambos os sexos, classificados como pertencentes à rede aberta (T.B. e E.P.) denotam um grau menor de interferência do que os pertencentes à rede fechada (A.R. e A.B.).

CÉLULAS DA FAIXA 21-30

CD	S.	I.	ESC.		ES.					R.C.		G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/z/"/s/
N.	F.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME	In./r/	Me./r/	In./s/
3	I.B.	23	x				x				x	x		100%	100%	90%
	A.S.	24		x			x			x			x	40%	30%	30%

CD	S.	I.	ESC.		ES.				R.C.	G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/z/"/s/		
N.	M.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	INE	In./r/	Me./r/	In./s/
3	J.L.	18		x			x		x	x		x		90%	90%	60%
	I.K.	24		x			x			x	x			100%	100%	80%

Ao se analisar o próximo segmento duplo feminino I.B. e A.S., e o masculino J.L. e I.K., parece ocorrer uma nova disparidade nos graus de interferência entre as mulheres e os homens. A dupla feminina mantém a regra de que a rede fechada de I.B. propicia a mesma, uma interferência maior do que a A.S. que convive numa rede aberta.

Quanto à dupla masculina, a aparente semelhança na porcentagem de interferência 90%, 90% e 60% marcado por J.L. e 100%, 100% e 80% mostrado por I.K., parece direcionar para o fato de que a rede social também não é a determinante deste resultado visto J.L. pertencer à rede aberta e J.K. à fechada. No entanto, o motivo para o comportamento fora da regra de J.L. foi explicitado quando se analisou as células, tomando como parâmetro a idade.

CÉLULAS DA FAIXA 11-20

CD	S.	I.	ESC.		ES.				R.C.		G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/z/"/s/	
N.	F.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME	In./r/	Me./r/	In./s/
	C.S.	13		x				x		x	x			90%	90%	80%
4																
	J.P.	14		x				x		x			x	20%	40%	10%

CD	S.	I.	ESC.		ES.				R.C.		G.I.		/x/"/r/	/x/"/r/	/z/"/s/	
N.	M.	-	4 ^a	2 ^a	Mu.	R.	Est.	At.	Ex.	A.	F.	IMA	IME	In./r/	Me./r/	In./s/
	F.H.	14		x				x			x	x		90%	100%	80%
4																
	E.S.	14		x				x		x			x	20%	40%	20%

Finalmente, ao se comparar C.S. e J.P. (mulheres) com F.H. e E.S. (homens) nota-se claramente a diferença lingüística, apontada pela porcentagem entre os pertencentes a rede aberta ou fechada. C.S. e F.H., de sexos diferentes, mas similares no grau de interferência, 90%, 90%, 80% para C.S., e 90%, 100% e 80% para F.H., ambos pertencentes à rede fechada local. Por outro lado, J.P. e E.S. também de sexos diferentes, pertencentes à rede aberta, apresentam uma porcentagem de interferência bem menor, ou seja, 20%, 40%, 10% para J.P. e 20%, 40% e 20% para E.S.

Tendo em vista todos estes fatos, conclui-se que o sexo do informante também não aparece como fator que determina o grau de interferência da língua alemã na fala do português na comunidade de Dez de Maio.

4.3 CORRELAÇÃO ENTRE ESCOLARIDADE E GRAU DE INTERFERÊNCIA

Assim, como a interferência não pôde ser explicitada pela correlação com a idade ou sexo, achou-se relevante testar a correlação tradicional entre escolaridade e grau de interferência, observando-se os anos de frequência à escola, o tipo de escola freqüentada e o espaço físico onde a escola estava inserida, se local ou externa à comunidade.

Tomando novamente como base o quadro da página 109 é possível verificar em que escolas e por quanto tempo os informantes mantiveram contato com o ensino institucionalizado.

Observa-se que as duas informantes mais velhas I.B. (46) e N.E. (50) freqüentaram a escola multisseriada local. Depois I.B. viveu seis anos fora da rede local estudando para ser religiosa, só retornando para casa nas férias escolares. Já N.E. estudou só até a quarta série na localidade e nunca se ausentou.

Poder-se-ia afirmar que a escolaridade interferiu na manutenção de menos características lingüísticas locais na fala de I.B., pois ela é mais escolarizada que N.E.. Prefere-se, no entanto, afirmar que não foi o ensino sistematizado em si, proporcionado pela escola que culminou neste fato, mas o contato com a rede externa oportunizado também pela escola, pois I.B. freqüentou por seis anos uma escola localizada fora da rede de origem.

É possível que, se a mesma oportunidade tivesse sido oferecida a N.E. ela demonstraria, hoje, um grau de

interferência menor, devido à influência da escola localizada em rede externa, pois a mesma permitiria contato com outras pessoas falantes de outras variedades linguísticas.

A seguir, correlacionando-se T.B. (38) com A.R. (37), verifica-se que ambas estudaram na escola da comunidade, quando esta era dirigida pelas irmãs Servas do Espírito Santo. Após T.B. permaneceu por dois anos interna em Toledo, frequentando a 1ª e 2ª séries do curso ginasial da época. O que é relevante neste aspecto, não é o caso de T.B. ter estudado **mais** tempo, mas **onde** ela estudou. Isto significa que ela teve contato com outra rede, via escola, o que lhe permitiu apreender outras alternativas linguísticas, negadas a A.R. que sempre conviveu com a rede fechada de origem. Consequentemente T.B. apresenta uma porcentagem bem inferior 50%, 50%, 30% em relação a A.R., com 100% de interferência nas três variantes estudadas.

A tentativa frustrada da escola em eliminar a interferência é evidenciada ao se analisar a dupla feminina seguinte A.S. (24) e I.B. (23) que concluiu a 4ª série na escola do distrito nos primeiros anos da estadualização da mesma, mas, ainda sob a direção de religiosas. A seguir, enquanto I.B. encerrou seus estudos neste nível, A.S. concluiu a 8ª série no mesmo estabelecimento, mas com direção leiga. Após, interrompeu seus estudos por três anos, atuando durante este tempo como bibliotecária na escola. Depois, fez o curso de Magistério em Toledo, deslocando-se diariamente durante três anos, na parte da tarde, para frequentar a escola.

Novamente, além de A.S. possuir uma escolaridade superior a I.B., ela freqüentou um curso que proporcionou o contato com um considerável número de pessoas de uma rede externa, entre elas, colegas, professores, supervisores, orientadores de estágio e diretores de escolas onde se realizava o mesmo, e alunos, clientela desta prática. Embora ela mantivesse contato simultâneo com a rede de origem e a rede externa, a experiência proporcionada pelo contado com esta, parece ter sido mais intensa e diversificada do que a das outras duas informantes que permaneceram internas em colégios religiosos, constituindo também uma rede insulada com características próprias. Mas, nos três casos, a tentativa de escola, tanto local como externa, em eliminar a interferência mostrou-se improdutiva, pois, provavelmente, a menor incidência de características alemãs na fala destas informantes é devido mais ao contato com a rede externa do que pela ação da escola, como instituição.

Estabelecendo-se um paralelo entre o grau de interferência de I.B. (46), T.B. (38) e A.S. (24) ela parece se mostrar proporcional ao número de anos que os informantes permaneceram afastados da rede local.

Assim, I.B., que viveu interna por seis anos num convento religiosos, apresenta 30%, 30% e 30% de interferência na análise realizada; A.S., que contactou sistematicamente, por três anos com rede externa, apresenta 40%, 30% e 30% de interferência nos três casos analisados e T.B., que foi interna, em escola de irmãs, por dois anos, assinala 40%, 40%

e 30% de interferência de características alemãs no uso do português.

Outro dado que pode justificar a diferença no grau de interferência nestas três informantes, que têm como característica comum a relação com rede externa, é o encaminhamento dado a suas vidas após retornar do internato ou concluir seus estudos fora da rede.

Os três casaram com membros da comunidade, moram na sede, mas A.S. e I.B. (menor índice de interferência) convivem sistematicamente com elementos externos, através da escola, onde ambas atuam, A.S., como professora e I.B. como auxiliar de serviços gerais. As duas atuam numa rede, onde a língua portuguesa é obrigatória nos momentos mais formais da prática escolar. Além disto, estão sujeitas a cursos promovidos pela rede de ensino, envolvendo pessoas **de fora da rede**. I.B. também interage com a filha que reside fora da rede local, e a visita freqüentemente. I.B., por sua vez, restringe-se às atividades domésticas e seu círculo de relacionamento é basicamente formado pelo marido, vizinhos e parentes integrados na rede local. O filho pode ser citado como elo entre ela e a rede externa pois cursa a faculdade em Toledo e dá preferência pela fala do português.

As duas alunas da 8ª série da escola local, direcionada atualmente, para a linha pedagógica histórico-crítica e libertadora, demonstram, pela disparidade apresentada em relação ao grau de interferência, a dificuldade que a escola apresenta em minorar ou eliminar entre seus membros, a interferência lingüística da primeira língua na segunda

aprendida. Descobriu-se que C.S. (13) e J.P. (14) nasceram no local, sempre estudaram na mesma escola da comunidade, têm o mesmo círculo de amizades e freqüentam os mesmos locais de lazer. Mas, a diferença no grau de interferência é significativa, pois C.S. pontuou 90%, 90% e 80% enquanto que a interferência de J.P. se limita a 20%, 40% e 10%.

Para justificar tais índices, os fatores idade, sexo e escolaridade podem ser descartados, pois ambas se situam na mesma faixa etária, freqüentam a mesma escola pelo mesmo número de anos.

Uma análise superficial da rede de integração das duas poderia levar à suposição de que a rede social também não seria responsável pela diferença marcante no uso da linguagem relativo à interferência. Entretanto, embora C.S. e J.P. pertençam a mesma rede fechada local, J.P. extrapola estes limites, não através da escola, mas pela ação familiar.

Através da família relaciona-se freqüentemente com pessoas de redes externas, falantes do português e ligados às inovações agro-pecuárias de interesse de seu pai. Este também proporciona acesso a livros, revistas e filmes que constituem um modo indireto de vivenciar o mundo externo.

Embora este contato indireto não signifique uma necessária mudança de comportamento, inclusive lingüístico, o fato de se inteirar dos valores externos, por estes meios, pode levar o adolescente a tentar se identificar com estes valores. É provável que um contato contínuo e sistemático leve o jovem a questionar os valores da comunidade local e com

isto, modificar seu comportamento também em relação ao uso da língua.

Além deste vínculo com a rede externa, J.P. se desloca sistematicamente para a cidade onde realiza curso de informática, com a finalidade de modernizar a administração dos bens da família. As viagens de férias se realizam anualmente, incluindo São Paulo, Rio e praias paranaenses. Com todas estas oportunidades, é provável que a rede de referência possa se tornar uma outra rede externa e não a de origem ou de integração.

Se de um lado, J.P. tem estas oportunidades de convivência com rede externa, C.S. raramente interage com pessoas de outras redes. Embora também filha de agricultor abastado, este não tem os mesmos interesses externos que o pai de J.P. e portanto, não oferece a mesma oportunidade de interação para sua filha. Ainda C.S. raramente vai a Toledo, e quando o faz é para consulta médica ou dentária. A primeira viagem mais longa ela realizou ao concluir a oitava série, quando acompanhou o grupo local (R0) numa excursão às praias do Paraná.

Resumindo, C.S. permaneceu presa à rede de origem, que prima em preservar seus valores inclusive o cultivo da primeira língua, que é usada predominantemente pela família de C.S. Enquanto isto, na família de J.P. há um equilíbrio no emprego da língua materna e do português, devido à propensão da mesma em se expor às influências externas diretas ou indiretas.

Junto às mulheres, os fatores idade e escolaridade não se mostraram suficientemente convincentes para explicar a interferência comprovada pela análise dos dados lingüísticos.

Poderia se argumentar que N.E., A.R. e I.B., com menos escolaridade (até 4ª série) apresentam alto grau de interferência. Realmente, deve-se aceitar esta constatação, mas convém lembrar que elas freqüentaram somente a escola local, que já foi definida como incentivadora e reprodutora dos valores locais. Ela pertence à rede e está "a serviço" da comunidade.

Por outro lado, C.S., mais escolarizada (até a 9ª série) apresenta um índice semelhante de interferência. Este fato é explicável porque C.S. também "só" freqüentou a escola local, embora por um número maior de anos. As quatro informantes têm, portanto, em comum, a freqüência à escola local e o convívio restrito à rede da comunidade.

As outras quatro informantes (I.B., T.B., A.S. e J.P.), apresentando um grau de interferência menor porque tiveram ou têm contato com outras redes, incentivada pela família (J.P.) ou freqüentando escolas externas à rede de origem.

Portanto, o que realmente determina o grau de interferência da primeira língua na fala da segunda língua aprendida é a rede de referência. Se esta se restringe à rede local, onde predomina a fala alemã, a interferência de uma língua na outra será mais acentuada; mas, se o membro local conviver com a rede externa, onde predomina a fala padrão ou outra variedade, a interferência será menos marcante.

Ainda se considera interessante verificar a relação existente entre escola e grau de interferência também entre os homens, alvos da análise, tomando como referencial a célula dupla, iniciando o estudo pelos mais velhos e atingindo os mais jovens, acompanhando o quadro proposto na página 111.

E.S. (50) e N.K. (50) concluíram a 4ª série na escola multisseriada mantida pela comunidade. Ambos são filhos de pioneiros e pelas razões explicitadas anteriormente, neste capítulo, mantiveram-se fiéis a sua rede de origem e nunca se ausentaram do local a não ser quando movidos pelos negócios, mas sempre permanecendo o mais estritamente possível longe de suas origens. Embora tenham a mesma idade e a mesma escolaridade, pensa-se que o motivo principal de similaridade no alto grau de interferência que eles mantêm é devido à rede fechada na qual fazem questão de permanecer.

Como já foi discutido, a escola local está até hoje "a serviço" da comunidade, reforçando seus valores, e, com certeza, quando estes informantes estudaram, devido ao isolamento de época, ela se apresentava como um forte mecanismo de reprodução destes valores, entre eles, o emprego da língua alemã como forma de comunicação grupal.

Assim, se estes dois falantes mantêm um grau considerável de interferência, é provável que este fato se justifique pela inserção da escola na rede insulada a qual administrava o setor educacional da época. A este fato se alia a permanência dos mesmos neste tipo de rede desde seu nascimento aceitando-a como rede referencial o que desmotivava qualquer iniciativa de mudança de comportamento lingüístico.

Um aspecto diferente é evidenciado ao se observar o grau de interferência de A.B. (40), rede fechada, em relação a E.P. (38), rede aberta, embora ambos tivessem frequentado por quatro anos a escola da comunidade, quando era dirigida por religiosas. Nesta célula aparece claramente a relação entre rede e grau de interferência pois a questão escolaridade não é relevante para explicar a causa da manutenção em maior escala de interferência em A.B., enquanto que E.P., com o mesmo número de anos de frequência a mesma escola, apresenta um índice bem inferior de interferência.

Analisando-se a rede de integração dos dois elementos, pode-se esclarecer a causa deste desnível. A.B. é um pequeno agricultor, não mecanizado, que faz questão de se denominar **colono**. Desenvolve agricultura de subsistência, dedica-se à produção de leite em pequena escala e mantém um canil de reprodução. É filho de uma família numerosa de pioneiros (15 filhos), sempre morou no local, gosta do ambiente e pretende morrer aí. Seu relacionamento se limita à convivência com a esposa, os parentes próximos e vizinhos, todos pertencentes à rede fechada. Tem como lazer o jogo de futebol dos veteranos, frequentando o clube local, que já se relacionou como local de interação e reprodução de valores. Neste contexto, é óbvio que esta integração se reflita na sua linguagem, demonstrando sua origem alemã na fala.

E.P., por sua vez, é filho de uma pequena família de pioneiros (02 filhos) é agricultor abastado, com lavoura mecanizada, criador de gado leiteiro, piscicultor e apicultor. Viaja seguidamente para diversas partes do país, procurando

novas tecnologias para incrementar seus negócios. É líder comunitário, representando as famílias locais em diferentes setores, como reuniões cooperativistas, representante escolar e também levando reivindicações dos setores agrícolas para órgãos competentes. Atua simultaneamente na rede local e na externa. Embora mantenha a rede local como rede de referência, e não pretenda viver em outra região do país, a influência da rede externa aparece na sua fala que denota uma interferência menos saliente em comparação ao outro elemento da célula, pertencente à rede local.

Já o grau de interferência entre J.L. (18) e I.K. (24) apresenta-se similar, embora J.L. esteja concluindo o segundo grau e I.K. tenha completado o primeiro grau e encerrado seus estudos. Ambos estudaram até a 8ª série na escola da comunidade logo que foi estadualizada. Se a escolaridade fosse responsável pela eliminação da interferência, J.L. teria que apresentar um grau consideravelmente menor de interferência do que I.K. Mas, conforme discussão já realizada, a rede local permanece como rede referencial para J.L. o que faz com que esta preferência se reflita no seu comportamento linguístico. Embora estude e trabalhe fora da rede, ele aceita e valoriza suas raízes agrícolas pois é filho de pequeno agricultor.

I.K., pertence à família pioneira de excelente situação econômica, aprecia a atividade do campo e pretende seguir esta profissão. Mantém um estreito vínculo de amizade e integração com a rede e só recentemente empreendeu algumas viagens de lazer, realizando excursões, com o grupo local (R0), para o Rio de Janeiro e Brasília.

Estas são algumas das condições que permitem à linguagem refletir a identidade lingüística do grupo, nas quais se incluem a interferência da primeira língua no emprego da segunda língua aprendida.

Alunos da escola atual, de linha pedagógica histórico-crítica e libertadora, concluindo a 8ª série são integrantes da célula dupla mais jovem que compõe a amostra (E.S. e F.H.). Identificam-se na idade, escolaridade mas não na rede de comunicação e, em consequência, apresentam um índice diversificado de interferência. Ambos foram colegas do pré-escolar até a segunda série do primeiro grau, na escola local. Depois E.S. se ausentou por quatro anos da localidade, residindo numa vila próxima não predominantemente alemã e conviveu com colegas e vizinhos falantes do português. Neste período, o único vínculo com a língua alemã era mantido pela família o que permitiu a continuação do seu uso. O convívio com outra rede, na qual se inclui a escola, resultou, no entanto, num decréscimo da interferência na fala do adolescente. Retornando a Dez de Maio, E.S. confessou que o emprego da língua alemã se intensificou porque reencontrou seus colegas, amigos e vizinhos falantes desta língua.

Já F.H. preenche os requisitos para pertencer à rede local. É filho de suinocultor, nasceu e sempre morou na localidade, restringe seu relacionamento social a vizinhos e parentes e esporadicamente vai a Toledo. A família usa a língua alemã como forma de comunicação. Estes fatos conjugados resultam numa fala entremeada de visíveis traços de interferência da língua alemã. A disparidade entre os graus de

interferência é facilmente explicável pela disparidade de rede na qual os jovens interagem.

O quadro referencial (p.109) mostra que os quatro primeiros informantes masculinos estudaram até a 4^ª série na escola da comunidade com direções e filosofias diferentes. Nenhum deles se ausentou da rede para estudar ou morar. Três dos mesmos conservam um grau acentuado de interferência e apenas um apresenta um índice inferior (E.P.). Observando ainda o quadro, nota-se que E.P. interage na rede aberta e os outros três na rede fechada local. E é justamente este detalhe, aparentemente irrelevante, que vai determinar a permanência da interferência em maior escala na fala dos três, enquanto que se verifica um decréscimo na interferência do atuante em rede aberta.

Dos outros quatro informantes masculinos, também só um mostra uma porcentagem menor de interferência (E.S.). A escolaridade não aparece como fator determinante pois eles se equivalem em escolarização, oscilando entre a 8^ª série e o 2^º ano do 2^º grau. O que determina o índice menor de E.S. (20%, 40% e 20%) é o convívio com a rede aberta e a predisposição em aceitar as regras desta rede, inclusive o comportamento lingüístico.

Esta disposição não se verifica em J.L., que mesmo integrante de rede aberta, não aceitou suas regras lingüísticas e continuou a adotar as vigentes na rede de origem. Este fato resultou num grau de interferência semelhante ao de seus colegas integrantes de rede fechada.

Os outros dois informantes masculinos (E.S. e N.K.), configuram-se na relação de rede fechada com maior grau de interferência.

4.4.1 O PAPEL DA ESCOLA NO DECRÉSCIMO DA INTERFERÊNCIA

Após a análise correlacional entre escolaridade e grau de interferência, deve-se convir que, embora não se possa considerar a escola como um fator determinante na eliminação da interferência em Dez de Maio, deve-se reconhecer o seu papel neste processo devido a alguns fatores.

Em primeiro lugar, foi através dela que os primeiros moradores tiveram um contato inicial com a língua portuguesa. Os pioneiros e os filhos freqüentaram a escola só por quatro anos, enquanto que os seus netos de hoje já têm acesso à escola da rede até a oitava série e a língua portuguesa lhes é familiar, veiculada, antes da idade escolar, pelos meios de comunicação, como o rádio e a TV.

Em segundo lugar, considera-se que o ensino sistematizado da língua portuguesa, na comunidade, ocorre a partir da 5ª série, pois até então, o aluno se dedica à aprendizagem do português como uma segunda língua.

Mas nos dois casos, com estudo sistematizado ou sem ele, o que se questiona é até que ponto o simples contato diário com a língua portuguesa, e em situação formal, permite a um integrante de uma rede densa, insulada e multiplex, deixar-se envolver a ponto de abdicar de seus valores, inclusive lingüísticos.

Assim, a diferença de escolaridade poderia ser considerada relevante se não ocorresse o fato de que a frequência à escola se verifica na mesma instituição local. Esta não pode ser concebida como um fenômeno isolado, separado da realidade social da qual faz parte e reproduz os seus valores, como foi demonstrado neste estudo.

Por outro lado, a escola inserida numa rede externa estará sujeita a mesma função, ou seja, reproduzirá os valores da rede à qual pertence. Portanto, o aluno de Dez de Maio, ao frequentar esta escola externa estará diretamente exposto às regras lingüísticas ditadas pela rede na qual a escola está inserida. E, estas não condizem com as apresentadas pela sua rede de origem. Como consequência deste novo comportamento lingüístico exigido, resultará, em algum grau, no decréscimo da interferência da língua alemã na fala do português.

No convívio diário notou-se na fala destes informantes o emprego de alguns itens típicos da rede externa e que eram realizados com um menor grau de interferência. Parece que o grupo local possui um vocabulário ligado à profissão e valores, que servem de identidade grupal. Neste repertório, a "marca" da origem étnica se salienta pela interferência apresentada entre a língua alemã e portuguesa. E, mesmo os que contataram com rede externa apresentam esta característica na fala resultando na manutenção da interferência.

Palavras como /ka'x sa/, /kaxe'tiña/, /'x sa/, /xõ'dõ/, /'xiu/, /fã'fafa/, /sima'xãw/, são realizadas como /ka'r sa/, /kare'tiña/, /rõ'dõ/, /'riu/, /fã'fara/, /sima'rãw/, porque servem de identificação grupal. Agora, itens como /maka'xãw/,

/ˈkaxu/, /xeˈvista/, /ˈxapidu/, mantêm estas características fonéticas quando realizadas pelos moradores que as aprenderam via rede externa. Nos demais, confinados na rede insulada local, a interferência também é notada nestes casos, resultando em realizações como /makaˈrõ/, /ˈkaru/, /reˈvista/, /ˈrapidu/.

4.4 ESTRUTURA SOCIAL E REDE DE COMUNICAÇÃO

Conforme o pressuposto, o estudo realizado até agora demonstra fortes evidências de que a rede social da comunidade de Dez de Maio tem as características de rede insulada, densa e multiplex o que resulta numa rede fechada.

Como conseqüência do insulamento desta comunidade, as redes abertas, vinculadas lingüisticamente à língua portuguesa, apesar de toda política de aculturação, mostram-se incapazes de penetrar significativamente na estrutura social da comunidade, centrada no uso da língua alemã. O que resulta da tentativa é a abertura de uma brecha pela qual a língua portuguesa se infiltra, desempenhando um papel secundário e instrumental entre os moradores.

Ainda, a interação entre o grupo se processa em língua alemã, de modo contínuo, freqüente e genérico, o que resulta numa rede com um acentuado grau de densidade.

Por último, a rede se mostra multiplex, pelo fato dos componentes do grupo desempenharem simultaneamente, diferentes funções sociais que levam à concentração de cargos e desempenhos evitando, com isto, o acesso de elementos estranhos à rede. E, como neste processo de interação grupal, a língua de

comunicação é o alemão, a multiplexidade contribui para a manutenção da interferência entre as duas línguas.

Estas características de rede propiciam a formação de uma estrutura social alicerçada em segmentos que se entrelaçam e mantêm valores comuns. Isto se reflete também na escolha de língua para a comunicação grupal, ocasionando, conseqüentemente na manutenção da interferência entre as duas línguas, a de comunicação (alemão) e a instrumental (português).

Teoricamente, esta estrutura social é dividida em cinco segmentos, mas, pelas características da rede, estes segmentos estão de tal modo interligados, que, na realidade, reforçam os valores locais e propiciam a preservação de rede fechada.

Pode-se considerar as famílias de origem alemã como base desta estrutura porque cultivam valores sociais, religiosos e lingüísticos próprios de sua etnia e os transferem para os demais segmentos com os quais interagem, em busca de instrução (escola), lazer (clube), trabalho (associações) e religião (igreja).

A escola, como já foi demonstrado, é vista como uma continuidade do posicionamento familiar, absorve e reproduz seus valores pois as pessoas envolvidas na sua condução pertencem à rede local. Esta posição leva à auto-suficiência e demonstra a considerável relação existente entre a escola e a comunidade restrita. Com isto, os órgãos públicos ligados institucionalmente a este estabelecimento de ensino, possuem pouca possibilidade de atuação. O fato não gera conflitos porque o interesse do corpo docente, na condução da escola, supera as expectativas oficiais.

A família e a escola, por sua vez, relacionam-se com o clube local, participando de suas atividades, tornando-se este segmento uma extensão da rede familiar e escolar porque as pessoas envolvidas são basicamente as mesmas nos três segmentos.

As associações, por outro lado, atuam para o fortalecimento da rede, pois além de congregar elementos relacionados com a família, escola e lazer, servem como canal de avaliação e reivindicação comunitária.

Por último, a Igreja pode ser vista como contribuinte para manter a característica da rede porque aí se concentram os habitantes locais, ligados pelo mesmo credo religioso e já vinculados aos outros segmentos estruturais.

Portanto, as evidências apresentadas confirmam o pressuposto inicial de que a rede social de Dez de Maio se classifica como uma **rede fechada**. Ela satisfaz as condições já mencionadas em trabalhos sociolinguísticos que se fundamentaram na teoria das redes sociais. GAL (1979), MILROY (1982), BORTONI (1985), apontam fatos similares aos encontrados em Dez de Maio que justificariam a rede fechada.

GAL alega a existência da rede fechada composta por um grupo minoritário húngaro como forma de manter seus valores e língua frente a uma rede alemã econômica e socialmente superior. Já MILROY justifica o diferente desempenho linguístico de grupos social e economicamente similares pela força da rede fechada que compõe cada grupo em estudo. BORTONI vê na rede fechada dos migrantes rurais um impedimento para o acesso a novos dialetos padrão ou não.

Em Dez de Maio, a rede fechada condiciona a manutenção da interferência da língua alemã na fala do português.

Observa-se que, de acordo com GAL, o acesso do falante à rede aberta o levaria à substituição da língua húngara pela alemã no estudo realizado em Oberwart, Áustria. Já MILROY mostra que os informantes dos três bairros de trabalhadores de Belfast, estão mais próximos ao dialeto padrão, à medida que interagem com redes abertas. BORTONI visualiza a rede aberta como responsável pela integração do migrante à vida urbana e seu conseqüente acesso a outros dialetos urbanos.

Em Dez de Maio, o acesso à rede aberta externa pode atenuar o grau de interferência entre as duas línguas faladas pelo grupo. Mas, para este estudo, parece convergir a idéia de que a rede fechada é responsável, ou pela preservação de uma língua minoritária (húngara) em relação a uma majoritária (alemã); ou pela manutenção de dialetos peculiares a uma classe social (trabalhadora); ou à preservação do dialeto rural (caipira) em comparação a dialetos urbanos ou ainda, à manutenção de interferência da primeira língua na segunda língua aprendida (alemã x portuguesa).

As redes fechadas seriam, no entanto, encaradas sob dois prismas diversos. O trabalho de GAL e o presente estudo partem do princípio de que a rede fechada é responsável pela manutenção ou de uma língua, em Oberwart, ou da manutenção de interferência, em Dez de Maio. As pesquisas de MILROY e BARTONI, por sua vez, vêem na rede fechada um elemento dificultador para a difusão de novos dialetos, padrão ou não.

Conforme estas autoras, as comunidades em estudo, de Oberwart, Belfast e Brazlândia formariam uma rede fechada levadas principalmente pelo espírito de sobrevivência econômica e social, pois tanto os camponeses de Oberwart, ou os trabalhadores de Belfast como os migrantes de Brazlândia, têm em comum a pobreza e a marginalização social. Este aspecto propiciaria a solidariedade e o auxílio mútuo contra forças externas. E, esta união em torno de interesses comuns levaria à preservação de valores do grupo, entre eles, a variedade lingüística.

No entender de BORTONI, a pobreza é um fator preponderante para a conservação da identidade grupal o que resultará em características lingüísticas:

Associando estas análises sociolingüísticas aos resultados dos estudos socioantropológicos de redes, podemos concluir que as redes densas, cujos laços são contraídos num território limitado, são encontradas em grupos de nível socioeconômico mais baixo, onde prevalece a orientação para a identidade. Em termos sociolingüísticos, verifica-se que nestes grupos há uma forte tendência à preservação do vernáculo i.e. da variedade usada no lar e no círculo de amigos e vizinhos.⁵⁹

Já em Dez de Maio, a questão da pobreza e marginalização não procede porque a comunidade é auto-suficiente economicamente e socialmente respeitada. Entretanto, o desejo da preservação de valores étnicos e culturais resultariam na formação e manutenção de rede fechada na qual a língua de origem é a primeira língua aprendida, o que resulta na preservação da interferência desta na segunda língua aprendida, a portuguesa.

⁵⁹ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística. In TARALLO, Fernando (org.). Fotografias sociolingüísticas. Campinas: Pontes, 1989 :171.

Assim, pelos estudos realizados, pode-se afirmar que uma rede fechada se forma por vários motivos, desde a necessidade de sobrevivência até a preservação de valores étnicos ou culturais.

Esta rede **fechada** é transformada facilmente numa rede **densa**, principalmente em grupos inseridos em grandes centros urbanos, como Belfast ou de Brazlândia, quando um migrante estabelecido induz seus parentes e amigos do local de origem a se transferir alegando melhores condições de vida e formam grupos que interagem contínua e sistematicamente. Assim, embora o grupo se propague, seus membros estão ligados, não só pelos valores regionais, mas por laços familiares e de amizade, contribuindo estes fatos para a formação de uma rede **multiplex**.

Em comunidades pequenas, como de Oberwart e Dez de Maio, os elementos pioneiros permanecem no local que foi formado por famílias do mesmo grupo étnico, (húngaro e alemão), religioso (católico), e provenientes da mesma região geográfica. Os vínculos familiares e de amizade perpassam gerações e estreitam a união.

Nas quatro comunidades em análise, os seus componentes desempenham diferentes funções levados pela situação pois, embora os grupos de Belfast e Brazlândia estejam inseridos em grandes centros urbanos, o fato de constituírem redes fechadas os leva a suprir suas necessidades imediatas. Por outro lado, Oberwart e Dez de Maio, enfrentam a mesma situação resultante do fato de constituírem redes fechadas.

A consequência linguística resultante de rede fechada é visível nestas pesquisas realizadas. Entretanto, no trabalho de

GAL, a força da rede fechada parece estar embutida na profissão de agricultor, de pouco prestígio social, que seria responsável pela preservação da língua húngara. Mas, embora não adote abertamente a terminologia *rede*, ela está subjacente e serve de referencial para outros trabalhos como os de MILROY. Esta vê na rede fechada uma força capaz de interferir no desempenho lingüístico de seus membros, do mesmo modo que BORTONI, que admite a importância da rede fechada na manutenção do dialeto caipira.

No entanto, estas pesquisadoras correlacionam os dados lingüísticos com as variáveis de sexo e idade, acrescentando cada qual outras variáveis. GAL, por exemplo, utiliza a idade, o sexo e a profissão (agricultor); MILROY, ao lado dos fatores sexo e idade, prioriza a proveniência e a localização geográfica dos grupos em estudo; BORTONI, por sua vez, correlaciona o sexo, a idade e a integração à vida urbana.

O que estes trabalhos têm em comum é que todos tentam justificar o desempenho lingüístico do falante a partir desta correlação, e, as exceções encontradas são justificadas pela rede fechada.

GAL demonstra que os homens e mulheres de meia idade usam mais o húngaro do que o alemão; que os rapazes agricultores também preferem esta língua, enquanto que as moças optam pelo alemão como uma forma de repúdio à vida camponesa. Os trabalhadores, de origem húngara, por sua vez, teriam clara tendência pela fala alemã.

Neste contexto, ocorre uma exceção envolvendo dois trabalhadores com características etárias, sócio-econômicas e

funcionais similares. Entretanto apresentavam uma acentuada diferença quanto à preferência pela língua escolhida para comunicação. Enquanto um prefere abertamente o húngaro, o outro faz do alemão a sua língua usual. Então, GAL justifica esta preferência, pela rede diferente a que pertencem os dois informantes. O que optou pelo alemão encontra-se com os colegas de trabalho alemães após o expediente e seus vizinhos são trabalhadores alemães. Não visita seus parentes húngaros que moram longe de sua casa e sua esposa faz compras no **lado alemão**. Conclui-se que sua rede de integração é mais alemã do que húngara.

Já o outro trabalhador pouco convive com colegas alemães, reside numa rua onde predominam as famílias húngaras com as quais mantém estreito laços de amizade e visita regularmente seus parentes húngaros que residem próximos a sua casa. Além disto, ele e sua esposa auxiliam os vizinhos e parentes nos afazeres agrícolas onde vigora a rede fechada húngara. Sua esposa raramente se ausenta do bairro, fazendo suas compras nos estabelecimentos locais. Como conclusão, a rede deste informante é essencialmente húngara, daí a sua preferência por esta língua.

Análise semelhante faz MILROY quando justifica o desempenho lingüístico dos informantes próximo do padrão ou não, pela correlação sexo, idade e localização geográfica. Ela observa que os homens de Ballymacarret mantêm uma rede mais fechada do que as mulheres. A causa desta ocorrência se deve ao fato dos homens trabalharem, no estaleiro, situado no mesmo espaço físico da residência, não se ausentando do local,

enquanto que as mulheres executam serviços domésticos fora da rede, o que lingüisticamente significa maior uso do dialeto local pelos homens.

Quanto ao bairro de Clonard, a diferença entre sexo e uso do vernáculo não é muito acentuado porque os homens não têm emprego fixo no local, ausentando-se tanto quanto as mulheres para o trabalho. Como consequência, o desempenho lingüístico é, em regra, similar entre os sexos.

Mas, ao analisar a fala de duas mulheres do bairro com características econômicas e etárias semelhantes, MILROY se deparou com uma exceção porque uma delas usava uma variante próxima do padrão, enquanto que a outra demonstrava uma forte preferência pelo dialeto local, que era uma característica dos moradores em geral.

Ao averiguar a rede de comunicação de ambas, constatou que uma não trabalhava fora da rede, tinha uma família numerosa, relacionava-se muito bem com os vizinhos, visitando-os seguidamente. A outra mulher, não tinha filhos, não visitava vizinhos, suas horas de lazer eram passadas na frente da T.V. e mantinha um círculo de amizades no seu trabalho, fora da rede. A conclusão de MILROY foi que as redes diferentes nas quais as mulheres interagiam se refletiam no seu desempenho lingüístico. Novamente, a exceção é explicada pela rede social enquanto que a regra é justificada pela correlação idade, sexo e localização geográfica.

BORTONI explica a difusão dialetal em Brazlândia correlacionando idade, sexo e integração à rede urbana. Observou que as mulheres ficam restritas ao grupo de origem, o

que dificulta a integração à vida urbana e em consequência a difusão dialetal demora em ocorrer por se comunicarem por bastante tempo no dialeto caipira. Os homens, por sua vez, estão mais sujeitos à difusão dialetal e integram-se rapidamente à vida urbana porque o trabalho lhes propicia contato com redes externas. Assim, eles substituem com mais rapidez do que as mulheres, o dialeto caipira por outra variedade urbana.

Esta regra, porém, é quebrada ao analisar a fala de dois rapazes, que embora irmãos e criados no mesmo ambiente, demonstravam diferenças marcantes na sua fala. Um deles apresentava elevado índice de características do falar caipira, enquanto que o irmão mostrava uma clara tendência pela fala padrão. Este fato foi associado a redes diferentes a que cada qual pertencia. O primeiro mantinha muitos amigos na vizinhança, não gostava de estudar e trocava seguidamente de emprego. O outro, pertencia à Associação Vicentina que permitia integração com redes externas, pretendia cursar uma faculdade e mantinha um emprego estável. A rede de ambos divergia resultando num desempenho lingüístico também divergente.

Pelo trabalho realizado em Dez de Maio, as evidências parecem mostrar que as redes fechada ou aberta não têm a função de explicar as exceções lingüísticas, mas funcionam como regra condicionadora. Observou-se que na comunidade, independente de sexo, idade ou escolaridade, todos os informantes mantêm a interferência da língua alemã na fala do português. E o parâmetro para detectar o grau desta interferência são as redes de comunicação. Os falantes mais expostos a redes externas

demonstram menor grau de interferência do que aqueles que se mantêm isolados na rede fechada.

Se o grau de interferência, na comunidade, é mais acentuado nos homens do que nas mulheres é porque eles fazem questão de permanecer num grupo fechado, onde a língua portuguesa tem um mero papel instrumental e não pelo fato de serem homens. Como nesta rede a preferência pela língua materna é mais acentuada é justificável a permanência de um maior grau de interferência. No momento em que um destes elementos opta por um contato mais intenso com a rede aberta, o resultado será uma interferência menos marcante, como é o caso de E.P. que, embora integrado ao grupo local, demonstra menos interferência pelo interesse pessoal em atenuar esta marca lingüística.

O fator idade também não é o determinante da interferência, porque observou-se, através de J.L. (18), e E.S. (50), que o grau de interferência é muito próximo originário da mesma rede fechada a qual ambos pertencem.

A escolaridade é outro fator não determinante porque dos informantes anteriormente citados, J.L. (18) está completando, o segundo grau, enquanto que E.S. (50) só cursou até a 4ª série, mas apresentam graus semelhantes de interferência. Assim, os homens da comunidade possuem a sua rede na qual interagem e estabelecem suas regras de conduta, inclusive lingüísticas.

Quanto às mulheres, independente de idade, sexo ou escolaridade, também todas apresentam interferência da primeira língua na fala da segunda. Novamente, o que determina maior ou menor grau de interferência é o contato que mantiveram ou

mantêm com rede aberta ou fechada. As que foram expostas a redes externas, via escola externa, apresentam menor interferência, não devido ao trabalho pedagógico da escola, mas pela oportunidade de contatar com uma rede de comunicação aberta.

O interesse feminino pelo estudo e em consequência a exposição à rede aberta se explica por ser uma oportunidade de libertação das atribuições que lhes eram reservadas nas famílias, a de ser dona de casa e mãe. A rede fechada, a que ficaram restritas as demais mulheres, independente de escolaridade ou idade, foi responsável pela manutenção de maior grau de interferência.

Portanto, se as mulheres apresentam um menor grau de interferência, não se deve ao fato de serem mulheres, mas por conviverem, durante alguns anos com redes abertas ou ainda interagirem neste tipo de rede. Fizeram desta convivência uma oportunidade de diminuir a interferência entre as línguas.

Este interesse não é verificado entre os homens, que demonstram satisfação em cultivar a terra e se identificar lingüisticamente com o grupo local com exceção dos que preferiram estudar nos seminários como forma de repúdio à vida agrícola. Entre estes, os que não optaram pela vida religiosa, dedicaram-se a outras atividades fora da rede local.

A escolaridade também não parece ser um fator determinante entre as mulheres, pois C.S.(13) e J.P.(14), possuem o mesmo grau de instrução. No entanto, C.S. demonstra na fala, muito mais interferência que J.P. Já T.B., mais velha e com menos instrução que C.S., apresenta um grau de

interferência bem inferior. O que determina este desnível são as redes, fechada ou aberta, na qual elas estão inseridas.

Aparentemente, homens e mulheres mais velhos tendem a demonstrar maior grau de interferência do que os jovens de ambos os sexos. Isto, porém não se explica pela idade, mas pela rede na qual eles interagem. Se nesta rede mais velha, a regra é manter a comunicação através da língua alemã, é provável que a interferência demorará a ser eliminada. E, por opção, grande parte da fala deste grupo, possivelmente se encontra cristalizada, fossilizada, o que equivale a dizer, não propensa a mudanças, em direção a uma variedade com menos interferência.

Se, no grupo mais jovem o grau de interferência aparenta ser menos intenso, também se justifica pela rede que fazem parte estes jovens. Como eles são mais expostos ao ensino sistematizado, aos meios de comunicação e a grupos externos, através do esporte e grupos de jovens é natural que sua rede tenha a tendência de denotar menos interferência. É provável que se ficassem restritos à rede de comunicação fossilizada dos mais velhos, sua fala denunciaria estas características.

CONCLUSÃO

O propósito da Escola em ligar a rede insulada de Dez de Maio a redes externas, pela sua ação pedagógica, por estudos e debates com a comunidade, resultou em questionamentos até então não cogitados pelo grupo local.

Inicialmente, a atitude da Escola em enfocar uma realidade estranha à rede insulada, possivelmente, serviu para reforçar e consolidar a idéia de que o mundo representado pela rede local era muito mais seguro do que o externo, repleto de conflitos e perigos.

A abertura da rede insulada resultaria, no entender da maioria dos integrantes, na substituição do emprego, da fartura e da honestidade pelo desemprego, miséria e marginalidade. A industrialização, o crescimento comercial e populacional, conseqüentes deste fato, não compensariam a privacidade, o sossego e a segurança oferecidos por uma rede alicerçada na confiança, amizade e respeito mútuo.

Este raciocínio teve como resultado prático a estagnação do distrito mais antigo de Toledo, que não conseguiu sua emancipação política, enquanto outros criados posteriormente, se transformaram em municípios e tiveram um considerável crescimento comercial, industrial e populacional.

Como resultado das discussões provocadas pela escola, hoje, uma pequena parcela da população vê como prioridade a emancipação política e com ela, um avanço social e econômico, o

que proporcionaria um aumento de oferta de empregos que não seriam supridos pelo número reduzido de habitantes.

Em razão desta situação gerada, elementos estranhos provenientes de outras redes passariam a integrar a rede local. A consequência social seria a transformação talvez lenta e quase imperceptível, da rede insulada em integrada a outros valores e exigências da nova realidade.

Parece que a Escola provocando este choque de redes, tendo, de um lado, o grupo pertencente à rede insulada e do outro, a tentativa escolar em integrá-la a redes externas, poderia atingir seus objetivos que não foram alcançados com sua ação pedagógica.

Este conflito colocaria a comunidade, pressionada por interesses econômicos externos, num impasse. Se o grupo aceitasse a transformação desta rede insulada em rede integrada a outras, Dez de Maio poderia se emancipar e apresentar um crescimento similar ao de outras cidades da região porque possui condições físicas e econômicas para que isto se concretize. No entanto, se a opção fosse pela conservação da rede insulada, mostraria que os valores e a segurança grupais seriam mais significativos do que o progresso e crescimento.

Retomando a análise realizada neste trabalho sobre a comunidade, pode-se afirmar que as principais transformações ocorridas desde o seu surgimento, relacionam-se ao aspecto educacional e econômico.

A escola, com suas filosofias foi tentando mostrar aos integrantes do grupo um mundo externo e de valores diversos dos cultivados no local. Se o objetivo de integrar a rede insulada

não foi atingido e a interferência entre as duas línguas faladas na comunidade não foi eliminada, ao menos, provocou a necessidade de reflexão sobre o assunto, tirando o grupo de sua tranquilidade e apatia.

Economicamente, a necessidade de abertura de rede foi provocada pelo incentivo à cultura comercial da soja na década de 70. A partir daí, as exigências comerciais e econômicas foram impondo o contato com redes externas o que no entanto, não eliminou a interferência lingüística dos falantes locais.

Atualmente, o grupo vem tomando consciência de que a emancipação política e econômica está atrelada a uma maior integração a redes externas. Este fato, por prever a fixação na localidade, de outros grupos com variedades lingüísticas diferentes pode colaborar para uma alteração no desempenho lingüístico dos nativos, diminuindo ou eliminando, gradativamente, a interferência da língua alemã na fala do português.

Até se poderia argumentar que a perspectiva de um maior crescimento econômico seria um fator suficiente para a abertura e integração da rede, gerando com isto, um decréscimo na interferência, já que os interesses capitalistas dos seus integrantes são perceptíveis pelo aumento e incrementação de suas propriedades.

Mas, como as dificuldades enfrentadas pelos pioneiros foram superadas e os benefícios econômicos conquistados pelas atuais gerações são visíveis, isso prova ao grupo que pode adquirir e usufruir de todos os bens materiais, sem se envolver

com redes externas, o que retardaria a eliminação da interferência entre as duas línguas.

As consequências lingüísticas do retraimento da comunidade em relação a outras redes parecem coincidir com a posição de BORTONI (1985), que ao realizar um estudo do processo de mudança lingüística na transição rural-urbana dos habitantes de Brazlândia, identificou dois tipos de redes sociais: a **integrada e insulada** as quais determinavam diferente desempenho lingüístico dos integrantes.

A autora resume os critérios analíticos e as características sociolingüísticos dos 02 tipos de rede no quadro a seguir :

Tipos de redes	Critérios analíticos			Características do repertório verbal
	Pressão normativa	Densidade de papéis sociais	Grupo de referência	
Redes Insuladas	Alto grau de consenso no grupo; resistência à mudança	Baixa densidade de papéis sociais; interação com um número limitado de pessoas	Grupo pré-migratório e familiar como grupo de referência	Focalização dialetal; acesso limitado ao código de prestígio
Redes Integradas	Menor exposição a influências externas.	Densidade mais alta de papéis sociais; interação com pessoas de "background" social e geográfico mais variado com diversos contextos sociais	Identificação com grupos de maior prestígio	Difusão dialetal; maior flexibilidade com relação ao controle do código e modos de falar de maior prestígio

60

Pode-se observar que os integrantes da rede insulada de Brazlândia mantêm um alto grau de consenso no grupo, apresentam baixa densidade de papéis sociais, têm como grupo de referência

60 BORTONI, Op. cit. : 173.

o grupo pré-migratório e familiar e se caracterizam lingüisticamente pela focalização dialetal.

Estes aspectos relativos à rede insulada apresentados no quadro, confirmam e reforçam as características de rede detectadas em Dez de Maio. Embora BORTONI trabalhe com a difusão dialetal em grupo monolíngue e aqui se aborde a problemática da interferência de uma língua na outra em comunidade bilíngue, a rede insulada na qual os componentes dos dois grupos interagem, gera conseqüências lingüísticas semelhantes pois o processo é o mesmo.

Observa-se que enquanto em Brasília a rede insulada dos falantes contribui para a focalização dialetal, em Dez de Maio é responsável pela manutenção da interferência da língua alemã na fala do português. Se, em Brasília, a focalização dialetal é mantida pela falta de acesso ao código de prestígio, em Dez de Maio, a interferência da língua alemã na fala do português é uma conseqüência do desejo de preservar a identidade e força grupais.

Enquanto, no estudo de BORTONI (1985), a integração urbana se revelou um fator importante na difusão dialetal, em Dez de Maio enfatiza-se, que a questão econômica seria, provavelmente, o fator preponderante de integração da rede local a redes externas porque exigiria a convivência dos moradores locais com elementos de outras redes trazidos pela exigência comercial e industrial. Conseqüentemente, verificar-se-ia uma maior diversidade lingüística com o emprego de novas variantes peculiares a estes novos integrantes. Provavelmente, a base lingüística desta rede insulada, centrada na língua

alemã, sofreria alterações gradativas. O decréscimo da interferência da língua alemã na fala do português estaria diretamente atrelado a esta integração da rede insulada a redes externas, via exigência econômica, as quais influenciariam também no comportamento lingüístico. Provavelmente, os componentes da rede integrada, apresentariam características semelhantes daquelas mostradas por BORTONI no quadro anterior.

No entanto, as evidências mostram que os moradores pretendem ampliar seu poderio econômico sem abdicar de seus valores étnico-culturais pois a possibilidade de conservar o **Deutschum**, que levou os ancestrais do grupo a optar pela vinda ao Brasil e não a escolha de outros países para emigrar, parece se conservar entre os moradores. A liberdade do uso da língua materna e o cultivo de valores étnico-culturais, superam as perspectivas econômicas atingíveis pela integração da rede a outras.

Apesar da resistência do grupo em se integrar, temeroso de perder sua identidade, observou-se pelo estudo realizado, que alguns integrantes já mostram um decréscimo na interferência da língua alemã na fala do português.

A pesquisa também demonstrou que a rede externa com a qual estes falantes tiveram ou tem contato, através da frequência à escola externa ou motivados pelos negócios, é responsável pela diminuição da interferência. A escola local que poderia funcionar como um agente de mudança lingüística, não conseguiu atingir este intento pelo motivo já discutido, ou seja, ela serve de instrumento de reprodução dos valores da rede insulada.

É possível que o deslocamento de jovens para estudar em outras redes e o seu retorno para dirigir os negócios da família resultem numa diminuição da interferência entre as duas línguas, porque o contato sistemático com outra variedade lingüística sem o contato paralelo com a fala do alemão poderia resultar no decréscimo da interferência. Também, a permanência por algum tempo numa rede externa poderia transformá-la na rede de **referência** dos jovens, adotando seus valores, inclusive lingüísticos. Com isto, poderiam optar por permanecer na mesma ou retornar à rede de **origem** com outro comportamento também referente ao uso da língua.

Mas, deve-se lembrar que muitos concluem seus estudos na rede local e aí permanecem, adotando e reproduzindo seus valores. Os meios de comunicação a que têm acesso, como a TV e rádio, parecem não atingir estes espectadores e ouvintes pois não demonstram, na fala, a adoção de variedades propagadas por estes veículos, conforme se constatou pela observação direta do comportamento lingüístico diário.

É aceitável que a integração da rede insulada local e a diminuição da interferência lingüística da língua alemã na fala do português estão condicionadas à aceitação, por parte dos integrantes da rede local, de elementos externos pertencentes a outras etnias e falantes de outros dialetos.

Entretanto, é conveniente considerar que as transformações observadas desde o surgimento da comunidade, relacionam-se ao crescimento econômico. Quanto às bases étnico-culturais e lingüísticas, permanecem praticamente as mesmas devido ao valor atribuído pela família à preservação

da identidade grupal, utilizando a língua alemã como veículo de comunicação e identificação. Este fato contribui para o enraizamento da rede, demonstrando que, ainda hoje, o **Deutschtum** prevalece sobre a força econômica como aconteceu com os antepassados que deixaram de emigrar para os Estados Unidos da América, onde teriam uma ascensão econômica mais rápida e gratificante em troca da abdicação de seus valores culturais alemães e do uso da língua materna.

Como esta tendência já perdura por, no mínimo, três gerações, é provável que os futuros descendentes continuem a preservar estes aspectos, fortalecidos pelo orgulho em manter a característica lingüística como identidade grupal, independente de pressões econômicas de redes externas.

Assim, diante de uma rede insulada alicerçada em valores centenários, a penetração de uma outra rede com outras variedades lingüísticas parece ser uma tarefa que demanda tempo e perseverança.

Como não existe, por enquanto, uma disposição real em eliminar a interferência da língua alemã na fala do português, é provável que sua manutenção se manifeste entre o grupo por um tempo considerável.

Percebe-se também, pela análise lingüística realizada, que as características, entre os falantes, se manifestam em graus diferentes. A correlação realizada entre as células femininas e masculinas confirmou os resultados da observação direta, quando se constatou que entre as mulheres, o emprego do /r/ medial e inicial, em vez do /x/, aparece com a mesma intensidade. Já o emprego de /é/ inicial ocorre com menor

frequência. Quanto aos homens, a ocorrência de /r/ medial foi mais marcante do que o emprego de /r/ inicial, em vez do /x/ ficando o uso do /s/, no lugar de /z/, como ocorrência menos saliente.

Resumindo, entre as duas variantes analisadas, observou-se uma maior incidência no emprego de /r/ medial, em relação ao uso de /x/, uma das variantes utilizadas na variedade padrão do Brasil. O /r/ inicial, em vez do /x/, foi empregado com menos frequência pelos informantes. A utilização de /s/, no lugar de /z/, apresenta-se como a variante com maior grau de difusão entre as estudadas. E é importante considerar que a manutenção destas interferências é resultante da rede de comunicação dos informantes, e não dos fatores sexo, idade ou escolaridade, tradicionalmente apontados como responsáveis por este tipo de ocorrência.

Portanto, partindo do pressuposto de que a rede social de Dez de Maio é um fator importante para determinar o comportamento, não só social, mas também lingüístico, é provável que algumas dúvidas e questionamentos surjam junto a uma considerável gama de opções para complementar ou ampliar este estudo.

Por exemplo, priorizou-se aqui a verificação das causas da manutenção da interferência entre as duas línguas em falantes confinados numa rede insulada. Seria interessante pesquisar qual o efeito de uma rede aberta sobre um indivíduo que a escolhesse como rede de referência, aceitando com esta atitude, exigências lingüísticas impostas pela nova rede.

Poder-se-ia também mostrar as conseqüências positivas do ensino institucionalizado, referente à questão bilingüismo e avaliar o decréscimo da interferência nos informantes expostos ao mesmo. Acredita-se nesta possibilidade desde que a fonte deste ensino proviesse de escola fora da rede insulada porque do contrário, a força étnica representada pelas famílias, sufocaria qualquer tentativa escolar, como foi demonstrado neste trabalho.

Seria ainda possível estudar mais detalhadamente a localização da pessoa numa rede insulada tendo como parâmetro elementos **centrais, secundários e periféricos** e detectar as conseqüências lingüísticas desta diferença de papéis sociais.

Ou ainda, tentar mostrar que o relacionamento social **primário, funcional ou periférico** entre os componentes de uma rede seria característico de uma rede uniplex por apresentar uma estrutura diversa da rede multiplex e verificar como este relacionamento implicaria o comportamento lingüístico dos falantes.

Por fim, quem sabe, retornar ao aspecto enfocado neste trabalho daqui a alguns anos para verificar as alterações ou transformações ocorridas na comunidade, relativas ao emprego das duas línguas.

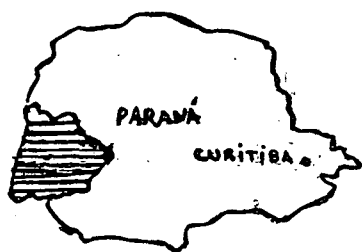
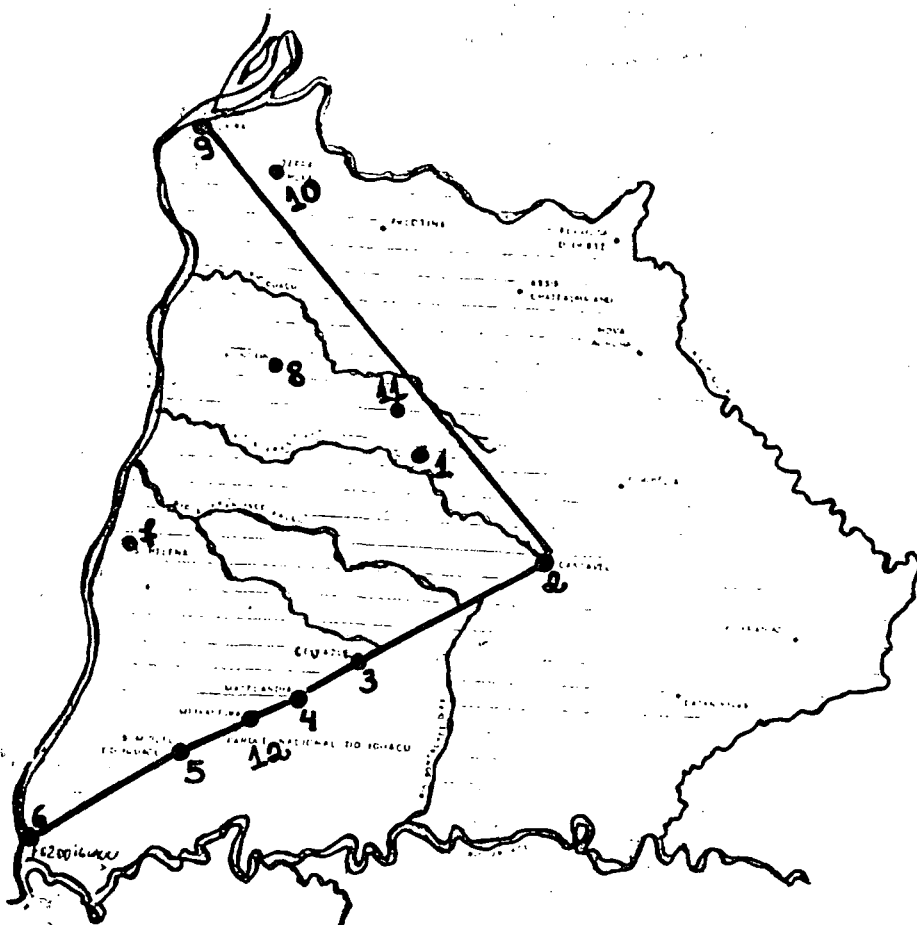
ANEXOS

1. Mapa localizando a região oeste do Paraná.
2. Mapa do Município de Toledo.
3. Mapa do Distrito de Dez de Maio.
4. Planta da Escola Estadual Miguel Dewes de Dez de Maio I.
5. Planta da Escola Estadual Miguel Dewes de Dez de Maio II.
6. Letra do Hino Religioso Deus Eterno, em português.
7. Letra e música do Hino Religioso Deus Eterno, em alemão.
8. Relação dos funcionários e dos professores da Escola Municipal e Estadual Miguel Dewes (1992).

ANEXO 1

LEGENDA

- 1 - Toledo
- 2 - Cascavel
- 3 - Céu Azul
- 4 - Matelândia
- 5 - São Miguel do Iguaçu
- 6 - Foz de Iguaçu
- 7 - Santa Helena
- 8 - Mal. Cândido Rondon
- 9 - Guaíra
- 10 - Terra Roxa
- 11 - Nova Santa Rosa
- 12 - Medianeira

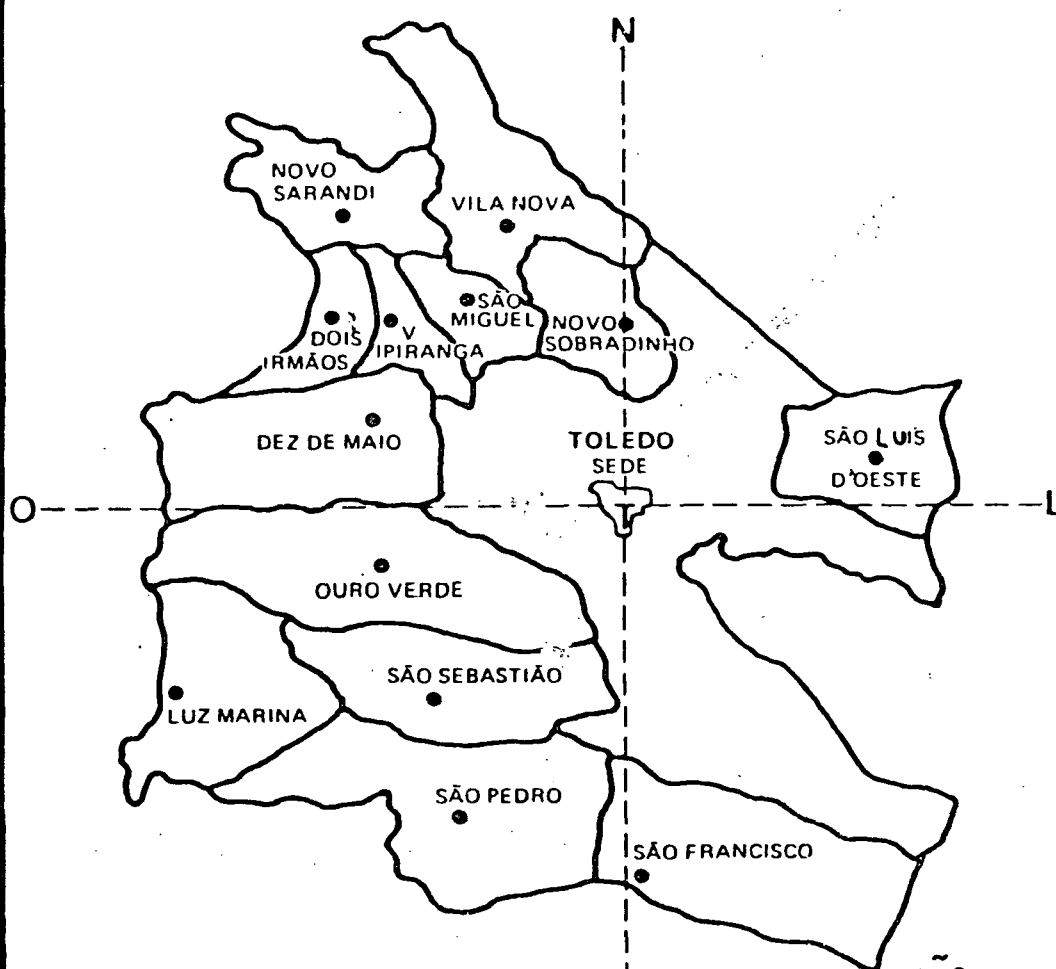


> Região Estudada

≡ Oeste do Paraná

ANEXO 2

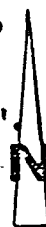
Toledo e seus Distritos



* O distrito de Ouro Verde teve sua emancipação política em 1989.

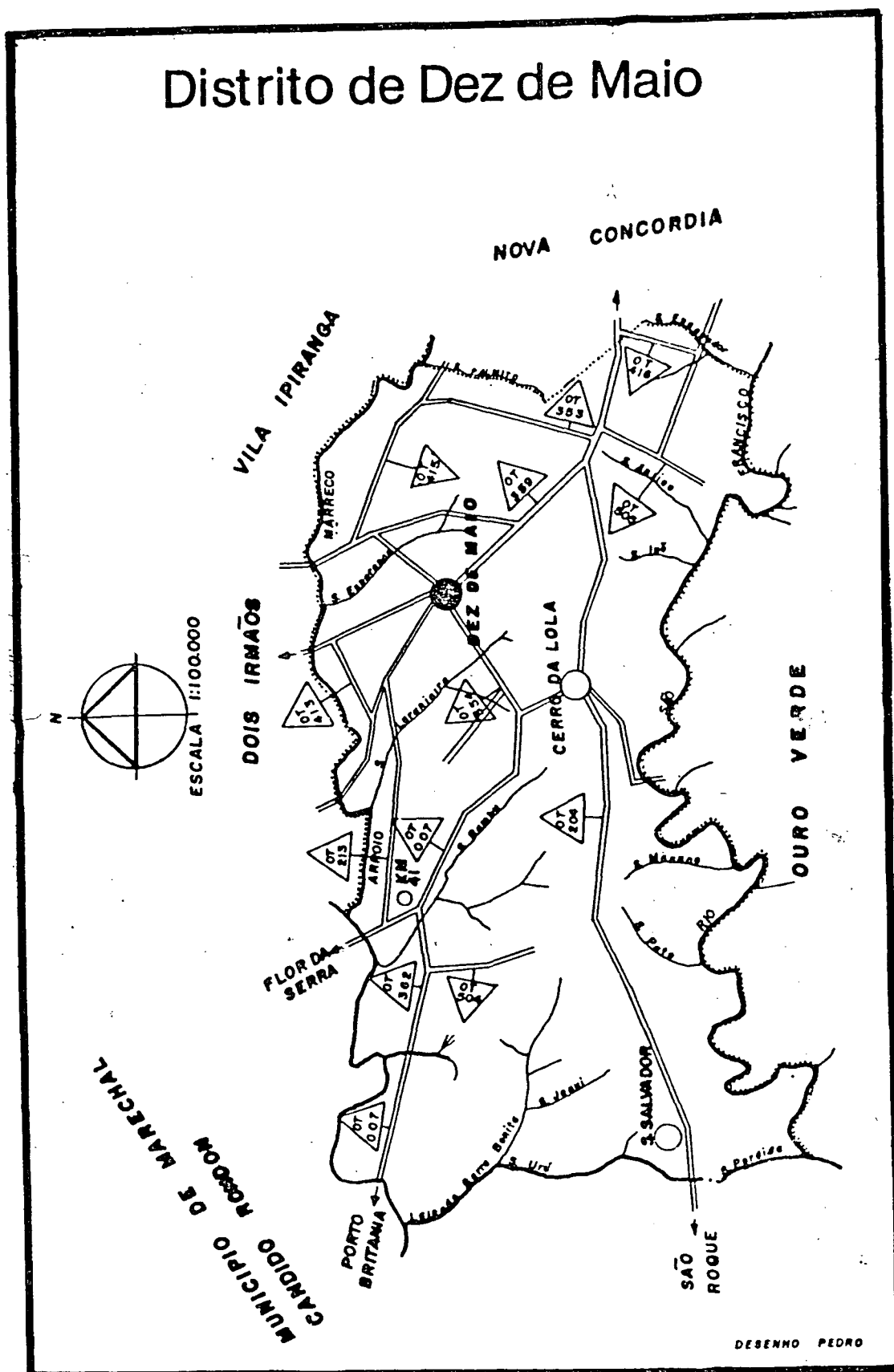
* O distrito de São Pedro teve sua emancipação política em 1993.

Estas comunidades são freguesias por "nortistas".



ANEXO 3

Distrito de Dez de Maio



PLANTA

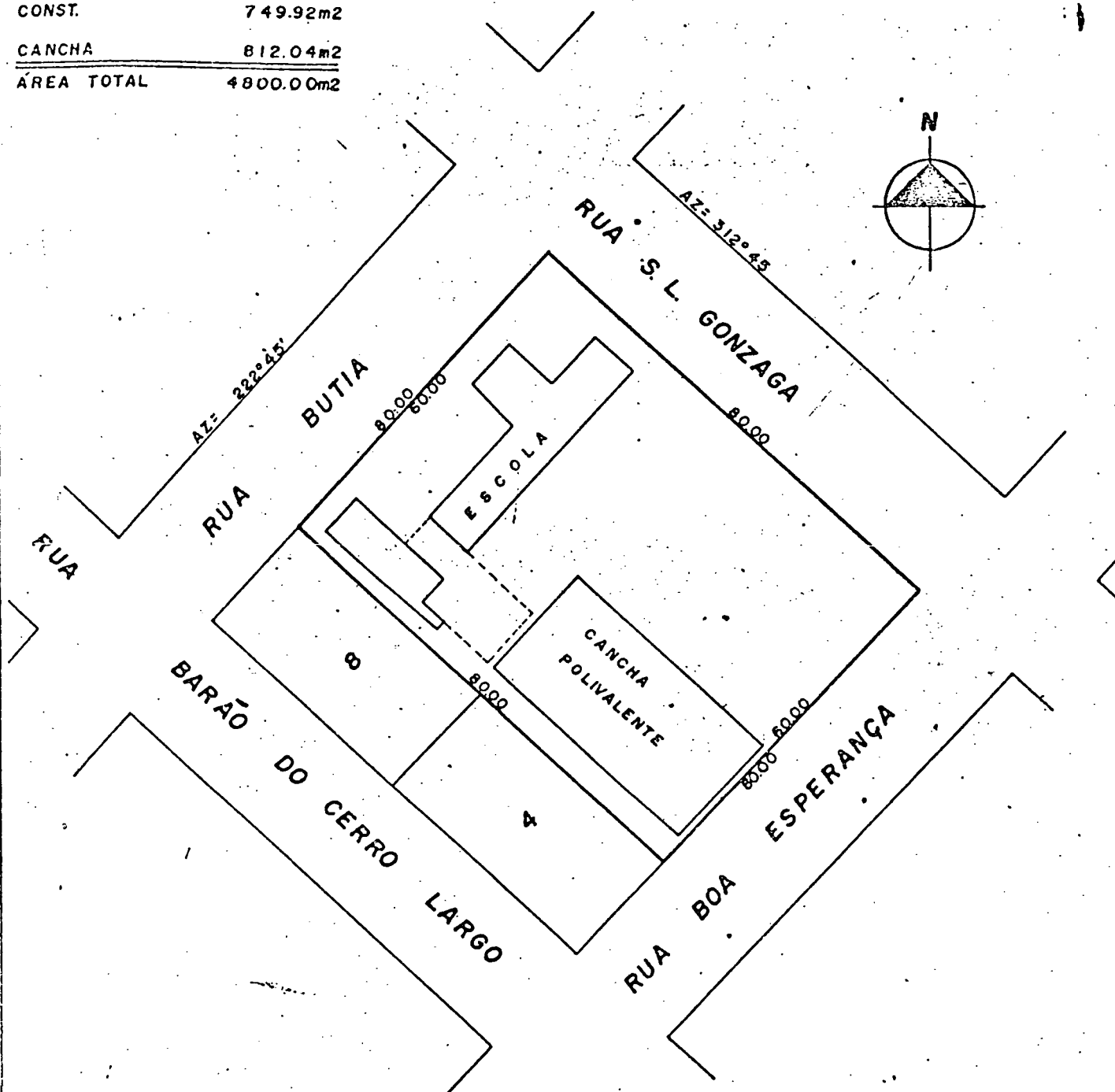
DA AREA DA ESCOLA MIGUEL DEWIS CONPOS
TA DOS LOTES Nº 1,2,3,5,6,7 DA QUADRA
K EM IO DE MAIO MUNICIPIO DE TOLEDO PR

ESCALA = 1:1000

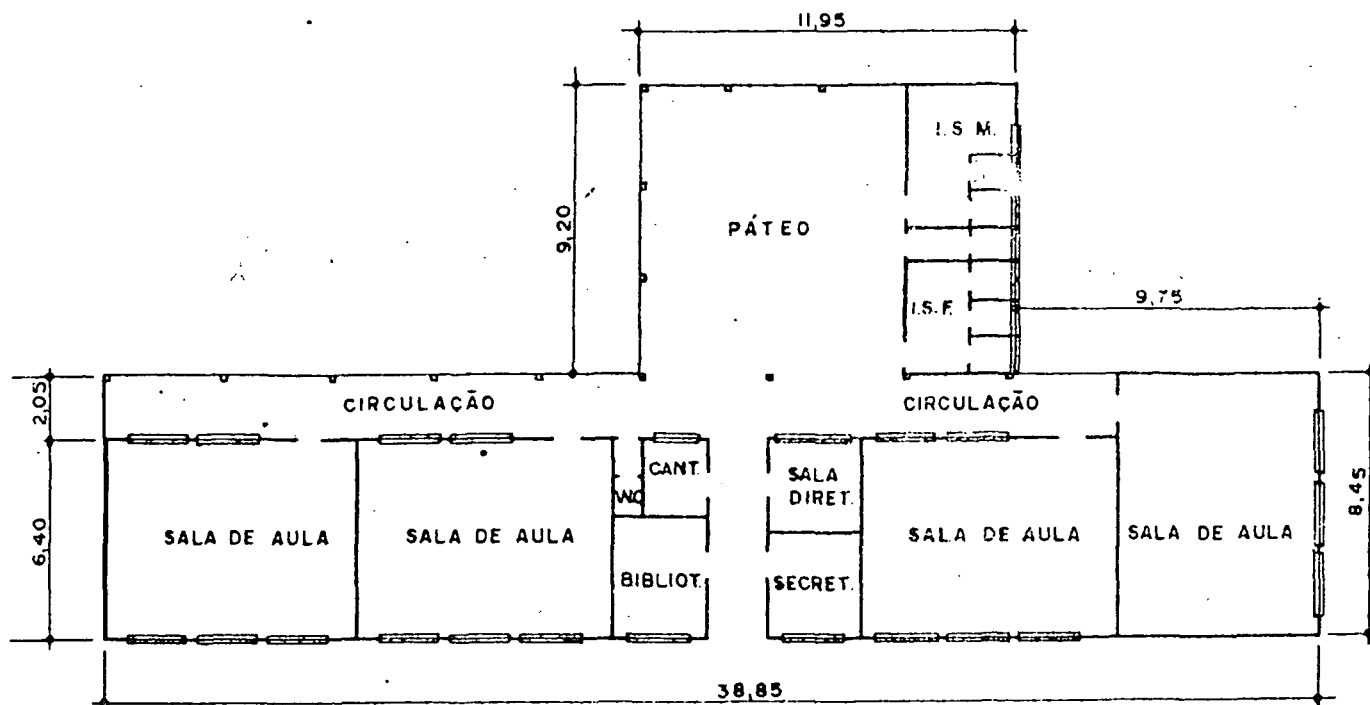
QUADRO DE ÁREAS

ÁREA LIVRE	3 238.04m ²
CONST.	7 49.92m ²
CANCHA	812.04m ²
ÁREA TOTAL	4 800.00m ²

ANEXO 4

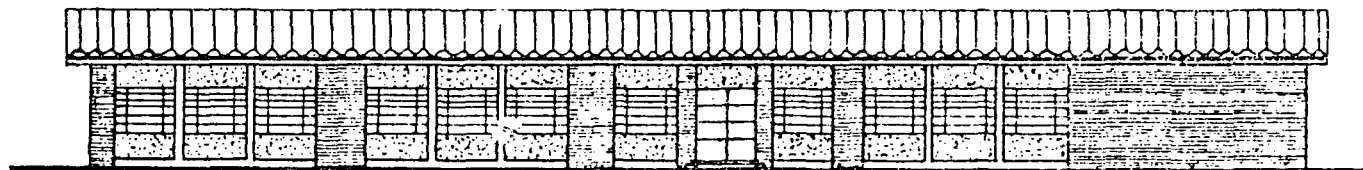


ANEXO 5



PLANTA BAIXA

ESCALA 1:250



ELEVAÇÃO

ESCALA 1:250

PREFEITURA MUNICIPAL DE TOLEDO
ESTADO PARANÁ
ESCOLA FUNDAMENTAL " MIGUEL DEWEES "

DEZ DE MAIO

GESTÃO: DR. WILSON CARLOS KUHN
DR. LAMARTINE D. CORTES

ANEXO 6

112

Cantos 496-505

496

1. Deus eterno, a vós louvor! * Glória a Vossa
Majestade! * Anjos e homens com fervor, *
Vos adoram, Deus Trindade. * ||:Santo, Santo,
sois Senhor, * cante a terra com amor!:||.
2. Pai Eterno, a criação * que chamastes vós do nada, *
que sustenta vossa mão * com acorde imenso brada: *
||:quem me fez foi vosso amor, * glória a Vós, Pai
Criador!>:||.
3. Filho eterno, nosso irmão, * vossa morte deu-nos vida, *
vosso sangue salvação. * tôda a Igreja agradecida *
||:exaltando a Vós, Jesus, * glórias cante a vossa Cruz!:||.
4. Almo Espírito do Amor, * eis vós louvam vossos santos, *
qual de um iris o fulgor * entoando eternos cantos. *
||:Nós também, com grato ardor, * celebramos vosso
amor:||.

ANEXO 7

340

Vier verschiedene Inhalts.

196. Lob- und Danklied zu Gott (Deutsches „Te Deum“).
Einheitslied.

1. O Gro-ßer Gott, wir lo-ben dich,
Vor dir neigt die Er-de sich,
Herr, wir prei-sen dei-ne Stär-ke;
Und be-rühm-dert dei-ne Wer-ke.
Wie du wachst vor al-ler Zeit. So bleibst
du in E-wig, frei.

Lob- und Danklied zu Gott.

341

2. Alles, was dich preisen kann, • Cherubim und Sera-phinen • Stimmen dir ein Loblied an: • Alle Engel, die dir dienen, • Rufen dir stets ohne Ruh': • „Heilig, heilig, heilig!“ zu.

3. Heilig, Herr, Gott Sabaoth, • Heilig, Herr der Himmelsheere, • Starker Helfer in der Not! • Himmel, Erde, Luft und Meere • Sind erfüllt von deinem Ruhm, • Alles ist dein Eigentum!

4. Der Apostel Christi Chor, • Der Propheten hehre Menge • Schickt zu deinem Thron empor • Neue Lob- und Dank-gefänge: • Der Hingegen lichte Schar • Lobt und preist dich immerdar.

5. Auf dem ganzen Erden-kreis • Loben Große dich und Kleine; • Dir, Gott Vater, dir zum Preis • Singt die heilige Gemeinde. • Ehrt mit dir auf seinem Thron • Dei-nen eingebornen Sohn.

6. Sie verehrt den Heil'gen Geist, • Der uns allen Trost gewähret, • Der mit Kraft die Seelen speist • Und uns alle Wahrheit lehret, • Der mit dir, Herr Jesu Christi, • Und dem Vater ewig ist.

7. Du, des Vaters ew'ger Sohn, • Hast die Menschheit angenommen, • Bist vom hohen Himmels-thron • Zu

uns auf die Welt gekommen, • Hast uns Gottes Grad' gebracht, • Von der Sünd' uns freigemacht.

8. Durch dich steht das Him-melster • Allen, welche glau-ben, offen; • Du stellst uns dem Vater vor, • Wenn wir kindlich auf dich hoffen; • Du wilst kommen zum Gericht, • Wenn der letzte Tag anbricht.

9. Herr, steh deinen Dienern bei, • Welche dich in Drangt bitten! • Kaufstest durch dein Blut uns frei, • Hast den Tod für uns gelitten; • Nimm uns nach vollbrachtem Lauf • Zu dir in den Himmel auf!

10. Sieh dein Volk in Qua-den an, • Hilf uns, segne, Herr, dein Erbe, • Leit' es auf der rechten Bahn, • Daß der Feind es nicht verderbe! • Gib, daß wir durch Buß' und Fichtn • Dich im Himmel mögen sehn!

11. Alle Tage wollen wir • Dich und deinen Namen preisen • Und zu allen Zeiten dir • Ehre, Lob und Dank erweisen; • Laß uns nun, von Sünden rein, • Dir stets wohl-gefällig sein.

12. Herr, erbarm', erbarme dich! • Ueber uns sei stets dein Segen; • Deine Güte zeige sich • Uns auf allen unsern Wegen, • Wie wir hoffen allezeit, • Vater der Barmherzigkeit!

**RELAÇÃO DOS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA MUNICIPAL E
ESTADUAL MIGUEL DEWEES DE DEZ DE MAIO - 1992**

Nome	Função	Cidade
Vera Hertz	Prof ^{ma} . Pré I	Dez de Maio
Renilce Grando Spanhol	Aux. Pré I	Toledo *
Adelaide M. da Silva ⁶¹	Prof ^{ma} . Pré II	Dez de Maio
Dirce Maria Steffens	Prof ^{ma} . 1 ^a série	Dez de Maio
Lourdes O. de Moraes	Aux. 1 ^a série	Toledo *
Lídia Scheuer	Prof ^{ma} . 2 ^a série	Dez de Maio
Leoni Maria Everling	Prof ^{ma} . 3 ^a série	Dez de Maio
Neusa T. Bamberg Anschau	Prof ^{ma} . 4 ^a série	Dez de Maio
Inês Tereza Menegazzo	Prof ^{ma} . Ed. Fís.	Medianeira *
Leci Maria Hertz	Prof ^{ma} . Ingl. Port.	Dez de Maio
Ivete T. Anschau	Prof ^{ma} . Português	Dez de Maio
Léo Inácio Anschau	Prof. Matemát.	Dez de Maio
Rudi Pedro Lunkes	Diretor Est.	Dez de Maio
Jacinta Welter Kaiser	Diretora Munic.	Dez de Maio
Vera Inez Hertz	Coordenadora	Dez de Maio
Rosalina Hettwer Cassol	Secret. Geral	Dez de Maio
Marili Beatriz Schmidt	Aux. Administr.	Dez de Maio
Edith Maria Konzen	Merendeira	Dez de Maio
Dulce Cleci Diemer	Ajud. Limpeza	Dez de Maio

⁶¹ O marido da professora é bisneto de escravos que nasceu e viveu em rede alemã, adotando seus valores e falando corretamente a língua alemã.

Márcia M. I. Horn	Ajud. Limpeza	Dez de Maio
Maria Schmeing	Ajud. Limpeza	Dez de Maio
Bernadete B. Anschau	Ajud. Limpeza	Dez de Maio
Ilse Becker	Ajud. Limpeza	Dez de Maio

BIBLIOGRAFIA

- 01 ALTENHOFEN, Cléo Vilson. A aprendizagem do português em uma comunidade bilíngue do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado. Porto Alegre : UFRGS, 1990.
- 02 AMES, José Luiz. Liberdade e libertação na ética de Dussel. Dissertação de mestrado em Filosofia. Porto Alegre : PUC/RGS, 1987.
- 03 BELL, Roger T. Sociolinguistics. Londres : Batsford Ltda. 1976.ts
- 04 BEZ-MORO, Beatriz Maria. A relação teoria e prática no trabalho pedagógico do professor de inglês: um estudo na rede Estadual de ensino do Paraná. Dissertação de mestrado em Educação. Curitiba : UFPR, 1992.
- 05 BLOOMFIELD, Leonard. Language. New York : Holt Rinehart e Winston, 1933.
- 06 BORTONI-RICARDO, Stella Maris. The urbanization of rural dialect speakers. New York : Cambridge University Press, 1985.
- 07 _____. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In. TARALLO, Fernando (org.). Fotografias sociolinguísticas. Campinas: Pontes, 1989.
- 08 BOUFLEUER, José Pedro. Pedagogia latino-americana: Freire e Dussel. Ijuí : Unijuí, 1991.
- 09 BURT, Marina; DULAY, Heidi & KRASHEN, Stephen. Language two. New York : Oxford University Press, 1982.
- 10 CORREIO DO OESTE. Dez de Maio: trabalho e perseverança construíram uma comunidade próspera. Toledo, 05 set. 1984 : 10.
- 11 COCHRAN, Moncrieff; LARNER, Mary & RILEY, David at alli. Extending families - the social network of parento and their children. Cambridge : University Press, 1990.
- 12 DITTMAR, N. Sociolinguistics. Londres : Edward Arnold, 1978.

- 13 ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo : Perspectiva, 1989.
- 14 ERTHAL, Cecília Inês. A sociolinguistic analysis of bilingualism at Antônio Rebouças. Dissertação de mestrado em Letras. Curitiba : UFPR, 1977.
- 15 FARACO, Carlos Alberto. Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo : Ática, 1991.
- 16 FISHMAN, J. A. Readings in the sociology of language. The Hague : Mouton, 1972.
- 17 FRONTEIRA DO IGUAÇU. Dez de Maio com moderna escola. Cascavel, 06 mar. 1976 : 03.
- 18 FUERST-BAERNERT, Ute. Flashs metodológicos: a sociolinguística qualitativa/quantitativa. In TARALLO, Fernando. Fotografias sociolinguísticas. Campinas: Pontes, 1989.
- 19 GAL, Susan. Language shift: social determinants of linguistic change in bilingual Austria. New York : Academic Press, 1979.
- 20 GUMPERZ, J. J. & HYMES, D. Direction in sociolinguistics. Holt Rinehart Wiston, 1972.
- 21 _____. Language in social groups. Stanford : Stanford University Press, 1971.
- 22 HEYE, J. Considerações metodológicas sobre o estudo do bilinguismo. In: Anais do II encontro de estudos de bilinguismo e variação linguística da Região Sul. Florianópolis : UFSC, 1983.
- 23 KAHMANN, Christa Ingrid. Interferência entre a língua portuguesa e um dialeto alemão. Signo. Santa Cruz do Sul, v.12, n.18. nov., 1987 : 5-85.
- 24 KIPPER-HOPPE, Maria. A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz (1932-1945). Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1979.
- 25 KOCH, Walter. Escolas alemãs no Rio Grande do Sul. Porto Alegre : UFRG, 1974.
- 26 LABOV, W. (1972 a). Sociolinguistics patterns. Oxford : Blackwell, 1972.
- 27 _____. (1972 b). Language in the inner city. Philadelphia: University Press. Oxford : Blackwell.

- 28 LOMNITZ, L.A. Networks and marginality. New York: Academic Press, 1977.
- 29 MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: Joshua A. Fishmann (Org.). Readings in the sociology of language. The Hague : Mouton, 1972.
- 30 MILROY, Leslie. Language and social networks. Oxford : Basil Blackwell Publisher, 1980.
- 31 NODARI, Eunice Sueli. German emigration to Brazil in the nineteenth century: images and realities. Dissertação de mestrado em História. University of Califórnia : Davis, 1992.
- 32 REPENSANDO O OESTE. Projeto História. Cascavel : Assoeste, 1983.
- 33 ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Trans. Emery Ruas. Porto Alegre : Globo, 1969.
- 34 RUSSEL, Joan. Networks and sociolinguistics: variation in an African urban setting in sociolinguistic variation in speech communities. Edited by Suzanne Romaine, Edward Arnold, 1982.
- 35 SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 25.ed. São Paulo : Autores Associados, 1991.
- 36 _____. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 2.ed. São Paulo : Cortez, 1991.
- 37 SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Com licença, somos distritos de Toledo. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1988.
- 38 SILVA, Oscar; BRAGAGNOLLO, Rubens. MACIEL, Clori Fernandes. Toledo e sua história. Projeto História. Caxias do Sul : Universidade de Caxias do Sul, 1988.
- 39 TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo : Ática, 1986.
- 40 _____. Etnografias sociolinguísticas. Campinas : Pontes, 1989.
- 41 TRUDGILL, P. Sociolinguistics. Pelican Books, 1974.
- 42 TRIBUNA D'OESTE. Dez de Maio hoje. Toledo, 05 set. 1984 : 10-11.
- 43 WACHOWICZ, Rui Christovam. História do Paraná. 6.ed. Curitiba : Vicentina, 1988.
- 44 _____. Obras e ensaios e colonos. 6.ed. Curitiba : Vicentina, 1987.

45 WEINREICH, Uriel. Languages_in_contact. Paris : Mouton, 1974.

46 WEINREICH, Uriel; LABOV, W. & HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, e MALKIEL, Y. eds. Directions_for_historical_linguistics. Austin : University of Texas Press, 1968 : 95-188.